

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**UMA DISCUSSÃO DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE A PARTIR DAS
CONTRIBUIÇÕES DE FREUD E FERENCZI**

Sidney da Silva Pereira Bissoli

**SÃO CARLOS
2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**UMA DISCUSSÃO DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE A PARTIR DAS
CONTRIBUIÇÕES DE FREUD E FERENCZI**

Sidney da Silva Pereira Bissoli

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Richard Theisen Simanke.

**SÃO CARLOS
2008**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B623dc

Bissoli, Sidney da Silva Pereira.

Uma discussão do conceito de pulsão de morte a partir das contribuições de Freud e Ferenczi / Sidney da Silva Pereira Bissoli. -- São Carlos : UFSCar, 2008.

141 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2008.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Ferenczi, Sándor, 1873-1933. 3. Psicanálise e filosofia. 4. Psicanálise. I. Título.

CDD: 100 (20^a)

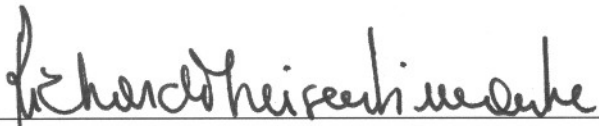
SIDNEY DA SILVA PEREIRA BISSOLI

**UMA DISCUSSÃO DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE A PARTIR DAS
CONTRIBUIÇÕES DE FREUD E FERENCZI**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em 29 de fevereiro de 2008

BANCA EXAMINADORA

Presidente 
(Dr. Richard Theisen Simanke)

1º Examinador 
(Dra. Fátima Siqueira Caropreso – PUC/PR)

2º Examinador 
(Dr. Francisco Verardi Bocca – PUC/PR)

Dedico este trabalho:
Aos meus pais, a partir de quem tudo para mim
começou.
À Rô, grande amor da minha vida, que me
acompanhou durante este percurso.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Richard Theisen Simanke, meu orientador, por ter confiado em mim e me apontado o caminho.

A todos os Professores do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, por terem me aceitado como aluno.

Aos membros das duas bancas examinadoras, pelas valiosas críticas e considerações.

Ao Prof. Dr. Reinaldo Furlan, pelo carinho dedicado.

À Associação Cultural e Educacional de Garça e à Prefeitura Municipal de Garça, por terem possibilitado que eu cumprisse os créditos.

Ao Dr. José Cesário Francisco Junior, por ter pensado comigo a vida e a morte em mim.

À Profa. Silvia Zacharias, que me emprestou material bibliográfico para a continuidade dos estudos aqui empreendidos.

Last, but not least, ao amigo Carlos Alberto Pedro, que, nas etapas finais do trabalho, salvou-me de meus mecanismos autodestrutivos.

RESUMO

A presente dissertação pretende discutir o conceito de pulsão de morte nas obras de Freud e Ferenczi. Figueiredo (1999) dissertou sobre tema semelhante a este, ao examinar as obras *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920) e *Thalassa* (Ferenczi, 1924), a partir de uma releitura do texto freudiano de 1920, aproximando ambos os psicanalistas no que concerne à noção de pulsão de morte, dando ênfase ao caráter regressivo, não propriamente de um grupo pulsional, mas do próprio organismo. No presente trabalho, enfoca-se a difícil conciliação entre Freud e Ferenczi neste ponto, levando o último, ao final, a marcar formalmente sua distinção em relação ao mestre.

Palavras-chave: Freud, Ferenczi, psicanálise, pulsão de morte.

ABSTRACT

The present dissertation intends to discuss the concept of death's drive in the works of Freud and Ferenczi. Figueiredo (1999) debated similar subject, as he examined *Beyond the pleasure principle* (FREUD, 192) and *Thalassa* (FERENCZI, 1924), through a rereading of Freudian's text of 1920, approaching both psychoanalysts in relation to death's drive notion, stressing the regressive character, not of a instinctual group, but of the own organism. The present essay, nevertheless, focuses the uneasy conciliation between Freud and Ferenczi in this point, leading the last, at his final thoughts, to emphasize formally his difference in relation to Freud.

Keywords: Freud, Ferenczi, psychoanalysis, death's drive.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.	Concepção da vida pulsional segundo Laplanche	13
FIGURA 2.	Relação entre predisposição neurótica e intensidade do trauma	67
FIGURA 3.	Quadro sinóptico das catástrofes terrestres, desenvolvimentos filogenéticos e repetições ontogenéticas da filogênese	96
FIGURA 4.	Quantidade de pulsões de vida e de morte X idade do indivíduo	114
FIGURA 5.	Esquema pulsional ferencziano	120

SUMÁRIO

CAPA	01
FOLHA DE ROSTO	02
FICHA CATALOGRÁFICA	02
FOLHA DE APROVAÇÃO	03
DEDICATÓRIA	04
AGRADECIMENTOS	05
RESUMO	06
ABSTRACT	07
LISTA DE FIGURAS	08
APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: O CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE EM <i>Além do Princípio de Prazer</i> (FREUD, 1920)	20
CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PULSÃO DE MORTE NOS TRABALHOS FREUDIANOS APÓS <i>Além do Princípio de Prazer</i>	35
CAPÍTULO 3: UM EXAME DA OBRA FERENCZIANA ANTERIOR A <i>Thalassa</i> (1924), SOB A ÓTICA DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE	49
CAPÍTULO 4: A PULSÃO DE MORTE EM <i>Thalassa</i> (1924)	81
CAPÍTULO 5: TEXTOS FERENCZIANOS APÓS <i>Thalassa</i> (1924) E A NOÇÃO DE PULSÃO DE MORTE	106
5.1 Os últimos artigos publicados em vida	106
5.2 Artigos e notas publicados postumamente	117
5.3 O <i>Diário Clínico</i> (1932)	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA SÍNTESE POSSÍVEL ACERCA DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE NA OBRA DE FERENCZI	130
REFERÊNCIAS	138

APRESENTAÇÃO

No decorrer deste trabalho de pesquisa, pretende-se discutir como o conceito de pulsão de morte é entendido nas obras de Freud e Ferenczi, com destaque para o último, haja vista Freud já ter sido longamente estudado pelos comentadores. Estes dois autores foram escolhidos devido à influência mútua que sofreram, e que resultou em *Além do Princípio de Prazer* (FREUD, 1920), para um, obra na qual esta noção surgiu, pela primeira vez, na literatura psicanalítica, e em *Thalassa* (1924), para outro, texto que influenciou significativamente Freud nas elaborações contidas em *Além do Princípio de Prazer* (1920).

Na *Introdução* deste trabalho, procura-se ilustrar um pouco da polêmica na qual o conceito de pulsão de morte está submerso, indo desde sua rejeição completa, por exemplo, por Winnicott, até a adesão total e simplificada deste conceito, tal como acontece na teoria kleiniana. Entre uma e outra posição extremada, há várias formas de se pensar o conceito de pulsão de morte, nem sempre coincidentes com o sistema freudiano. Destaca-se, também, um dos principais estudos brasileiros realizados sobre este tema, *Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi* (FIGUEIREDO, 1999), uma leitura próxima e desconstrutiva de *Além do Princípio de Prazer* (1920) e *Thalassa* (1924). Para Figueiredo (1999), o que se convencionou chamar de pulsão de morte, longe de se remeter a um novo grupo pulsional, deveria ser identificado única e exclusivamente àquilo que há de mais pulsional nos fenômenos da compulsão à repetição: o caráter retrógrado ou conservador das pulsões, o retorno ao estado anterior à perturbação, de modo a zerar a estimulação presente no interior do organismo. Nesse sentido, Freud e Ferenczi aproximam-se de forma inequívoca. O estudo realizado no presente contexto não ambiciona apresentar uma nova visão do conceito de pulsão de morte proposto por Freud, tampouco aproxima as idéias de Freud e Ferenczi entre si, como faz Figueiredo (1999), mas revela que, desde o início da elaboração teórica de Ferenczi, apesar de todas as suas tentativas explícitas de se alinhar às concepções do mestre, se há algum espaço para uma concepção tal como a pulsão de morte, este é, no mínimo, controverso, caso se entenda este conceito como uma tendência *primária* do organismo no sentido do retorno à situação de não-vida.

Como o conceito aqui analisado surgiu pela primeira vez em *Além do Princípio de Prazer* (FREUD, 1920), no *Capítulo 1* do presente trabalho de pesquisa, esta obra será acompanhada mais atentamente, levando à concepção de que Freud introduziu o conceito de pulsão de morte em função da necessidade – dentre outras – de encontrar uma base pulsional para os fenômenos apresentados pela compulsão à repetição. Quanto à questão de saber se

todas as pulsões são conservadoras ou retrógradas, ou apenas o grupo formado pelas pulsões de morte, nesta obra, Freud ficará com a primeira alternativa, mas este ponto de vista sofrerá inúmeras modificações no decorrer da elaboração teórica deste autor, até ser alterado completamente.

No *Capítulo 2*, dar-se-á continuidade ao exame da noção de pulsão de morte na obra de Freud, e os seguintes textos serão analisados: *O Ego e o Id* (1923), *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924), *Ansiedade e Vida Instintual* (1932), e *Esboço de Psicanálise* (1939). Principalmente nos dois primeiros textos, a teoria da pulsão de morte sofrerá ampliações, os mecanismos de fusão e desfusão com as pulsões de vida serão mais bem explicitados, a relação da pulsão de morte com o superego será delineada, da mesma forma que o conceito aqui examinado será utilizado para a explicação do aparente paradoxo apresentado pelo masoquista, qual seja, o da possibilidade de se obter prazer no sofrimento.

Com relação à obra de Ferenczi, apenas os textos que tiverem relação direta ou indireta com os fenômenos abrangidos pelo conceito de pulsão de morte serão examinados. Como a principal obra de Ferenczi neste sentido é *Thalassa* (1924), optou-se por dedicar um capítulo à parte para a análise desta – o *Capítulo 4* –, enquanto que os *Capítulos 3 e 5* tiveram como objetivo examinar os textos anteriores e posteriores à *Thalassa* (1924), respectivamente. Por fim, nas *Considerações Finais*, tentou-se fazer uma síntese da noção de pulsão de morte na obra de Ferenczi, de modo a poder relacioná-la com as concepções freudianas.

INTRODUÇÃO

O conceito de pulsão de morte foi proposto por Freud em 1920, na obra *Além do Princípio de Prazer*. De lá para cá, é difícil localizar uma noção que tenha se tornado tão polêmica na teoria psicanalítica. Alguns autores, por exemplo, seguiram Freud neste caminho, e fizeram da pulsão de morte a pedra angular de suas respectivas teorias, como, por exemplo, Melanie Klein (se bem que, há que se investigar as transformações que esta noção sofreu, ao ser inserida no sistema kleiniano). Por outro lado, Donald Woods Winnicott – no início, discípulo de Melanie Klein, que, gradativamente, foi se afastando desta autora, até o rompimento definitivo, quando da publicação de *Inveja e Gratidão* (KLEIN, 1957) – traçou sua teoria do desenvolvimento mental e da agressividade prescindindo do conceito de pulsão de morte.

Ilustrando um pouco mais dessa polêmica, em março de 1984, foi realizado um Simpósio na cidade de Marselha, organizado pela Federação Européia de Psicanálise, cujo objetivo era o de interligar as várias correntes psicanalíticas de pensamento, no que diz respeito, em especial, à noção de pulsão de morte. Este evento teve como debatedores: Jean Laplanche; Hanna Segal; Eero Rechartt; André Green; Pentti Ikonen; Clifford Yorke; e Daniel Widlöcher. O resultado deste Simpósio consta no livro *A Pulsão de Morte* (GREEN et al, 1988).

Jean Laplanche faz uma crítica à leitura kleiniana do conceito de pulsão de morte, afirmando que esta “não responde nem às experiências visadas por Freud nem à função da noção no equilíbrio geral do pensamento freudiano” (GREEN et al, 1988, p. 11-2). Para Laplanche (op. cit.), há três características do conceito de pulsão de morte que merecem ser destacadas: a) “a morte em questão é sempre, em primeiro lugar, a *morte do próprio indivíduo*” (id. ibid., p. 13); b) a pulsão de morte está estreitamente ligada às noções de princípio do zero ou princípio de Nirvana e de compulsão à repetição; c) a existência de uma pulsão de morte nunca pareceu a Freud incompatível com suas outras teses, tais como a ausência das idéias de negação, de contradição e de morte no inconsciente. Para o sistema teórico laplancheano, com a proposição da noção de pulsão de morte, reafirma-se algo que sempre estivera presente na experiência psicanalítica, mas apenas com maior força e nitidez: o caráter indomável, incontrollável e, eventualmente, mortífero, não apenas da sexualidade, mas também, ao que parece, do próprio inconsciente. Com isso, o autor propõe o seguinte esquema, que, à primeira vista, pelo menos, parece ser razoavelmente diferente do dualismo proposto por Freud, representado pelo conflito entre Eros e pulsão de morte:

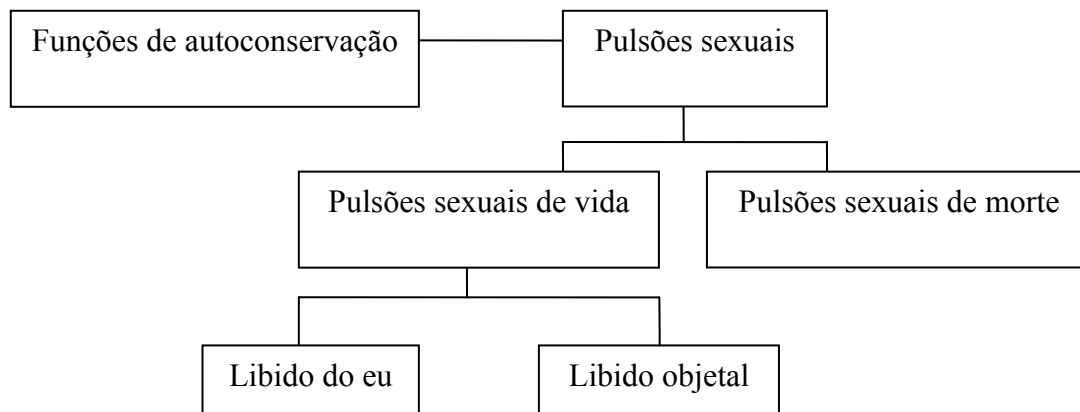


Figura 1. Concepção da vida pulsional segundo Laplanche (Fonte: GREEN, A. et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1988, p. 17)

Note-se que, para Laplanche, existem *funções* de autoconservação, e não *pulsões* de autoconservação ou *pulsões* do ego, pois o termo *Trieb* é reservado apenas à sexualidade. Assim, neste esquema, têm-se três dualismos: a) o dualismo entre as funções de autoconservação e as pulsões sexuais; b) o conflito entre as pulsões sexuais de vida e as pulsões sexuais de morte; c) o dualismo entre a libido do ego e a libido do objeto. Para Laplanche, as pulsões sexuais de vida representam a sexualidade ligada, investida, os aspectos da sexualidade dedicados a conservar o objeto, assim como a conservar o eu como objeto primário. Elas funcionam segundo o princípio de constância, e “seu fim é a síntese, a manutenção ou a constituição de unidades e de laços” (id. *ibid.*, p. 24). Já as pulsões sexuais de morte representam a sexualidade desligada, ou seja, a sexualidade mudando de objeto, tendo apenas um único fim que é o de correr o mais rápido possível para a satisfação e para a diminuição completa de seu desejo, o aspecto demoníaco da sexualidade, sujeitado ao processo primário e à compulsão à repetição. Elas funcionam segundo o princípio da energia livre (princípio do zero), e “seu fim é a descarga pulsional total, ao preço do aniquilamento do objeto” (id. *ibid.*, p. 24), sendo, ao mesmo tempo, “hostis ao eu ao qual tentam desestabilizar” (id. *ibid.*, p. 24).

Hanna Segal (op. cit.), em linha com as concepções kleinianas, aponta para uma utilização clínica e puramente psicológica do conflito entre as pulsões de vida e pulsões de morte: “o conflito entre a pulsão de vida e a pulsão de morte poderia ser formulado em termos puramente psicológicos” (id. *ibid.*, p. 30). Segal privilegia, seguindo Klein, o aspecto da destrutividade presente nas concepções da pulsão de morte. No entanto, quanto à dúvida de

saber se a pulsão de morte é dirigida primariamente para o interior e, secundariamente, para o mundo externo, como afirma Laplanche (e o próprio Freud), ou se haveria uma hetero-agressividade primária, Segal fica com a seguinte fórmula conciliatória: o aniquilamento é dirigido, *simultaneamente*, contra o self e contra o objeto. No que diz respeito à relação entre a teoria pulsional e a economia psíquica, a pulsão de morte teria como objetivo o aniquilamento de toda a dor, de todo o desprazer, de todas as tensões, que estão, originariamente, ligadas ao próprio existir. Com o intuito de aniquilar as dores do viver, o próprio aniquilamento do indivíduo poderia ser concebido pela psique. Nesta linha de pensamento, a pulsão de morte pareceria estar em consonância com o princípio de prazer e com o princípio do zero, seguindo terminologia laplancheana. No entanto, ao recusar as dores pelas quais todo sujeito está submetido pelo próprio fato de existir, a pulsão de morte rechaçaria, inevitavelmente, as alegrias correspondentes a este viver, também, de modo que esta pulsão pareceria obedecer apenas ao princípio do zero. Entretanto, Segal adverte contra essa relação direta entre pulsão de morte e princípio do zero (ou Nirvana):

Não acredito no Nirvana porque, desde nosso nascimento, suprimir a vida implica algo muito violento. Constata-se uma grande semelhança com os toxicômanos; aparentemente eles procuram o Nirvana, mas aquilo no que entram é, na verdade, um processo extremamente autodestrutivo. Tenho a impressão de que esta idéia de Nirvana conota uma recusa da realidade, uma idealização. Mas não ser não é idêntico ao Nirvana, é muito mais mortífero (id. *ibid.*, p. 94).

E, na medida em que o sujeito não é povoado apenas pela pulsão de morte, mas também quer viver e ser amado, “o trabalho da pulsão de morte suscita o temor, a dor e a culpa no eu que deseja viver e permanecer intacto” (id. *ibid.*, p. 37). Dizendo de outra forma, a pulsão de morte que, originariamente, teria como objetivo a aniquilação de toda dor proveniente do fato de o organismo estar vivo e ser dotado de necessidades que precisam ser satisfeitas pelo objeto, ao entrar em ação, contribui para o aparecimento de outro tipo de sofrimento, qual seja, a culpa do eu que deseja viver e permanecer intacto. Mas esta não é toda a dor proveniente da ação da pulsão de morte no aparelho mental, pois, na medida em que esta pulsão está ligada aos fenômenos do masoquismo, “a satisfação da pulsão de morte (...) está na dor” (id. *ibid.*, p. 37). Tem-se, ao que tudo indica, um paradoxo de difícil solução. Ao mesmo tempo, a pulsão de morte recusa e provoca a dor. Por fim, a diferença mais significativa entre Hanna Segal e Melanie Klein centra-se na questão da inveja. Ao passo que, para Melanie Klein, a inveja é expressão direta da pulsão de morte, de acordo com o

pensamento de Segal, a inveja é necessariamente ambivalente, uma vez que “está enraizada (...) na necessidade e na admiração” (id. *ibid.*, p. 39-40).

A concepção de Eero Rechartt caminha no sentido de enfatizar, não a busca pela morte ou pelo estado inorgânico, mas a procura pela paz. Talvez o mais correto, para representar as idéias deste autor, seja conceber uma *pulsão de paz*, ao invés de uma *pulsão de morte*. “A morte”, diz Rechartt, “é apenas uma forma particular deste estado de paz” (id. *ibid.*, p. 41), e, em um raciocínio completamente diferente de Melanie Klein e dos kleinianos, tal como Hanna Segal, “a destruição é somente um dos meios de lutar para alcançá-lo” (id. *ibid.*, p. 41). Assim, a pulsão de morte procura reduzir a tensão energética ao seu mínimo ou pelo menos busca mantê-la constante. Isso significa que, diferentemente de Jean Laplanche, Eero Rechartt não vê uma incompatibilidade entre o princípio de Nirvana (ou princípio do zero) e o princípio de constância. Recordando, Laplanche coloca as pulsões sexuais de vida a serviço do princípio de constância, e as pulsões sexuais de morte a serviço do princípio do zero; ou seja, para Laplanche, estes dois princípios só podem funcionar de formas diferentes.

Para André Green, a meta das pulsões de vida é garantir uma *função objetualizante*, ou seja, investir (catexizar) um objeto, mas não apenas, pois o próprio investimento pode ser investido ou objetualizado, ao passo que “a meta da pulsão de morte é realizar ao máximo uma *função desobjetualizante* através do desligamento” (id. *ibid.*, p. 60). O caráter destrutivo da pulsão de morte é manifestado através dessa função desobjetualizante. Esta concepção parece ser bem próxima à de Fairbairn, quando afirma que a libido busca, não a satisfação ou a descarga, como preconizava Freud, mas objetos, com a diferença de que, mais do que objetos, o que está sendo procurado por Eros – e rejeitado pela pulsão de morte – é, além do objeto, o próprio investimento (a catexia). Aqui há uma semelhança também com as concepções de Laplanche: “Para mim [Laplanche], a idéia do funcionamento mental ligado (correspondente às pulsões sexuais de vida) está absolutamente conforme ao que André Green chama de objetualização” (id. *ibid.*, p. 97).

Mas, diferentemente de Laplanche, André Green afirma que a compulsão à repetição não seria obra, por assim dizer, da ação da pulsão de morte no organismo, pois ela é característica de todo o funcionamento pulsional. E, por fim, Green assinala uma diferença importante entre sua concepção da pulsão de morte e a de Freud, expressa da seguinte forma: “não creio que se deva defender a idéia de que esta função autodestrutiva se expressaria *primitiva, espontânea* ou *automaticamente*” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 57). Este último ponto é importante, uma vez que se verá como, para Ferenczi, a pulsão de morte do organismo entrará

em ação apenas em circunstâncias muito especiais, principalmente, quando o ambiente não é capaz de garantir algumas condições mínimas para a existência do organismo.

Seja como for, vê-se, a partir deste breve debate, como o conceito de pulsão de morte pode tomar as mais diversas significações. Tal como André Green iniciou sua exposição neste Simpósio, “no que concerne à pulsão de morte, (...) nenhum dos sistemas teóricos pós-freudianos assume a letra da teoria freudiana” (id. *ibid.*, p. 54). Isto não é difícil de compreender, pois a própria obra freudiana está repleta de ambigüidades no que diz respeito à concepção da pulsão de morte.

Dito isto, o que será feito no decorrer deste trabalho de pesquisa é, em primeiro lugar, uma breve apresentação do percurso atravessado por Freud ao propor uma nova dualidade pulsional, em especial, ao propor a teoria da pulsão de morte, a partir de *Além do princípio de prazer* (1920); em segundo lugar, seguindo uma abordagem histórica e cronológica, será examinado, de maneira mais sistemática, como a noção de pulsão de morte pode ser entendida na obra de Sandor Ferenczi, e qual a posição que ela ocupa na obra deste autor. Podem-se citar algumas razões pelas quais Ferenczi foi escolhido neste trabalho de pesquisa para um estudo mais sistemático. Primeiramente, trata-se de um autor que foi por longos anos ignorado no meio psicanalítico, e apenas recentemente redescoberto. Ainda assim, pode-se considerá-lo pouco conhecido na atualidade. Há poucas pesquisas sobre a obra de Ferenczi no meio psicanalítico. Quando sua obra é apresentada, o destaque recai sobre as questões de ordem técnica, ao passo que suas proposições teóricas ocupam, na maior parte das vezes, o segundo plano. Em segundo lugar, ao ser o primeiro psicanalista a enfatizar a posição pessoal que o psicanalista ocupa em relação ao desenvolvimento mental do analisando e, por conseguinte, a consequência de tal posição para o sucesso ou o fracasso da análise, Ferenczi pode ser considerado um precursor legítimo da psicanálise contemporânea, idéia que é sustentada inclusive por André Green. Apenas a título de ilustração do que está sendo afirmado, atualmente fala-se em psicanálise vincular, ou em pessoa real do analista (por exemplo, ZIMERMAN, 1999), idéias que são bastante próximas das que Ferenczi tinha em mente, há aproximadamente 70 anos atrás.

Figueiredo (1999) empreendeu um estudo que tem alguma proximidade com a proposta deste. Através das correspondências trocadas por Freud e Ferenczi, descobriu-se que ambos tinham o projeto de escrever em conjunto um trabalho sobre psicologia biológica. Este projeto nunca chegou a ser concluído, mas deu origem, para um, a *Além do Princípio de Prazer* (FREUD, 1920), e, para outro, a *Thalassa* (FERENCZI, 1924). Sabe-se, inclusive, que *Thalassa* (1924) já estava praticamente pronto desde 1915, quando Ferenczi o apresentou a

Freud pela primeira vez. A gestação de *Além do Princípio de Prazer* (1920), por sua vez, se deu no ano de 1919. A partir disso, poder-se-ia supor que as idéias contidas em *Thalassa* (1924) influenciaram fortemente as teses apresentadas por Freud em 1920, em especial, a proposta da noção de pulsão de morte. Figueiredo (1999) sugere algo dessa natureza:

O que pensar, por exemplo, acerca da hipótese de que todo o “Além do princípio de prazer” nada mais seja que uma desproporcionalmente longa nota de rodapé anexada à curta nota de rodapé de Ferenczi¹? Mas esta hipótese, estou certo disso, não será lida por muitos e não será considerada como séria por ninguém e é apenas como apêndice em letra miúda de uma nota de rodapé que tenho coragem de apresentá-la (p. 159).

Mas, para manter a idéia de que Freud foi influenciado por Ferenczi no que diz respeito à proposição da noção de pulsão de morte, Figueiredo (1999) terá de fazer uma re-interpretação de *Além do Princípio de Prazer* (1920). Para este autor, a leitura da obra freudiana posterior a 1920, no que diz respeito à pulsionalidade, a partir de um dualismo simples, em que haveria dois grupos de pulsões, um que se esforçaria em prolongar a existência até quando fosse possível, outro que procuraria abreviar a jornada através da aniquilação muda e silenciosa do próprio indivíduo, é incorreta.

Apoiando-se em passagens do texto freudiano, Figueiredo (1999) procura mostrar que, em alguns casos, a morte protege a vida, bem como a vida também pode se revestir de um caráter mortífero. Outra maneira clássica de se enxergar o dualismo freudiano é ver no desligamento ações comandadas pela pulsão de morte, ao passo que a pulsão de vida tenderia a agrupar unidades cada vez maiores. Para este autor, esta leitura também é equivocada. Apoiando-se, desta vez, em *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924) e em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), este autor demonstra que, se Eros procura ligações, há formas de Eros que produzem desligamentos, da mesma forma que, se as forças de destruição promovem desligamentos, há dimensões e formas de “uso” destas forças que auxiliam na tarefa de manter as ligações e as coesões. A identificação operada por Melanie Klein entre ódio, destrutividade e pulsão de morte, por um lado, e amor e pulsão de vida, por outro, também é alvo de ataques por este autor, quando revela como, em algumas passagens, *Além do Princípio de Prazer* (1920) torna-se completamente incompreensível caso se entenda a pulsão de morte como destrutividade. Mas, então, o que restaria da teoria da pulsão de morte?

¹ Na verdade, trata-se de uma nota de rodapé do texto *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e Seus Estágios* (FERENCZI, 1913). Nela, Ferenczi afirma: “Se seguirmos este raciocínio até o fim é preciso considerar a existência de uma tendência para a inércia ou de uma tendência para a regressão, dominando a própria vida orgânica; a tendência para a evolução, para a adaptação, etc., dependeria, pelo contrário, unicamente de estímulos externos” (FERENCZI, *Psicanálise II*, 2003, p. 52).

Para Figueiredo (1999), pulsão de morte é um termo um tanto quanto inapropriado para se referir à base pulsional da compulsão à repetição, àquilo que há de mais pulsional nas pulsões, e o mais pulsional de uma pulsão...

diz respeito ao esforço de restaurar, de retornar ao estado de coisas anterior à perturbação, de retornar ao si mesmo, ao idêntico a si, ao berço cortinado que encapsula o si mesmo, mantendo-o a si mesmo ligado, adormecido, livre de qualquer desassossego, livre de qualquer suspeita (op. cit., p. 82).

Assim, da teoria da pulsão de morte, Figueiredo fica com o que nela remete ao esforço no sentido de restaurar um estado anterior de coisas, o caráter conservador ou retrógrado da pulsão. Seria um nome para designar uma característica universal das pulsões. Em *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea* (FIGUEIREDO, 2003), seu pensamento fica mais claro:

A compulsão à repetição, comandada pela chamada pulsão de morte (1) reflete *não só* a tendência à descarga e ao zero de tensão, pela via da destruição das diferenças e da dissolução de si e do outro, *como, em vez disso*, (2) uma afirmação e mesmo uma preservação *in extremis* do próprio; e, *não apenas, como, em vez disso*, (3) uma reiterada procura do objeto primordial, uma procura que passa, justamente, pela (1) destruição das diferenças e dissolução de si e do outro, e assim por diante... De sorte que o termo “pulsão de morte” acaba se revelando bem pouco adequado e muito restritivo para dar conta de tudo que está implicado – ainda que de forma contraditória – nos processos de repetição compulsiva (pp. 154-5).

Sem tentar negar as formas através das quais Freud e Ferenczi se influenciaram mutuamente, principalmente no que diz respeito à elaboração de *Além do Princípio de Prazer* (1920) e *Thalassa* (1924), a hipótese de leitura deste trabalho de pesquisa, no que diz respeito ao conceito de pulsão de morte, nas obras destes dois autores, gira no sentido de apontar que, caso se entenda a noção de pulsão de morte, em Freud, como uma tendência primária da substância viva em retornar ao estado inorgânico do qual partiu – e esta parece ser a única definição a partir da qual faz sentido o emprego de um termo como este –, se há algum espaço, em toda a obra ferencziana, para esta noção, ele deve ser relativizado, primeiramente porque, em Ferenczi, quando o organismo retorna a um passado cada vez mais longínquo, até alcançar o mundo inanimado, ele só o faz simbólica ou alucinatoriamente, mediante todo um sistema de proteção através do qual o organismo pode permanecer intacto, e inclusive sair desta experiência revigorado; em segundo lugar, porque, quando fragmentos de morte são

tolerados, não apenas simbólica ou alucinatoriamente, mas também de maneira concreta, esse início de aniquilação é tão-somente uma maneira de o organismo retomar o caminho do desenvolvimento ulterior da vida; e, por fim, mesmo quando a morte de si é visada completamente, ela somente o é em condições muito extremas, traumáticas, como alívio a um sofrimento tido como insuportável, de maneira que não pode existir uma tendência *primária* no organismo no sentido do seu desaparecimento vital.

CAPÍTULO 1: O CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE EM *Além do Princípio de Prazer* (FREUD, 1920)

Freud inicia este trabalho pelo próprio princípio de prazer, ao afirmar que o curso dos eventos mentais é “colocado em movimento por uma tensão desagradável” (FREUD, 1920, p. 17), direcionando-se de tal forma que “seu resultado final coincide com (...) uma evitação de desprazer ou produção de prazer” (id. *ibid.*, p. 17). Por estas breves considerações, pode-se afastar o autor, como mostra Laplanche (2001), das doutrinas hedonistas tradicionais, uma vez que o que move o aparelho mental é o desprazer *atual*, e não a *perspectiva* do prazer a ser obtido.

Uma vez que a Filosofia e a Psicologia não foram capazes de oferecer qualquer contribuição quanto ao significado dos sentimentos de prazer ou desprazer, Freud introduz um ponto de vista econômico à hipótese deste princípio fundamental, ao equacionar aqueles

à quantidade de excitação, presente na mente, mas que não se encontra de maneira alguma vinculada, e relacioná-los de tal modo, que o desprazer corresponda a um *aumento* na quantidade de excitação, e o prazer, a uma *diminuição* (grifos do autor, id. *ibid.*, p. 17-8).

Os conceitos de excitação ou energia vinculada ou ligada, e de sua contrapartida, a energia livre, segundo Laplanche (2001), são utilizados para diferenciar, de um ponto de vista econômico, os processos primário e secundário. O processo primário é realizado com somas de energia livre, que buscam o escoamento através da descarga “da maneira mais rápida e mais direta possível” (LAPLANCHE, 2001, p. 146), passam “sem barreiras de uma representação para outra segundo os mecanismos de deslocamento e condensação” (id. *ibid.*, p. 371), tendendo a “reinvestir plenamente as representações ligadas às vivências de satisfação constitutivas do desejo (alucinação primitiva)” (id. *ibid.*, p. 371). A energia do processo secundário, por sua vez, é ligada, “na medida em que o seu movimento para a descarga é retardado ou controlado” (id. *ibid.*, p. 146); as representações são investidas por esta energia “de uma maneira mais estável, a satisfação é adiada, permitindo assim experiências mentais que põem à prova os diferentes caminhos possíveis de satisfação” (id. *ibid.*, p. 371). Cabe destacar que, com os conceitos de energia livre e ligada, apesar de Freud ter prestado homenagem explícita a Breuer, que postulou as noções de energia quiescente ou excitação tônica intracerebral e energia cinética, baseando-se na Física para tal distinção, um exame mais aprofundado detecta diferenças notáveis entre ambos os autores acerca desta

questão (LAPLANCHE, 2001). Holt (1989), por sua vez, enumera pelo menos catorze usos, dentro da própria obra freudiana, para os conceitos de “ligação” e “livre mobilidade”.

Entretanto, Freud sabe que não pode manter uma relação de proporção direta entre desprazer e excitação², e assim postula que “o fator que determina o sentimento [de prazer ou desprazer] é provavelmente a quantidade de aumento ou diminuição na quantidade de excitação *num determinado período de tempo*” (grifos do autor, FREUD, 1920, p. 18). Após trazer a teoria de Fechner, que relaciona o prazer à estabilidade do movimento psicofísico, e o desprazer à instabilidade deste, Freud aproxima o princípio de prazer do princípio de constância:

Os fatos que nos fizeram acreditar na dominância do princípio de prazer na vida mental encontram também expressão na hipótese de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante. Essa última hipótese constitui apenas outra maneira de enunciar o princípio de prazer (id. *ibid.*, p. 18-9).

Cabe destacar que, de acordo com Figueiredo (1999), se o prazer corresponde a uma diminuição da energia livre, e o desprazer corresponde a um aumento dela, a manutenção da tensão energética a um nível constante não poderia produzir prazer ou desprazer.

Ainda se apoiando em Fechner, Freud considera que a tendência do aparelho mental para o prazer ou para a evitação do desprazer não significa necessariamente que, sempre, esta meta seja alcançada, e enumera três circunstâncias nas quais o curso do processo mental resulta em desprazer:

1. *A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade*: o princípio de prazer, próprio do processo primário, levado a cabo mediante somas de energia livre, como visto, é “ineficaz” (FREUD, 1920, p. 20) e “perigoso” (id. *ibid.*, p. 20) do ponto de vista da autopreservação e, desta forma, sob a influência das pulsões do ego, é substituído pelo princípio de realidade, característico do processo secundário, operado com energia ligada, e que “efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer” (id. *ibid.*, p. 20);
2. *A repressão*: a satisfação direta ou substitutiva de uma pulsão – especialmente sexual – reprimida, “é sentida pelo ego como desprazer” (id. *ibid.*, p. 20);

² Como ele próprio afirmará no final deste trabalho, há tensões que são sentidas como agradáveis.

3. *Desprazer perceptivo*: constituído pela percepção daquilo que é desagradável, proveniente do interior ou do exterior do organismo.

Essas três circunstâncias não exigem qualquer modificação importante no que diz respeito à posição que o princípio de prazer ocupa na teoria psicanalítica; contudo, o trauma pode assim o fazer.

* * *

É precisamente o sonho das pessoas que sofrem de neurose traumática, pelo seu caráter de trazer repetidamente o indivíduo à situação do trauma, que pode colocar em cheque a teoria do sonho enquanto realização velada de desejos sexuais reprimidos e, por conseguinte, o princípio de prazer, a não ser que se consiga relacioná-lo às “misteriosas tendências masoquistas do ego” (id. *ibid.*, p. 24).

Sem se aprofundar na relação entre masoquismo e princípio de prazer, Freud traz à tona a brincadeira infantil do carretel, que, tal como o sonho das neuroses traumáticas, indubitavelmente repetia uma situação desagradável: a separação entre mãe e criança. Essa brincadeira pode representar a satisfação de uma pulsão de dominação (transformação de uma situação que foi vivida passivamente, ainda que desagradável, em uma experiência ativa) e/ou de impulsos hostis (vingança da mãe por ter se afastado dele). Por meio de outros exemplos de brincadeiras infantis e de manifestações artísticas adultas, Freud conclui que a repetição de uma experiência desagradável, por si só, não implica o sobrepujamento do princípio de prazer, uma vez que, ainda assim, ela é capaz de produzir prazer proveniente de outras fontes: “Isso constitui prova convincente de que, mesmo sob a dominância do princípio de prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser lembrado e elaborado na mente” (id. *ibid.*, p. 28).

* * *

Na continuidade, o autor trata de uma terceira forma de repetição: a transferência. O paciente é compelido, a partir de seu interior, a repetir na experiência com o psicanalista, como se fosse uma vivência atual, os impulsos sexuais reprimidos, provenientes de sua vida infantil, dos quais ele não consegue se recordar. Freud refere-se a este fenômeno como uma compulsão à repetição, e o atribui, não ao ego, mas ao reprimido inconsciente. As

resistências inconscientes do ego contra a descarga destes impulsos reprimidos, seja através da lembrança, seja por meio de uma ação real, funcionam sob a influência do princípio de prazer. Como já afirmado, a liberação do reprimido, devido à própria repressão, é sentida pelo ego como desprazer. A compulsão à repetição representada pela transferência poderia ser muito bem enquadrada dentro da lógica do princípio de prazer, ainda que trouxesse desprazer (para um dos sistemas apenas, posto que o outro obteria satisfação), não fosse pelo fato de que ela “(...) rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que *nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos*” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 31). Nas palavras de Mezan (2006), o conteúdo daquilo que é repetido na neurose de transferência, “marcado com o desprazer mais profundo e intenso” (p. 255), impede a suposição de que “a repetição vise à reprodução de um momento feliz para os desígnios pulsionais” (p. 255). Em outras palavras, não há prazer para qualquer dos sistemas psíquicos. Se esses movimentos pulsionais do complexo edípico fossem recordados, ao invés de repetidos, poder-se-ia supor que trouxessem menos desprazer; ainda assim, não é este o curso tomado pelo paciente em análise. Freud vê nas neuroses de destino fenômenos idênticos à transferência e, após tais considerações, toma coragem “para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer” (FREUD, 1920, p. 33), relacionando-a, retrospectivamente, ao sonho na neurose traumática e às brincadeiras infantis. Como afirma Monzani (1989), “nenhum dos fenômenos tomados isoladamente permite que se extraia a conclusão de que haveria um “além do princípio do prazer”” (p. 154); “(...) é a série, enquanto tal, que tem valor probatório; (...) a relação, ou melhor, seu arranjo” (p. 155). A partir daí, essa compulsão à repetição constituir-se-á em algo “mais primitivo, mais elementar e *mais pulsional* do que o princípio de prazer que ela domina” (grifos meus, FREUD, 1920, p. 34). Construída a hipótese de uma compulsão à repetição que está além – ou aquém, como prefere Mezan (2006) – do princípio de prazer, resta apreender: 1. a que função ela corresponde; 2. sob que condições ela surge; 3. sua relação com o princípio de prazer.

* * *

O próprio Freud afirma que o que se segue é especulação, opinião compartilhada por alguns comentadores. Segundo Mezan (2006), a dimensão especulativa é introduzida na Psicanálise a partir do conceito de pulsão de morte. Críticos desta noção viram neste trecho uma oportunidade profícua para o ataque. Para Robert (1991), *Além do princípio*

de prazer (1920) “parte de determinadas considerações de alcance limitado para entrar quase logo a seguir em uma esfera de especulação pura” (p. 274). Monzani (1989) enumera outros comentadores cujas críticas se assemelham, a partir da consideração de que este trabalho de Freud é composto por excesso de hipóteses, mas verificações apenas parciais. Como o próprio Monzani (1989) salienta, toda uma aproximação da Psicanálise com a Filosofia é enxergada em *Além do princípio de prazer* (1920), o que resulta em críticas adicionais, por exemplo, quanto ao caráter científico, se não da Psicanálise de modo geral, pelo menos desta última parte da teoria freudiana. O ataque final é feito a partir da interpretação de que *Além do princípio de prazer* (1920) seria fruto da subjetividade de seu próprio criador, de sua preocupação com a morte, catalisada pela Primeira Grande Guerra e perda de entes queridos, como sugere Jones (1989). Em contrapartida, outros, como Laplanche (1985) ou Sulloway (1992) desvendam, a seu próprio modo, as necessidades presentes *no interior da própria teoria* que culminaram na proposição do conceito de pulsão de morte. Caropreso (2006) surpreende-se com o fato de leitores terem encontrado em *Além do princípio de prazer* (1920) um desvio da teoria freudiana em direção à Filosofia. A partir do exame da autora, este trabalho de Freud possui a mesma concepção de ciência, por exemplo, de *As pulsões e seus destinos* (1915); o fato é que, como salienta Caropreso (2006), “para Freud, a ciência não exclui a especulação teórica” (p. 157). Ademais, Freud não tinha a intenção de passar a impressão de estar abordando algo místico ou profundo; a todo instante, “Freud busca na Biologia dados que auxiliem e fundamentem suas hipóteses” (CAROPRESO, 2006, p. 157), e, se se refere à Filosofia, sempre o faz “com certo cuidado” (id. *ibid.*, p. 158); a metapsicologia, em sendo substituída, assim o será pela Biologia, Química ou Física, mas jamais pela Filosofia.

Freud descreve a seguir sua concepção sobre o aparelho mental: a divisão da mente em sistemas, sendo um deles o sistema *Pcpt.-Cs.*; o posicionamento do último entre o interior e o exterior do organismo; a hipótese de que, nele, “os processos excitatórios não deixam atrás de si nenhuma alteração permanente em seus elementos, mas exaurem-se (...) no fenômeno de se tornarem conscientes” (FREUD, 1920, p. 36). Se há alguma exceção à última regra, ela deve ser explicada por alguma característica exclusiva do sistema *Cs.*, a saber, o fato de encontrar-se imediatamente próximo do mundo externo. Freud relaciona a capacidade/incapacidade dos processos excitatórios de deixarem atrás de si um traço ou alteração permanente em seus elementos com as energias livres e ligadas, ao afirmar que “os elementos do sistema *Cs.* “não conduziram energia vinculada, mas apenas energia capaz de descarga livre” (p. 37). Laplanche (2001), porém, afirma que a energia livre é característica

do processo primário que, como se sabe, é o modo privilegiado de funcionamento do sistema *Ics*. O próprio Freud, possivelmente, se dá conta desta dificuldade teórica, ao salientar que parece melhor expressar-se “tão cautelosamente quanto possível sobre esses pontos” (FREUD, 1920, p. 37), sem, contudo, resolver este impasse neste momento.

Entre o sistema *Cs*. e o mundo externo há uma barreira de proteção contra os estímulos, um escudo protetor, de modo que este sistema lida apenas com pequenas quantidades de excitação provenientes do exterior, o que evita o seu perecimento e, por conseguinte, a extinção do próprio organismo. Contudo, o mesmo não acontece na relação do sistema *Cs*. com as excitações provenientes do interior do corpo. Todas essas considerações levaram a Psicanálise “a uma melhor compreensão da dominância do princípio de prazer” (id. *ibid.*, p. 40), mas nenhuma explicação sobre os casos (sonho nas neuroses traumáticas, brincadeiras infantis, transferência, neuroses de destino) “que contradizem essa dominância” (id. *ibid.*, p. 40), o que poderá ser feito, novamente, talvez, através do estudo do trauma.

Traumática é toda excitação proveniente do exterior forte o bastante para atravessar o escudo protetor, causando um distúrbio no funcionamento do aparelho que suspende provisoriamente o funcionamento do princípio de prazer. Quando isso acontece, mais do que buscar prazer ou evitar desprazer, a tarefa do aparelho mental passa a ser ligar psiquicamente as quantidades disruptoras de estímulos. Monzani (1989) salienta esse aspecto: “primeiro, a vinculação dessas quantidades invasoras e, depois, o trabalho de desvencilhar-se delas” (p. 163); ou, em outro momento: “não se trata de descarregar a energia; antes, é o trabalho preliminar de vinculá-la, de fazer com que a energia deixe de escoar livremente e fixá-la, retê-la, soldá-la, fazendo com que passe do estado de energia livremente móvel para o estado de energia quiescente” (p. 167).

Ainda seguindo Monzani (1989),

esse ato [de ligação, preparatório para a dominância do princípio de prazer] opera a passagem do livre fluxo à vinculação, ou seja, é a passagem de um sistema funcionando integralmente (e hipoteticamente) de acordo com os processos primários para seu funcionamento, segundo os processos psíquicos secundários (p. 168).

A partir da consideração de que a dominância do princípio de prazer só é garantida após as energias terem sido ligadas, poder-se-ia pensar, equivocadamente, que este princípio é uma característica do funcionamento do processo secundário. Mas esta conclusão não pode estar correta, pois, indubitavelmente, o processo primário funciona de acordo com o princípio de prazer. Assim, segundo Holt (1989), é possível supor que Freud tenha em mente

dois estágios ou degraus de ligação: um estágio mínimo, que conteria a energia pulsional suficiente para tornar o princípio de prazer – e o processo primário – possível (a ligação da compulsão à repetição, anterior ao princípio de prazer, ato preparatório para a dominância deste); e degraus crescentes de ligação, que corresponderiam a estágios transitórios entre as extremidades do processo primário e do secundário (a ligação que transforma o princípio de prazer em princípio de realidade).

Retomando o texto freudiano, um sistema com grandes somas de energia ligada (catexia quiescente) tem maior capacidade para vincular o influxo adicional de energia. É justamente o elemento do susto, causado pela falta de preparação para a ansiedade, que deixa o aparelho mental menos catexizado e, portanto, menos capaz de lidar com o afluxo de excitação exterior, de modo a vinculá-la, originando o trauma. Desta forma, nas neuroses traumáticas, os sonhos, ao invés de realizarem desejos, têm a tarefa de desenvolver a ansiedade “cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática” (FREUD, 1920, p. 42).

* * *

A última chave explicativa é utilizada para lidar teoricamente com os demais exemplos de compulsão à repetição, notadamente, a transferência. As pulsões dão origem a energias livremente móveis, que pressionam para a descarga. Da mesma forma que na irrupção traumática, a tarefa do aparelho mental é a de sujeitar essa excitação pulsional “que atinge o processo primário” (id. *ibid.*, p. 45), ligá-la psiquicamente, vinculá-la, o que, após esse processo, pode ser estabelecida a dominância do princípio de prazer. A transferência existe porque os traços de memória reprimidos das primeiras experiências dos pacientes “não se encontram presentes (...) em estado de sujeição” (id. *ibid.*, p. 47) e, portanto, são “incapazes de obedecer ao processo secundário” (id. *ibid.*, p. 47).

Freud discorre, então, sobre a relação entre compulsão à repetição e pulsionalidade, quando a estabelece a partir de uma nova definição das pulsões:

Parece, então, que um instinto³ é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a repressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia à vida orgânica (id. *ibid.*, p. 47).

³ O termo *instinto* aparece em algumas citações, uma vez que este autor utilizou a tradução brasileira da Imago Editora, de 1996, das *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Apesar disso, no presente trabalho de pesquisa, utiliza-se preferencialmente o termo *pulsão*.

Lichtenstein apud Sulloway (1992) notou que a compulsão à repetição e o impulso a restaurar um estado anterior de coisas são dois fenômenos distintos. A compulsão à repetição restaura um estado anterior de coisas em sua primeira fase, mas, na segunda, progride a partir deste estado. A mesma seqüência bifásica é então repetida indefinidamente, sem que ocorra qualquer transformação real em longo prazo. Na regressão, por outro lado, inexiste a fase progressiva do princípio de repetição. A regressão alcança uma transformação unidirecional através do tempo, e não uma negação da transformação, como acontece na compulsão à repetição, o que significa que estes dois princípios são logicamente opostos. Jones apud Mezan (2006, p. 258) segue na mesma direção:

A compulsão de repetição tem por efeito não modificar coisa alguma, repetindo-se a mesma coisa indefinidamente. Restabelecer um estado de coisas anterior, contudo, constitui um movimento, um movimento de natureza regressiva, que modifica um estado de coisas atual por outro que pertence a um período precedente no tempo. Isto implica uma aceitação da noção de tempo, enquanto, como mostrou Liechtenstein de maneira interessante, a compulsão de repetição implica antes uma recusa do tempo ou da modificação, e talvez possua precisamente esta significação.

Mezan (2006, p. 258), entretanto, critica Liechtenstein por “ver na repetição um dado psicológico”, quando, ao contrário, ela deveria ser encarada como um princípio transcendental, empregado na acepção kantiana, “como condição *a priori* de possibilidade e de limites de um fenômeno” (id. *ibid.*, p. 258). Para Mezan (2006), “a repetição é (...) a condição de possibilidade da pulsão, aquilo sem o que ela não poderia se re-produzir uma vez extinto o seu ímpeto inicial” (id. *ibid.*, p. 258-9). No limite, para este autor, com o princípio de repetição, Freud estaria abolindo a noção de *origem*, inaugurando uma nova concepção da temporalidade: “Abolida a linearidade do tempo, a repetição já não se opõe ao movimento, como pensa Liechtenstein; ela é o ato de pô-lo e repô-lo, portanto princípio transcendental. Nada tem a ver com a consciência nem com a descontinuidade da cronologia” (MEZAN, 2006, p. 260).

O fato é que, dado este passo – a aproximação entre a tendência à repetição e o caráter regressivo das pulsões –, basta levar este raciocínio às últimas conseqüências para ver aí a ação de uma pulsão de morte:

Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de que tudo o que vive morrer por razões *internas*, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que ‘o objetivo de toda vida é a morte’, e, voltando o olhar para trás, que ‘as coisas inanimadas existiram antes das vivas’ (FREUD, 1920, p. 49).

A vida nasceu da ação de uma força sobre a matéria inanimada, originando uma tensão que “se esforçou por neutralizar-se e, dessa maneira, surgiu a primeira pulsão: a pulsão a retornar ao estado inanimado” (FREUD, 1920, p. 49).

Como a pulsão de morte, até este momento do texto, está sendo identificada com a de autoconservação, ainda resta resolver a contradição de uma pulsão originar autoconservação e morte, simultaneamente, dificuldade que é facilmente solucionada, com a suposição de que a pulsão de autoconservação é apenas um componente de Tânatos⁴, tendo como função “garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte” (id. *ibid.*, p. 50), morrendo à sua própria maneira.

Freud coloca, então, um freio à idéia de que *todas* as pulsões possuem idêntico caráter regressivo – no limite, mortífero –, e vê no prolongamento da vida, operado através da união das células germinais, motivo suficiente para propor a hipótese de pulsões de vida que agem em oposição às pulsões de morte, ainda que aquelas sejam conservadoras em sentido semelhante (mas não idêntico) às últimas, pois: 1. “trazem de volta estados anteriores de substância viva” (id. *ibid.*, p. 51); 2. são “resistentes às influências externas” (id. *ibid.*, p. 51); 3. “preservam a vida por um longo período” (id. *ibid.*, p. 51). No último parágrafo do presente capítulo, o autor traz a clássica definição de Eros como força que se esforça para “combinar substâncias orgânicas em unidades cada vez maiores” (id. *ibid.*, p. 53).

* * *

Apesar de ter sido atribuído um caráter conservador às pulsões sexuais, Freud não vincula, até o presente momento, a compulsão à repetição a este grupo pulsional: “(...) na realidade, é apenas quanto ao primeiro grupo de instintos [ainda denominados de pulsões do ego] que podemos afirmar que possuem caráter conservador, ou melhor retrógrado, *correspondente a uma compulsão à repetição*” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 55)⁵. Isso porque as pulsões sexuais buscam, em última instância, “a coalescência de duas células germinais que são *diferenciadas* de maneira particular” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 55). Pergunta-se o autor qual acontecimento importante no desenvolvimento da substância viva poderia estar sendo

⁴ Freud não usa esta expressão, o que não impediu que autores posteriores a empregassem freqüentemente.

⁵ Cabe destacar que tais idéias – a hipótese de apenas a pulsão de morte ter caráter conservador ou retrógrado, correspondente a uma compulsão à repetição, ou a possibilidade de essa característica ser um atributo de todos os grupos pulsionais – são bastante polêmicas na teorização psicanalítica, como ficou salientado na *Introdução* deste trabalho. Uma tentativa de solução desta aparente ambigüidade seria considerar que há *gradações* no caráter conservador dos impulsos, sendo os fenômenos comandados prioritariamente pela pulsão de morte ápices deste movimento regressivo.

repetido na reprodução sexual ou em sua antecessora, a conjugação de dois protozoários e, ao não encontrar resposta, toda a linha de argumentação do presente trabalho corre o risco de ser derrubada: a compulsão à repetição não poderia ser atribuída a todos os grupos pulsionais; a definição da pulsão como uma força que busca restaurar um estado de coisas teria de ser descartada; o novo dualismo entre pulsões de vida e de morte perderia sua razão de ser; e, por fim, não poderia ser atribuída uma base pulsional à compulsão à repetição.

Tenta o autor, então, abandonar por completo a hipótese de uma pulsão de morte, caso consiga provar, a partir da Biologia, que os organismos não morrem por razões internas, como havia afirmado anteriormente, como isso fosse uma verdade que não requeresse demonstração. Os trabalhos de Weismann surgem como um importante apoio teórico neste sentido, uma vez que este autor “considera que os organismos unicelulares são potencialmente imortais e que a morte só faz seu aparecimento com os metazoários multicelulares” (id. *ibid.*, p. 57). Assim, diz Freud, “se a morte é uma aquisição *tardia* dos organismos, então não há o que falar quanto a ter havido pulsões de morte desde o começo da vida sobre a Terra” (id. *ibid.*, p. 57-8).

Examinando a pesquisa experimental da suposta imortalidade da substância viva, Freud encontra os trabalhos do biólogo americano Woodruff, que verificou que determinado infusório ciliado pode se reproduzir por fissão em dois outros indivíduos até a 3.029^a. geração, sem apresentar sinais de degenerescência, caso se isole um dos produtos parciais e o coloque em água nova. A comprovação da imortalidade da substância viva pode pôr fim à idéia de que o organismo morre por razões internas, derrubando a hipótese das pulsões de morte, o que Freud alega estar buscando.

Contudo, Maupas, Calkins e outros detectaram sinais de debilidade nestes mesmos infusórios, se algumas medidas recuperadoras não lhes fossem aplicadas, de modo que, por ora, a Biologia não exige a refutação da teoria da pulsão de morte. A partir destes estudos, duas conclusões parecem ser dignas de nota a Freud: 1. a coalescência de dois animálculos, ou mesmo sua estimulação por certos agentes – tais como “alterações no fluido que proporciona sua nutrição” (id. *ibid.*, p. 59), “elevação de sua temperatura” (id. *ibid.*, p. 59) ou agitação –, os rejuvenescem; 2. “é provável que os infusórios morram de morte natural” (id. *ibid.*, p. 59) porque, se deixados a si mesmos, morrem “devido à evacuação incompleta dos produtos de seu próprio metabolismo” (id. *ibid.*, p. 59).

A segunda conclusão permite a Freud dar continuidade à hipótese da pulsão de morte, mas, ainda que não o permitisse, todas as pesquisas biológicas poderiam ser descartadas para o propósito de sua investigação, pois “a organização primitiva dessas

criaturas pode ocultar-nos condições importantes que, embora de fato presentes nelas também, só se tornam *visíveis* nos animais superiores, quando podem encontrar expressão morfológica” (grifos do autor, id. *ibid.*, p. 59). Ainda que Weismann estivesse correto em sua afirmação de que a morte é uma aquisição tardia dos seres vivos, essa assertiva aplicar-se-ia apenas aos fenômenos manifestos dos protistas, e não necessariamente aos seus processos latentes.

Considerando-se, portanto, autorizado a seguir o curso das hipóteses já construídas, Freud utiliza agora a Biologia em seu favor, em especial, a fisiologia de Hering, e vê nos processos construtivos ou assimilatórios, e destrutivos ou dissimilatórios, constantemente em ação na substância viva, manifestações da atividade das pulsões de vida e de morte.

Permite-se ousar ainda mais, aplicando a teoria da libido à relação mútua entre as células dos organismos multicelulares, ao supor que, não apenas as pessoas tomam umas às outras como objetos sexuais, mas que as células também assim o fazem e, com isso, conseguem neutralizar suas próprias pulsões de morte⁶. E, pela segunda vez, identifica a libido com Eros, quem “mantém unidades todas as coisas vivas” (id. *ibid.*, p. 61).

Após este ousado movimento, faz uma retrospectiva das diversas fases por que passou a teoria das pulsões da Psicanálise, e aproveita esta recapitulação para corrigir determinado aspecto da investigação aqui empreendida: as pulsões do ego não podem ser identificadas às pulsões de morte, haja vista seu caráter libidinal, como o estudo do narcisismo já havia apontado. Se assim o é, Freud necessita encontrar exemplos mais visíveis desta enigmática pulsão que opera no interior do organismo. Tenta resolver o problema através da aproximação da pulsão de morte com o ódio, mas não se sente autorizado a empreender mais este passo:

Partimos da grande oposição entre as pulsões de vida e de morte. Ora, o próprio amor objetal nos apresenta um segundo exemplo de polaridade semelhante: a existente entre o amor (ou afeição) e o ódio (ou agressividade). *Se pudéssemos conseguir relacionar mutuamente essas duas polaridades e derivar uma da outra!* (grifos meus, id. *ibid.*, p. 64).

Volta-se para o sadismo, e enxerga nele um exemplo da ação da pulsão de morte, ainda que se trate de uma pulsão deslocada (do ego para o objeto), preservando a teoria aqui delineada:

⁶ Esta é a primeira sugestão de um processo de fusão entre as pulsões de vida e de morte, tema que será mais amplamente desenvolvido em *O Ego e o Id* (1923).

(...) como pode o instinto sádico, cujo intuito é prejudicar o objeto, derivar de Eros, o conservador da vida? Não é plausível imaginar que esse sadismo seja realmente uma pulsão de morte que, sob a influência da libido narcisista, foi expulso do ego e, conseqüentemente, só surgiu em relação ao objeto? (id. *ibid.*, p. 64).

A partir destas considerações, o masoquismo poderá ser encarado sob ótica semelhante e, mais, é aventada a possibilidade da existência de um masoquismo primário, o que será aprofundado em *O problema econômico do masoquismo* (1924).

Uma vez que a Biologia não foi capaz de impedir Freud de dar livre curso à teoria da pulsão de morte, e tendo o autor avançado mais alguns passos em sua investigação – ligação da teoria das pulsões com a fisiologia de E. Hering; explicação da longevidade dos organismos pluricelulares, em comparação com os unicelulares, através do novo dualismo pulsional; descrição do sadismo e do masoquismo como fenômenos comandados pela ação da pulsão de morte –, o interesse recai sobre a maneira como as pulsões de vida e de morte alcançam, de um ponto de vista econômico, o objetivo de prolongar e abreviar a existência, respectivamente, e, por conseguinte, a relação destas com os princípios do funcionamento mental. Aproveitando a primeira conclusão extraída dos seus estudos biológicos – a coalescência, mas também a estimulação química ou mecânica, possuem efeito rejuvenescedor –, argumenta que é o influxo de *novas* quantidades de estímulo que ocasiona a renovação da vida, o que condiz bem com o fato de que o organismo, deixado a si mesmo, com seus *próprios* processos vitais, tende a morrer. Assim, a pulsão de vida, ao buscar a união de duas células germinais *diferenciadas*, traria um aumento de tensão energética no organismo, o que explicaria o prolongamento da vida. Nas palavras de Freud, “(...) a união com a substância viva de um indivíduo diferente aumenta essas tensões, introduzindo o que pode ser descrito como novas ‘diferenças vitais’, que devem então ser vividas” (id. *ibid.*, p. 66). Por outro lado, a morte corresponderia à abolição das tensões químicas, meta maior da pulsão de morte. A partir disso, justifica-se a tentativa de aproximação da pulsão de morte com os princípios do funcionamento mental:

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devido aos estímulos (o ‘princípio do Nirvana’, para tomar de empréstimo uma expressão de Barbara Low [1920, 73]), tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência das pulsões de morte (id. *ibid.*, p. 66).

Cabe lembrar a definição econômica dada para o princípio de prazer no início de *Além do princípio de prazer* (1920): o aparelho mental se esforça por reduzir ao nível mais baixo possível ou, pelo menos, manter constante, a quantidade de excitação nele presente. Naquele momento, nenhuma indicação havia sido dada acerca de qual seria o nível mínimo. Nesta passagem, com a afirmação de que a vida mental possui, dentre outras, a tendência para *remover* a tensão interna e, com a indicação anterior do autor de que a morte corresponde à *abolição* das tensões, sugere-se que o nível mais baixo possível pode ser igual a zero, daí Laplanche (1985) utilizar a expressão ‘princípio do zero’. Contudo, pergunta-se Laplanche (1985) se o princípio do zero pode ser assimilado ao princípio de constância, como Freud torna explícito nesta passagem. Conforme o psicanalista francês, caso se imagine um sistema homeostático com um dispositivo auto-regular que vise a manter constante um nível energético N, segundo ele se afaste deste nível N por *excesso* ou por *falta*, é uma *descarga* (quando o princípio do zero pode estar em consonância com o princípio de constância) ou uma *carga* (quando há nitidamente uma discrepância entre os dois princípios) de energia que será necessária para o estabelecimento da homeostase. Assim, “(...) uma redução energética tendendo a levar o sistema ao nível zero poderá, numa parte de seu percurso, aparecer como favorável ao restabelecimento da constância, mas levada até o máximo, ela contradiz gravemente o princípio de constância” (LAPLANCHE, 1985, p. 116).

A partir desse ponto, Freud retorna à necessidade original deste penúltimo capítulo – a atribuição da característica de uma compulsão à repetição também às pulsões sexuais – e, por conseguinte, à questão de qual acontecimento filogenético estaria sendo repetido na reprodução sexual, no intuito de derrubar o último obstáculo para a definitiva proposição da teoria da pulsão de morte, do caráter pulsional da compulsão à repetição, e da definição da pulsão como uma força que busca a restauração de um estado anterior de coisas. É neste momento que ele traz “a teoria que Platão colocou na boca de Aristófanes no *Symposium*” (FREUD, 1920, p. 68) sobre a origem da pulsão sexual. A partir deste mito fantástico, Freud hipotetiza que “a substância viva, por ocasião de sua animação, foi dividida em pequenas partículas, que desde então se esforçaram por reunir-se através das pulsões sexuais” (id. *ibid.*, p. 69), resolvendo, assim, o presente problema, e, com isso, ligando a compulsão à repetição às pulsões de modo geral, o que destrava toda a linha da argumentação aqui trilhada.

No último capítulo, Freud possivelmente procura obter uma visão geral sobre o que foi produzido até o momento, salientando alguns pontos, corrigindo outros, aparando algumas arestas.

A mais antiga e importante função do aparelho mental pode ser enunciada de três formas distintas, que correspondem a três meios de descrever o mesmo processo: 1. sujeição das pulsões que o invadem; 2. substituição do processo primário pelo secundário; 3. conversão da energia livre em energia ligada. Repete o autor que, enquanto este processo está em curso, o aparelho mental não pode evitar o desenvolvimento do desprazer, mas salienta que ele ocorre *em favor* do princípio de prazer.

Neste ponto, acredita ser válida a distinção entre função e tendência, de modo que o princípio de prazer é descrito como uma tendência, que opera a serviço da função de: 1. “libertar inteiramente o aparelho mental de excitações” (FREUD, 1920, p. 73); 2. “conservar a quantidade de excitação constante nele” (id. *ibid.*, p. 73); ou 3. “mantê-la tão baixo quanto possível” (id. *ibid.*, p. 73). É possível que Freud tenha intuído algo das dificuldades levantadas anteriormente a esse respeito – por exemplo, da impossibilidade de identificação do princípio do zero com o princípio de constância –, uma vez que afirma a seguir que não pode “decidir com certeza em favor de nenhum desses enunciados” (id. *ibid.*, p. 73). Realmente, este problema será trabalhado em *O problema econômico do masoquismo* (1924). O fato é que relaciona a função supracitada – e, por extensão, o princípio de prazer – à pulsão de morte, ao retorno ao inorgânico.

Em seguida, corrige a primeira definição apresentada no capítulo 1 do presente trabalho acerca dos sentimentos de prazer e desprazer. Estes não mais serão relacionados apenas à energia livre, mas também à ligada. Acontece que “processos livres ou primários dão origem a sentimentos muito mais intensos em ambos os sentidos do que os vinculados ou secundários” (id. *ibid.*, p. 73). E, baseado na última afirmação, na consideração de que o processo primário é cronologicamente anterior ao secundário, e, por fim, na análise elencada ao longo de quase todo este trabalho (a tarefa do aparelho mental de sujeição das pulsões, durante à qual não se pode evitar o desenvolvimento do desprazer, o que, por outro lado, se configura como um ato preparatório para a dominância do princípio de prazer), Freud chega à conclusão de que

(...) no começo da vida mental a luta pelo prazer era muito mais intensa do que posteriormente, mas não tão irrestrita; tinha de submeter-se a freqüentes interrupções. Em épocas posteriores, a dominância do princípio de prazer é muitíssimo mais segura, mas ele próprio não fugiu aos processos de sujeição que as outras pulsões em geral (id. *ibid.*, p. 74).

Por fim, ainda se perguntando sobre os significados dos sentimentos de prazer, endereça a si próprio uma série de perguntas, que na verdade são hipóteses levantadas, mas que não alcançam o status de convicção, até frisar a idéia, já esboçada anteriormente, que, se a pulsão de vida é produtora de tensões (este é, do ponto de vista econômico, a forma através da qual ela consegue prolongar a existência), o princípio de prazer só pode servir às pulsões de morte. No entanto, cabe considerar que as pulsões de vida são afins apenas às excitações interiores, uma vez que “os estímulos provindos de fora (...) são encarados como perigos por ambos os tipos de pulsões” (FREUD, 1920, p. 74).

CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PULSÃO DE MORTE NOS TRABALHOS FREUDIANOS APÓS *Além do Princípio de Prazer*

No capítulo 4 de *O Ego e o Id* (1923), Freud inicialmente recapitula algumas idéias já contidas ou sugeridas em *Além do princípio de prazer* (1920), dentre as quais: 1. Eros abrange o impulso sexual desinibido, as pulsões sexuais sublimadas ou inibidas quanto à meta e as pulsões de autopreservação; 2. o sadismo é um representante da pulsão de morte.

Tendo afirmado explicitamente que a teoria da pulsão de morte foi proposta com base na Biologia, e em vista das últimas declarações do autor em *Além do princípio de prazer* (1920), de que a incerteza de sua especulação foi grandemente aumentada pela necessidade de pedir empréstimos à ciência biológica, cabe enumerar alguns dados colhidos desta ciência que auxiliam Freud a dar livre curso ao novo dualismo pulsional. São eles: 1. os estudos da Etologia e da Embriologia sinalizam que existe claramente uma tendência regressiva nos organismos vivos; 2. estudos experimentais acerca da suposta imortalidade do seres vivos permite, ou, pelo menos, não impede supor que os indivíduos morrem por razões internas; 3. processos destrutivos ou dissimilatórios estão constantemente em ação na substância viva. Regressão, morte e destruição: é este tripé extraído dos estudos biológicos que vai servir de apoio para a teoria da pulsão de morte.

Freud, claramente ainda se apoiando na conclusão que pôde extrair do mito platônico, apresenta uma definição para Eros quase idêntica a *Além do princípio de prazer* (1920), em palavras apenas levemente distintas: “(...) Eros, por ocasionar uma combinação de conseqüências cada vez mais amplas das *partículas em que a substância viva se acha dispersa*, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, a preservá-la” (grifos meus, FREUD, 1923, p. 53). Lembrando apenas que é pela suposição de que a matéria viva foi dividida em partes quando de sua animação que foi possível ser atribuído um caráter de compulsão à repetição também às pulsões de vida e, assim, manter a idéia de que ambas as pulsões são conservadoras “no sentido mais estrito da palavra” (id, *ibid.*, p. 53).

Salienta o autor que as pulsões de vida e de morte estariam ativas “em toda partícula de substância viva, ainda que em proporções desiguais, de maneira que determinada substância poderia ser o principal representante de Eros” (id, *ibid.*, p. 54). Essa substância é, naturalmente, a célula germinal.

Em seguida, recapitula a aplicação que foi feita em *Além do princípio de prazer* (1920) da teoria da libido ao mundo celular e aos organismos pluricelulares, quando foi concebida uma neutralização da pulsão de morte pelas pulsões de vida, fruto de uma fusão

pulsional e, a partir disso, imagina que uma desfusão também pode estar em jogo, tirando conclusões de grande alcance destes movimentos pulsionais. Assim, a fusão das pulsões terá como consequência um “acréscimo de componentes eróticos” (id. *ibid.*, p. 55), ao passo que a desfusão ocasionará uma ação mais vigorosa da pulsão de morte. Os fenômenos patológicos estarão ligados à desfusão: sadismo enquanto perversão; crise epiléptica; neurose obsessiva. A ambivalência enquanto fator predisponente à neurose possivelmente só não foi ligada também à desfusão pulsional por causa de seu caráter fundamental. Disso, permite-se conjeturar que, se antes era a força representada pela sexualidade, ou melhor, a maneira como o ego lidava com ela, a grande responsável pela psicopatologia, agora, a destrutividade passa a ser uma força etiopatológica tão importante quanto a primeira. E se a sexualidade continua a ser vista como um perigo pelo ego, ainda assim é ela – ou melhor, Eros – a responsável por neutralizar a ação da pulsão de morte no interior do organismo, provavelmente ainda mais perigosa.

Apresentadas estas recapitulações e feitas algumas ampliações ao novo dualismo pulsional, surge um último obstáculo a ser derrubado para que a teoria da pulsão de morte seja plenamente proposta: a transformação do amor em ódio, que ocorre na paranóia; e do ódio em amor, presente não apenas na homossexualidade, mas nos próprios relacionamentos de amizade. Isso porque, como a distinção entre pulsões de vida e de morte pressupõe processos fisiológicos que correm em direções opostas, se o amor realmente se transforma em ódio, e vice-versa, “perde-se completamente a base para uma distinção tão fundamental” (id. *ibid.*, p. 55), o que significa que, neste trabalho, Freud completa o passo que havia sido apenas ensaiado em *Além do princípio de prazer* (1920): a aproximação do amor com a pulsão de vida e do ódio com a pulsão de morte. Diz o autor: “para a oposição entre as duas classes de pulsões podemos colocar a polaridade do amor e do ódio” (id. *ibid.*, p. 55).

A “construção” de um adoecimento paranóico, descrita em *As Pulsões e seus destinos* (1915), é feita através das seguintes etapas: 1. X ama Y; 2. X odeia Y; 3. Y odeia X. Entre 1 e 2, há o mecanismo da formação reativa; entre 2 e 3, o da projeção. No primeiro movimento, poder-se-ia pensar que há uma transformação direta de amor em ódio. No homossexualismo, movimento semelhante acontece; inicialmente, o menino odeia o pai e, apenas após a superação dessa hostilidade, pode amá-lo e assemelhar-se a ele (identificação).

Contudo, estudos mais aprofundados sobre a paranóia mostraram que a ambivalência estava presente desde a origem, de modo que “a transformação [do amor em ódio] é efetuada por meio de um *deslocamento* reativo de catexias, sendo a energia retirada do impulso erótico e adicionada ao hostil” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 56). Na homossexualidade, por sua vez, como não havia possibilidade de o menino satisfazer o ódio ao pai, e na

necessidade de alguma satisfação ser alcançada, pela própria arquitetura do aparelho mental (princípio de prazer e processo primário), a hostilidade é substituída por uma atitude amorosa, que tem maiores possibilidades de descarga. Assim, semelhantemente à paranóia, a energia que investia o impulso hostil é *deslocada* para a pulsão sexual. Isso significa que não é verdadeira a idéia de uma transformação direta de amor em ódio, e vice-versa, de modo que foi derrubado o último obstáculo para a proposição do conceito de pulsão de morte.

Freud explicita a conclusão a que é obrigado a chegar a partir destas observações: “Fizemos cálculos como se existisse na mente – no ego ou no id – uma energia *deslocável*, a qual, neutra em si própria, pode ser adicionada a um impulso erótico ou destrutivo qualitativamente diferenciado e aumentar sua catexia total” (grifos meus, FREUD, 1923, p. 57). Essa energia *deslocável*⁷, que impele à satisfação, independentemente dos caminhos a serem percorridos para que ela seja alcançada, possivelmente, é a mesma energia livre nos termos de *Além do princípio de prazer* (1920). Acerca dela, resta saber: 1. sua origem; 2. a qual instância psíquica pertence; 3. o que ela significa.

A partir de seus estudos sobre o narcisismo, de 1914, parece plausível ao autor supor que a energia livre procede do estoque narcísico de libido e, portanto, seja Eros dessexualizado, estando ela a serviço do princípio de prazer e se comportando de acordo com o processo primário. Assim sendo, ela só pode pertencer ao id. Diz Freud: “conhecemos este traço [indiferença quando ao caminho da descarga, desde que ela se efetue]; é característico dos processos de catexia do id” (FREUD, 1932, p. 57). O funcionamento secundário, por sua vez – e, por conseguinte, os processos relacionados a ele, tais como a estabilidade do objeto sexual –, é uma característica do ego: “seria característico do ego ser mais específico sobre a escolha tanto de um objeto quando de um caminho de descarga” (id. *ibid.*, p. 58).

Alcançado este ponto, o autor pode se dedicar ao principal objetivo do presente capítulo, a saber, estabelecer relações entre: 1. as estruturas psíquicas e a vida pulsional; 2. os princípios do funcionamento mental e as estruturas da mente; 3. os princípios do funcionamento mental e o novo dualismo pulsional.

Considerando que “o ego trata com as primeiras catexias objetais do id, (...), retirando a libido delas para si próprio e ligando-as à alteração do ego produzida por meio da identificação” (id. *ibid.*, p. 58), e, assim, “dessexualizando ou sublimando a libido do id” (p. 58), o ego pode trabalhar em “oposição aos objetivos de Eros” (id. *ibid.*, p. 58).

⁷ O termo é importante, Freud talvez esteja pensando aqui no mecanismo de deslocamento.

O id e o princípio de prazer, por sua vez, são colocados por Freud como radicalmente contra Eros: “difícilmente se pode duvidar que o princípio de prazer serve ao id como bússola em sua luta contra a libido” (id. *ibid.*, p. 59). O princípio de constância, entretanto, é sutilmente ligado à pulsão de vida, ainda que de uma maneira singular:

Se é verdade que o princípio de constância de Fechner governa a vida, que assim consiste numa descida contínua em direção à morte, são as reivindicações de Eros (...) que (...) mantêm o nível que tende a baixar e introduzem novas tensões (id, *ibid.*, p. 59).

Assim, Freud parece estar operando uma separação entre o princípio de prazer e o princípio de constância, possivelmente ligando o primeiro à pulsão de morte e o segundo à pulsão de vida. Este aspecto ainda será novamente trabalho em *O problema econômico do masoquismo* (1924).

O id pode desviar as tensões trazidas por Eros, por exemplo, através da satisfação direta das tendências sexuais, mas pode assim o fazer “de modo muito mais abrangente” (FREUD, 1923, p. 59) através do gozo genital, uma vez que a genitalidade é, também, uma confluência de pulsões parciais de diversas fontes. E como nas células germinais há uma elevada concentração das pulsões de vida, a ejeção das substâncias sexuais através da ejaculação acarreta uma eliminação de grandes porções de Eros, de modo que “a pulsão de morte fica com as mãos livres para realizar seus objetivos” (id. *ibid.*, p. 60), e isso explica “a semelhança do estado que se segue à satisfação sexual completa com o ato de morrer” (id. *ibid.*, p. 59).

* * *

No capítulo 5 de *O Ego e o Id* (1923), Freud anuncia a idéia de que a reação terapêutica negativa é resultado de um sentimento inconsciente de culpa do paciente e, assim, sua doença representa a satisfação do desejo ou necessidade de ser punido. A partir daí, e da interpretação do sentimento de culpa na normalidade e na patologia – em especial, na neurose obsessiva, melancolia, histeria e sociopatia –, o autor se pergunta como o superego pode se manifestar como uma crítica rígida e severa para com o ego. Baseado na violência do superego no melancólico, levanta a idéia de que essa instância, nesses casos, apoderou-se “de todo o sadismo disponível na pessoa” (id. *ibid.*, p. 65), e, como desde *Além do princípio de prazer* (1920), o sadismo havia sido concebido como uma manifestação paradigmática da

pulsão de morte, fecha-se o circuito da ligação do superego com a pulsão de morte: “(...) o componente destrutivo entrincheirou-se no superego e voltou-se contra o ego. O que está influenciando agora o ego é (...) uma cultura pura da pulsão de morte e, de fato, ela com bastante freqüência obtém êxito em impulsionar o ego à morte (...)” (id. *ibid.*, p. 65-6). Feita essa ligação, o passo seguinte é compreender como “o superego pode tornar-se uma espécie de lugar de reunião para as pulsões de morte” (id. *ibid.*, p. 66).

Se, em *Introdução ao narcisismo* (1914), a libido era encarada como uma determinada soma de energia constante, distribuída entre o ego e o objeto, de modo que uma hipercatexização do objeto corresponderia a um empobrecimento do ego, e vice-versa, raciocínio semelhante será aplicado à pulsão de morte, de modo que “quanto mais um homem controla a sua agressividade para com o exterior, mais severo – isto é, agressivo – ele se torna em seu ideal de ego” (FREUD, 1923, p. 66). Poder-se-ia ver aí uma primeira resposta ao questionamento anterior: a pulsão de morte instala-se no superego e, daí, “agride” o ego, pelo fato de o caminho ao objeto ter sido barrado. Mas este não é o rumo tomado por Freud no momento, voltando-se ele para a origem do superego. Essa instância surge da identificação com pai, cuja natureza corresponde a uma dessexualização ou sublimação; tal processo coincide com uma defusão pulsional e, portanto, com uma liberação da pulsão de morte no superego.

Assim, tem-se o seguinte quadro: por um lado, o ego tenta ligar a libido do id a si próprio, através da identificação, que corresponde a uma dessexualização ou sublimação, o que ocasiona uma defusão pulsional; por outro lado, a partir deste mesmo processo, a pulsão de morte liberada desta maneira instala-se no superego e, a partir deste, ameaça o ego. Diz Freud: “Mediante seu trabalho de identificação e sublimação, ele [o ego] ajuda as pulsões de morte no id a obterem controle sobre a libido, mas, assim procedendo, corre o risco de tornar-se objeto das pulsões de morte e de ele próprio perecer” (id. *ibid.*, p. 69). O raciocínio aqui empregado faz com que Freud se lembre dos estudos da Biologia acerca da suposta imortalidade da substância viva: da mesma forma que os protistas “são destruídos pelos produtos da decomposição que eles próprios criaram” (id. *ibid.*, p. 69), o superego que ameaça o ego de destruição “parece ser um produto de decomposição semelhante” (id. *ibid.*, p. 69).

Assim, tendo, por meio de sua atuação, colaborado indiretamente na liberação de pulsão de morte, ao ego resta apenas voltar-se a Eros, na esperança de, a partir dessa nova associação, preservar-se: “a fim de poder ajudar desta maneira, ele teve que acumular libido dentro de si; torna-se assim o representante de Eros e, doravante, quer viver e ser amado” (id. *ibid.*, p. 69).

E, por fim, cabe ressaltar a já efetuada ligação efetuada por Freud entre id, pulsão de morte e princípio de prazer, em detrimento de Eros:

Seria possível representar o id como se achando sob o domínio das silenciosas mas poderosas pulsões de morte, que desejam ficar em paz e (incitadas pelo princípio de prazer) fazer repousar Eros, o promotor de desordens; *mas talvez isso seja desvalorizar o papel desempenhado por Eros* (grifos meus, FREUD, 1923, p. 71).

A última oração parece ser um prenúncio de modificações futuras, que poderão ser feitas em *O problema econômico do masoquismo* (1924).

* * *

Em *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud inicia o debate questionando como uma tendência pulsional pode visar ao sofrimento, se o curso dos processos mentais é governado pelo princípio de prazer. Para lidar com essa questão, é necessário investigar melhor a relação entre princípio de prazer e pulsões.

Após uma breve recapitulação de investigações semelhantes, já realizadas em trabalhos anteriores, Freud decide, se não desligar totalmente, pelo menos afastar os sentimentos de prazer e desprazer de uma modificação quantitativa no nível de tensão do organismo: “Parece que eles [prazer e desprazer] dependem, não desse fator quantitativo, mas de alguma característica dele [do estímulo] que só podemos descrever como qualitativa” (FREUD, 1924, p. 178). E, com esse afrouxamento entre prazer/desprazer e quantidade, um afastamento semelhante pode ser operado entre princípio de Nirvana e princípio de prazer: “(...) evitaremos encarar os dois princípios como um só” (id. *ibid.*, p. 178). Feitas essas considerações, Freud estabelece a – definitiva, não fosse por uma “regressão” efetuada a esse respeito em *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938]) – relação entre princípios do funcionamento mental e pulsões: “O princípio de *Nirvana* expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio de *prazer* representa as exigências da libido, e a modificação do último princípio, o princípio de *realidade*, representa a influência do mundo externo” (grifos do autor, id. *ibid.*, p. 178).

O princípio de Nirvana continuará buscando uma redução da quantidade, o de prazer passará a visar algo da qualidade do estímulo, e o princípio de realidade continuará tolerando certo desprazer ou adiando a satisfação:

(...) objetivos diferentes (...) são estabelecidos para cada um [dos três princípios] – num dos casos, uma redução quantitativa da carga do estímulo; noutra, uma característica qualitativa do estímulo, e, por último [no terceiro caso], um adiamento da descarga do estímulo e uma aquiescência temporária ao desprazer devido à tensão (id. *ibid.*, p. 178-9).

Definida a relação entre vida pulsional e princípios do funcionamento mental, o autor pode se dedicar ao estudo do masoquismo, que, apesar de se apresentar sob três formas de masoquismo – erógeno, feminino e moral –, é verdade que a primeira subjaz às outras duas.

A explicação anterior do masoquismo erógeno – correspondente a uma “condição imposta à excitação sexual” (id. *ibid.*, p. 179) –, que está presente em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), passa a ser considerada inadequada, pois não dá conta da explicação das vinculações tão regulares e estreitas observadas na clínica entre masoquismo e sadismo. Contudo, a nova teoria das pulsões pode fornecer um elo explicativo. Segundo essa concepção, o masoquismo pode ser entendido como resultado da cota de pulsão de morte que continua operando no interior do organismo: “Outra porção [da pulsão de morte] (...) permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual acompanhante acima descrita, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno” (id. *ibid.*, p. 181). E o sadismo, por sua vez, é fruto desta mesma pulsão de morte que foi, porém, desviada para o exterior pela libido, com o auxílio do aparelho muscular. Com isso, estabelece-se uma relação estreita entre sadismo e masoquismo, pois que ambos são fruto de uma mesma pulsão, ora voltada para o exterior, ora para o interior.

Laplanche (1985, p. 111), ao debater o paradoxo do masoquismo, afirma que

(...) o que é considerado como primário no interior do indivíduo reúne, sob uma mesma bandeira, tendências dificilmente conciliáveis: redução das tensões a zero (Nirvana), tendência à morte, auto-agressividade, procura do sofrimento ou do desprazer. Do ponto de vista econômico, a contradição maior consiste em remeter a uma única e mesma “pulsão” a tendência à abolição radical de toda tensão, forma suprema do princípio de prazer, e a busca masoquista do desprazer que não pode, logicamente, interpretar-se senão como aumento de tensão.

Cabe aqui uma ressalva: o fato de a pulsão de morte poder levar ao desprazer não implica que este seja uma de suas metas. De qualquer maneira, não se deve desprezar a hipótese de que Freud tenha desvendado o desprazer de um aumento na tensão, colocando-o na dependência de uma “qualidade”, para tentar solucionar este paradoxo nomeado por Laplanche. Mas, se desprazer e aumento de tensão formam uma relação de tipo lógico, como

afirma Laplanche (1985), resta inexplicado como a pulsão de morte pode levar, simultaneamente, ao desprazer e à redução da tensão (ao nível zero).

O fato é que este masoquismo erógeno acompanha o indivíduo em todas as fases de seu desenvolvimento psicosexual e, quando alcança a angústia de castração e a organização genital, constitui-se no masoquismo feminino. Nas pessoas com este tipo de configuração psíquica, pode-se identificar dois tipos de fantasia: naquilo que se poderia chamar de nível manifesto, o conteúdo da mesma é o de ser “amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, açoitado, de alguma maneira maltratado, forçado à obediência incondicional, sujado e aviltado” (FREUD, 1924, p. 179); quando, porém, o sujeito consegue elaborar melhor o conteúdo fantasmático, descobre-se que o desejo é de ser castrado, copulado, ou dar à luz um bebê; daí o termo *masoquismo feminino*. Está presente também um sentimento de culpa nas fantasias manifestas, e este elemento de culpa fornece uma transição para o masoquismo moral.

Neste último, entendido como uma norma de comportamento, o vínculo com a sexualidade foi afrouxado. Já não importa se o sofrimento é causado por uma pessoa amada ou indiferente, por poderes impessoais ou pelas próprias circunstâncias. Como diz Freud: “o verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe” (id. *ibid.*, p. 183). Contudo, ainda que esse elo com a sexualidade tenha se distanciado, o fato de “o uso lingüístico não ter abandonado a vinculação entre essa forma de conduta e o erotismo” (id. *ibid.*, 183) deve ser encarado como altamente significativo. De fato, como Freud demonstrará, a autodestruição masoquista é realizada com satisfação libidinal.

Como o autor já havia identificado em *O Ego e o Id* (1923), os masoquistas morais carregam consigo um sentimento *inconsciente* de culpa, o que levará à suposição de haver uma forte ligação desta perversão com as experiências do Complexo de Édipo, que são, por excelência, relegadas ao inconsciente. Diz o autor: “podemos traduzir a expressão ‘sentimento inconsciente de culpa’ como significando uma necessidade de punição às mãos de um *poder paterno*” (grifos meus, FREUD, 1924, p. 186). Do estudo do masoquismo feminino, Freud percebeu a estreita relação entre ser espancado e ser copulado, de modo que a conclusão óbvia é a de que, no fundo, o que o masoquista deseja é ter uma relação sexual passiva com o pai. Daí o fato de o masoquismo moral também ter de ser, necessariamente, compreendido como o resultado de uma fusão pulsional. O masoquista está, em última instância, fixado no Complexo de Édipo:

A consciência e a moralidade surgiram mediante a superação, a dessexualização do complexo de Édipo; através do masoquismo moral, porém, a moralidade mais uma vez se torna sexualizada, o complexo de Édipo é revivido e abre-se o caminho para uma regressão, da moralidade para o Complexo de Édipo (id. ibid., p. 187).

Assim, ainda que o masoquista não seja necessariamente um ser amoral, sua moralidade é, pelo menos, duvidosa: se de um lado ele consegue preservar o seu senso ético ao lado de seu masoquismo, de outro, parte de sua consciência moral desvanece-se nele; sua moral duvidosa pode ser atestada por sua procura pelo ‘pecado’, no intuito de poder sofrer as censuras de sua consciência sádica.

E se, além de fixado em seu amor ao pai, sua agressividade ao mundo externo foi por algum motivo barrada – ocasionando o retorno do sadismo contra o eu através da ligação daquele pelo superego –, o masoquismo do ego e o sadismo do superego “suplementam-se mutuamente e se unem para produzir os mesmos efeitos” (id. ibid., p. 187).

Por fim, tendo a moralidade sido colocada como produto de uma superação do complexo edípico, não é verdade que os requisitos éticos são primários, deles decorrendo a renúncia pulsional, teoria que, afinal de contas, não explica a origem do senso ético. Em última instância, é a ameaça de castração que catalisa a renúncia pulsional, que, por sua vez, cria a moralidade.

* * *

Se em *Além do princípio de prazer* (1920) Freud parte dos fatos relacionados à compulsão de repetir, para propor a hipótese do retorno ao inorgânico e, por conseguinte, da pulsão de morte, que o levará às tendências agressivas, destrutivas, sádicas e masoquistas, em *Ansiedade e Vida Pulsional* (1933 [1932]), o movimento inverso será realizado: primeiramente, uma pulsão agressiva e destrutiva será apresentada, mas, especialmente, autodestrutiva, e, com a finalidade de alcançar uma “base mais ampla” (FREUD, 1933 [1932], p. 108) para a mesma, os fatos da compulsão à repetição serão invocados que, por sua vez, conduzirão o autor para o retorno ao inorgânico, fechando, assim, o círculo explicativo.

Assim, em *Ansiedade e Vida Pulsional* (1933 [1932]), diferentemente do trabalho de 1920, o papel da compulsão a repetir como ‘gatilho disparador’ da teoria da pulsão de morte será substituído pelo sadismo e masoquismo, em especial, pela necessidade inconsciente de punição do paciente masoquista, como atesta essa passagem:

(...) temos argumentado a favor de uma pulsão agressiva e destrutiva nos homens, não por causa dos ensinamentos da história ou da nossa experiência de vida, mas com base em razões gerais, às quais fomos levados ao examinar os fenômenos do sadismo e do masoquismo (grifos meus, id. *ibid.*, p. 106).

E esta:

Relatar-lhes-ei (...) o ponto de partida dessas reflexões sobre a teoria das pulsões. Foi o mesmo que nos levou a rever a relação entre o ego e o inconsciente – a impressão, decorrente do trabalho analítico, de que o paciente, que opõe uma resistência, muitas vezes não se apercebe dessa resistência. Todavia, não só o fato da resistência lhe é inconsciente, como também o são os seus motivos. Fomos obrigados a investigar os motivos (...), e (...) encontramos-os numa profunda necessidade de punição, que só podíamos classificar como desejo masoquista (id. *ibid.*, p. 110).

Freud faz uma espécie de síntese de diversos aspectos já abordados anteriormente: a relação entre pulsões e afetos de amor e ódio; os processos de fusão e des fusão pulsional; as des fusões como processos etiopatológicos; a atribuição de uma característica primária ao masoquismo, em detrimento do sadismo; a constância de uma cota agressiva que se distribui inversamente entre o interior e o exterior; dentre alguns outros.

Para além da Biologia, um novo apoio será encontrado para a hipótese do novo dualismo pulsional, desta vez, na ciência física: as forças de atração e repulsão “que a física supõe existir no mundo inorgânico” (id. *ibid.*, p. 105) corresponde à ação das pulsões de vida e de morte, respectivamente.

Vale a pena salientar um ponto que, apesar de já ter estado presente em *Além do princípio de prazer* (1920), não foi suficientemente destacado até agora: a tendência à repetição está ligada aos os fenômenos regressivos de modo geral, e não apenas ao retorno do desagradável; é assim que pode ser compreendido os comportamentos migratórios de peixes e aves, e a capacidade de regeneração de órgãos de alguns animais.

Ao abordar a instauração do superego, Freud parece ampliar parte da teoria apresentada em *O Ego e o Id* (1923). É verdade que o autor já havia considerado que a agressão, cujo alvo para o exterior é barrado, passa a ser ligada pelo superego, aumentando seu sadismo. Entretanto, neste trabalho, a própria origem dessa estrutura da mente será vinculada ao bloqueio exterior da agressividade, e não apenas à renúncia libidinal, como era o caso de *O Ego e o Id* (1923). Diz o autor:

(...) quando o superego foi instituído pela primeira vez, para equipar essa instância, fez-se uso da parcela de agressividade infantil dirigida contra os pais, pelo que lhe

foi impossível efetuar uma descarga para fora, devido à sua fixação erótica, bem como em virtude de dificuldades externas (...) (FREUD, 1933 [1932], p. 111).

Por fim, vale a pena salientar que, nesta ‘conferência’, Freud já não aparenta a mesma certeza quanto à sua teoria sobre a origem da vida: a de que, durante o processo de animação da matéria inorgânica, a substância viva foi fragmentada em partes que, desde então, procuram se reencontrar (lembrando: era esta suposição teórica que permitia a Freud atribuir uma característica de compulsão à repetição à vida pulsional como um todo). O autor confessa:

(...) Também a questão de saber se o caráter conservador não poderia pertencer a todas as pulsões, sem exceção; se também as pulsões eróticas não poderiam estar buscando reconstituir uma situação prévia, ao se empenharem por efetuar uma síntese de coisas vivas em unidades sempre maiores – também essas questões devemos deixar sem resposta (id. *ibid.*, p. 109-10).

Trata-se aqui, novamente, do prenúncio de uma modificação em seu pensamento, que será definitivamente estabelecida no *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938]).

* * *

O *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938]) é um dos últimos trabalhos freudianos de maior envergadura, composto de 3 partes e 9 capítulos que, em seu conjunto, passeiam por diversas concepções psicanalíticas: as relações entre a primeira e a segunda tópica; a última teoria das pulsões; o desenvolvimento psicosexual humano; a técnica psicanalítica propriamente dita; dentre outros. No que concerne ao objeto de estudo da presente pesquisa, pode-se afirmar que Freud faz pequenos ajustes e salienta alguns pontos em definitivo, de modo que o exame do *Esboço...* resta suficientemente justificado.

Apesar de, em *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud ter tentado desvencilhar os sentimentos de prazer/desprazer de uma característica quantitativa, ainda que ela pudesse estar de algum modo relacionada àqueles, neste trabalho, o autor retoma suas antigas formulações neste sentido. Ao descrever as características e o modo de funcionamento do ego, dirigido que o é pelas tensões nele presentes ou introduzidas, afirma que...

A elevação dessas tensões é, em geral, sentida como *desprazer*, e o seu abaixamento, como prazer. É provável, contudo, que aquilo que é sentido como prazer ou

desprazer não seja a altura *absoluta* dessa tensão, mas sim algo no ritmo das suas modificações (grifos do autor, FREUD, 1940 [1938], p. 159).

Considerando que o ritmo das modificações da tensão também poderia ser descrito quantitativamente, não se pode concluir desta passagem que a série prazer/desprazer esteja sendo relacionada a uma determinada *qualidade*, mesmo que desconhecida, como era o caso do trabalho de 1924. Isso significa que o paradoxo apontado por Laplanche (1985) – como a pulsão de morte pode levar ao desprazer e à redução da tensão, simultaneamente –, se havia sido afastado ou solucionado em algum momento, retorna maciçamente ao interior da teoria. Prova disso é o fato de que, mesmo tendo se debruçado sobre as relações entre pulsões e princípios do funcionamento mental, Freud chega ao final de sua teorização sem nenhuma conclusão satisfatória a esse respeito:

(...) permanece sendo questão da mais alta importância teórica, questão que ainda não foi respondida, quando e como é possível este princípio de prazer ser superado. A consideração de que o princípio de prazer exige uma redução, no fundo a extinção, talvez, das tensões das necessidades pulsionais (isto é, o *Nirvana*) leva às relações ainda não avaliadas entre o princípio de prazer e as duas forças primeiras, Eros e pulsão de morte (grifos do autor, id. *ibid.*, p. 212).

Ainda assim, não parece razoável ao autor aproximar a ação da pulsão de morte do princípio de prazer e, assim sendo, algo das concepções apresentadas em *O problema econômico do masoquismo* (1924) são mantidas:

Surge a questão de saber se a satisfação de impulsos instintivos puramente destrutivos pode ser sentida como prazer, se ocorre a pura destrutividade sem qualquer mistura libidinal. A satisfação da pulsão de morte que permanece no ego não parece produzir sentimento de prazer, embora o masoquismo represente uma fusão que é inteiramente análoga ao sadismo (id. *ibid.*, p. 167).

Essas passagens, em seu conjunto, poderiam levar ao seguinte entendimento: Eros funciona de acordo com o princípio de prazer, ao passo que a pulsão de morte age em consonância ao princípio de Nirvana, como Freud já havia salientado em *O problema econômico do masoquismo* (1924). Contudo, em seu limite, o princípio de prazer coincidiria com – ou melhor, transformar-se-ia no – princípio de Nirvana. Seja como for, o “paradoxo econômico da pulsão de morte” (LAPLANCHE, 1985, p. 109) permanece.

Uma vez que as partes do aparelho da mente foram devidamente localizadas, trata-se de entender como as pulsões distribuem-se naquelas. Quanto a isso, apesar de o id ser o local, por excelência, de Eros e pulsão de morte – “ele [o id] contém as pulsões” (FREUD,

1940 [1938], p. 158) – elas, “necessariamente, têm de ser encontradas em toda parte” (id. *ibid.*, p. 162).

No capítulo 2 deste trabalho, Freud abandona definitivamente a idéia de que toda pulsão é uma força que busca restaurar um estado anterior de coisas. Assim, a tendência regressiva do organismo é vinculada apenas à ação da pulsão de morte em seu interior. Diz o autor: “(...) a pulsão de morte se ajusta à fórmula que propusemos, a qual postula que as pulsões tendem a retornar a um estado anterior. *No caso de Eros (ou pulsão do amor), não podemos aplicar esta fórmula*” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 161).

Com este abandono, cai por terra também a hipótese de que a matéria inorgânica, quando de sua animação, foi dividida em partes, que desde então procurariam reunificar-se. Outra prova de que a tendência regressiva dos organismos é atribuída exclusivamente à ação da pulsão de morte pode ser encontrada na descrição que Freud faz da cópula: “Nas funções biológicas, *as duas pulsões básicas* operam uma contra a outra ou combinam-se mutuamente. Assim, (...) o ato sexual é um ato de *regressão* com o intuito da mais íntima *união*” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 162).

Vale a pena considerar que, se as defusões pulsionais parecem sempre ser perigosas ao indivíduo, pois acarretam uma liberação da destrutividade, que já não pode mais ser neutralizada por Eros, nem por isso a pulsão de morte em si mesma é danosa, quando devidamente mesclada a Eros. Aliás, sua ausência também pode ser altamente desfavorável. Diz Freud:

Modificações nas proporções da fusão entre as pulsões apresentam os resultados mais tangíveis. Um excesso de agressividade sexual transformará um amante nem criminoso sexual, *enquanto uma nítida diminuição no fator agressivo torna-lo-á acanhado ou impotente* (grifos meus, id. *ibid.*, p. 162).

Em um olhar retrospectivo, a teoria da pulsão de morte auxiliou Freud a explicar teoricamente: 1. o surgimento da transferência no curso da análise; 2. a regular relação entre sadismo e masoquismo; 3. a regressão sádico-anal da neurose obsessiva; 4. os sonhos nos quais não se encontram qualquer realização de desejo; 5. a reação terapêutica negativa. Entretanto, em termos práticos, no que diz respeito à *etiologia* da neurose, de um ponto de vista pulsional, um papel praticamente exclusivo ainda é dado à sexualidade, no *Esboço...*:

Teoricamente, não há objeção a supor que qualquer tipo de exigência pulsional possa ocasionar as mesmas repressões e suas conseqüências, mas nossa observação

demonstra-nos, *invariavelmente*, até onde podemos julgar, que as excitações que desempenham esse papel patogênico se originam as pulsões componentes da vida sexual (grifos meus, id. *ibid.*, p. 199).

CAPÍTULO 3: UM EXAME DA OBRA FERENCZIANA ANTERIOR A *THALASSA* (1924), SOB A ÓTICA DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE

No prefácio de *Psicanálise I*, Michael Balint, adverte: “(...) no início, ela [a divergência entre Freud e Ferenczi] parece limitar-se aos problemas técnicos, mas, na verdade, *envolvia diversos problemas teóricos essenciais*” (grifos meus, FERENCZI, 1991, p. 08). J. Dupont, por sua vez, esclarece, na introdução de *Psicanálise III*, a que se refere essa divergência:

o desacordo [entre Freud e Ferenczi] não se referia apenas à técnica ativa. Toda a linha de pensamento de Ferenczi *e o interesse que ele tinha pelo fenômeno da regressão* parecem ter impressionado Freud como uma perigosa ameaça de desvio, de conseqüências imprevisíveis (grifos meus, FERENCZI, 1993, p. 08).

Este trabalho de pesquisa pretende abordar ao menos uma pequena parte desta problemática teórica.

No artigo *As neuroses à luz do ensino de Freud e da psicanálise* (1908), surge, pela primeira vez, na obra deste autor, algo relacionado aos fenômenos de repetição, embora ainda não se trate da compulsão à repetição freudiana, mas pura e simplesmente do retorno do recalçado. Ferenczi inicia sua exposição por uma tentativa de explicação das neuroses atuais, para as quais ele cunha o termo ‘fisoneuroses’, estando explícito, na própria terminologia, que as neuroses atuais envolvem um mecanismo predominantemente físico ou fisiológico. A neurastenia (astenia ou fraqueza dos nervos) só pode ser ocasionada por um excesso de satisfação sexual; não qualquer uma, mas apenas de tipo inapropriado. A satisfação sexual culmina com o orgasmo que, para ser alcançado, demanda do organismo certa cota de energia. Esta, devendo ser retirada de algum lugar, em condições normais, assim o é das fontes externas de estimulação: o beijo; o toque; o cheiro; a visão do corpo feminino nu, ou, o que é melhor, seminu. Em situações precárias, o sujeito retira essa energia, não de fora, mas de dentro do próprio organismo, através da imaginação. Mediante a masturbação, a energia retirada da imaginação pode ser empregada para o orgasmo. Tal experiência, utilizada repetidamente, acarreta o enfraquecimento psíquico do sujeito, tendo como conseqüência o adoecimento neurastênico. E se, na neurastenia, determinada cota de energia psíquica é empregada para a experiência do orgasmo, na neurose da angústia, é o caminho inverso que não pode ser percorrido adequadamente, sendo a excitação somática incapaz de se manifestar apropriadamente no plano psíquico, de modo que o acúmulo de energia sexual somática

transborda na forma de angústia. Resolvido o problema das ‘fisioneuroses’, Ferenczi volta-se para as psiconeuroses, até que, em determinado ponto, afirma:

O recalque das lembranças desagradáveis nunca é, na prática, um processo que se conclui com inteiro sucesso; entretanto, o combate entre o grupo de representações afetivamente investido com sua tendência para a repetição – o que Jung denomina complexo –, por um lado, e a censura que se lhe opõe, por outro, pode eventualmente terminar num compromisso mútuo. Nesse caso, nem a tendência para o recalque nem a tendência para a repetição podem realizar-se inteiramente, mas o complexo fica representado na consciência por intermédio de uma associação superficial qualquer (FERENCZI, 1908/1991, p. 11).

E, na continuidade, o autor vislumbra uma espécie de mecanismo psicológico que terá profundas relações com os descritos no *Diário* (1932), quando ele abordará, de maneira sistemática, a questão do trauma:

As crises histéricas, as câibras, produzem-se – como a análise mostrou – quando uma impressão psíquica está tão intensamente vinculada ao complexo recalcado que a consciência não pode proteger-se de sua reprodução e *abandona-se a ela inteiramente* (grifos meus, id. *ibid.*, p. 16).

Essa passagem parece ter importância, pois, no *Diário* (1932), um mecanismo similar será encontrado, quando o indivíduo se entrega inteiramente à própria morte. A idéia de abandonar-se inteiramente ao complexo recalcado talvez possa remeter à representação da vítima que se entrega inteiramente ao agressor, que não se opõe, para, com isso, menos sofrer, como será salientado.

A primeira menção de Ferenczi aos problemas da agressividade surge no artigo *Psicanálise e Pedagogia* (1908), no qual, dentre outras questões, o autor mostra sua preocupação em como a Psicanálise pode contribuir para o desenvolvimento da sociedade como um todo. Na época da publicação do mesmo, de acordo com a teoria psicanalítica clássica, a agressividade era ligada ainda às pulsões do ego – às tendências egoístas, na terminologia ferencziana – e essa mesma ligação parece estar sendo respeitada aqui:

(...) a máscara que os juízes morais da sociedade apresentam dissimula – à sua própria revelia – todos os pensamentos e tendências egoístas que tanto condenam nos outros. O rigor deles poupa-lhes a obrigação de reconhecer esse estado de coisas e, ao mesmo tempo, fornece-lhes uma saída para um de seus desejos inconscientes escondidos: a agressividade (FERENCZI, 1908/1991, p. 38).

Contudo, em *Interpretação científica dos sonhos* (1909), a agressividade é explicitamente aproximada da sexualidade: “(...) mas um detalhe ínfimo do sonho – se

submetido à análise – permite freqüentemente descobrir o símbolo do ataque sexual de que a agressividade constitui um componente característico e necessário” (FERENCZI, 1909/1991, p. 64). Diante disso, têm-se duas possibilidades: ou, sub-repticiamente, Ferenczi desloca a agressividade das pulsões egoístas para as pulsões sexuais; ou, ainda dentro do quadro explicativo da época, supõe-se que, para a consecução do ato sexual, seria necessária uma espécie de fusão entre pulsões sexuais e pulsões do ego.

Mais enigmático ainda é o fato de Ferenczi, em *Transferência e Introjeção* (1909), aproximar a própria sexualidade da tendência egoísta, o que parece entrar nitidamente em choque com as concepções freudianas da época. Afirma o autor que, nos neuróticos, há um deslocamento “das tendências egoístas (agressivas e eróticas) recalçadas, (...) do inconsciente para um plano onde elas podem ser vividas sem culpa” (FERENCZI, 1909/1991, p. 79). Parte dessa ambigüidade pode ser solucionada caso se leve em conta a teoria que Ferenczi está desenvolvendo na época: *o amor do bebê à mãe já é, em si mesmo, uma transferência*, pois fruto do deslocamento do interesse, na origem, auto-erótico, para o objeto; ao amar o outro, ama-se a si mesmo, pois o sujeito só pode amar o outro na medida em que o coloca dentro de si, introjetando-o, incorporando-o. Daí, talvez, o fato de não haver incompatibilidade, para Ferenczi, entre pulsões egoístas e pulsões eróticas. É plausível supor, inclusive, que, mesmo em 1909, Ferenczi estivesse antecipando algo das conclusões a que Freud foi obrigado a chegar em *Introdução ao Narcisismo* (1914). O trabalho *O conceito de introjeção* (1912) é muito claro a respeito da idéia de que o amor pelo mundo é fruto de um deslocamento do amor próprio, e, a partir desta idéia, poder-se-ia supor que a diferença de natureza entre libido do ego e libido do objeto já estaria sendo borrada logo no início da elaboração teórica do autor:

Eu descrevi a introjeção como a extensão ao mundo externo do interesse, auto-erótico na origem, pela introdução dos objetos exteriores na esfera do ego. Insisti nessa introdução para sublinhar que considero todo amor objetual (ou toda transferência) como uma extensão do ego ou introjeção, (...). Em última análise, o homem só pode amar-se a si mesmo e a mais ninguém; amar a outrem equivale a integrar esse outrem no seu próprio ego (FERENCZI, 1912/1991, p. 181).

Entretanto, ainda tateando nestas idéias, dificilmente Ferenczi romperia com as teorizações freudianas da época, de modo a abandonar o dualismo entre sexualidade e ego. Cabe lembrar que, mesmo Freud, após os estudos referentes ao narcisismo e a introdução da segunda teoria das pulsões, manteve esta distinção. É assim que, no artigo *Sugestão e Psicanálise* (1912), Ferenczi afirma:

(...) E, essencialmente, trata-se de conflitos não-resolvidos ao nível dos dois instintos principais do homem: o instinto de conservação e o instinto de reprodução, conflitos esses que se tornaram insuportáveis em consequência de uma disposição individual ou de circunstâncias exteriores (FERENCZI, 1912/1991, p. 224).

Passado o estudo de Freud sobre o narcisismo, entretanto, já não restam mais obstáculos para reconhecer que suas especulações antecipam algo das conclusões a que chegou Freud por outros caminhos. No artigo *As Patoneuroses* (1917), Ferenczi marca explicitamente que a concepção de que no amor objetual adulto resta muito do amor próprio do indivíduo é de sua autoria:

No seu ensaio “Introdução ao Narcisismo”, Freud cita, entre outras coisas, a minha hipótese segundo a qual as modificações particulares que a vida amorosa dos doentes orgânicos sofre (retirada da libido do objeto e concentração de todo o interesse tanto libidinal quanto egoísta no ego) deixa supor a persistência, subjacente no amor objetual do adulto normal, de uma grande parte do narcisismo primitivo que apenas aguarda uma ocasião para se manifestar. (FERENCZI, 1917/1991, p. 293-4).

Os comentários de Ferenczi na conferência *A respeito das psiconeuroses* (1909) podem oferecer uma série de pistas sobre o desenvolvimento teórico posterior do autor. Primeiramente, Ferenczi se surpreende em classificar as neuroses em uma base tão dualista, sendo incontestavelmente adepto do monismo:

Apresso-me, pois, a assinalar que, *teoricamente*, sou adepto dessa concepção filosófica denominada *monismo agnóstico*, que reconhece, como seu nome indica, um princípio único na base de todos os fenômenos existentes (...). Entendo, porém, que o monismo é apenas um ato de fé filosófica, um ideal para o qual devemos tender, mas que supera de longe os limites atuais do nosso saber (FERENCZI, 1909/1991, p. 42).

Possivelmente, nesta citação encontra-se em germe todo o desenvolvimento teórico subsequente de Ferenczi. O autor explicita: o que ele deseja encontrar é um princípio único na base de todos os fenômenos existentes, não apenas dos fenômenos psíquicos, bem como dos físicos e biológicos. Pela afirmação de que este princípio ainda não foi encontrado, não se pode identificá-lo ao princípio de prazer. Cabe destacar que *Thalassa* (1924) cumprirá muito de perto os objetivos traçados por Ferenczi nesta conferência. Nesta obra, o autor ultrapassa de longe qualquer preocupação apenas com o desenvolvimento psíquico do ser humano, para se ater a todo o desenvolvimento somático das espécies, ao mesmo tempo em que encontrará este princípio único explicativo, a saber, o princípio de regressão.

Retomando a conferência, o autor comenta muito sucintamente as doenças que podem ser classificadas como neuroses atuais – ou fisioneuroses, como ele prefere chamar – e explicita que seu objetivo maior é abordar os problemas relacionados às psiconeuroses. Mas, contrariamente ao que se esperava, Ferenczi apenas cita quais são as duas principais psiconeuroses – histeria e neurose obsessiva – para, em seguida, apresentar um pouco da teoria psicológica embutida na Psicanálise, começando pelo princípio de prazer:

De modo geral, a nova psicologia baseia-se no “princípio de desprazer” que rege os processos mentais e que eu poderia descrever como a tendência egoísta para evitar, tanto quanto possível, as emoções desagradáveis e o desejo de obter com um mínimo de esforço um máximo de satisfações (FERENCZI, 1909/1991, p. 45).

Com o termo *princípio de desprazer*, nenhuma modificação está em jogo, uma vez que o próprio Freud utilizava inicialmente esta expressão (que é até mais adequada). O ponto mais importante é o fato de Ferenczi ter descrito o princípio de prazer como uma tendência egoísta, o que parece ser problemático a partir da teoria freudiana, e isto porque, quando o ego encontra em consideração, passa a haver uma transformação do processo primário em secundário, de um lado, e do princípio de prazer em princípio de realidade, de outro. Dito de outra maneira: o princípio de prazer, por si só, parece ter pouca relação com uma tendência egoísta, até porque um organismo que funcionasse irrestritamente segundo o princípio de prazer – o que é uma ficção teórica – não abandonaria a alucinação e, por conseguinte, morreria de fome. Por outro lado, também não é verdade que o ego não esteja em consonância com o princípio de prazer (desde que transformado pelo princípio de realidade).

De qualquer forma, uma vez apresentado o princípio de prazer, nada mais lógico do que expor a modificação pela qual passa o mesmo, com a introdução da realidade. E, ao considerar o princípio de realidade, Ferenczi toca no tema do sacrifício de si próprio. À primeira vista, o sacrifício de si próprio parece ter íntimas relações com o masoquismo e a pulsão de morte. Ele aparecerá com maior força no *Diário* (1932), como será visto. A diferença é que, em 1932, Ferenczi atribuirá o sacrifício de si, ao que parece, a uma base pulsional, enquanto que, aqui, ele decorre da influência da sociedade sobre o indivíduo. Diz o autor: “A própria educação o levará [o homem] também a considerar que o sacrifício de si mesmo pelo bem da comunidade é uma bela coisa, boa e digna de suas mais elevadas ambições” (FERENCZI, 1909/1991, p. 45).

Devido à influência do princípio de realidade, uma parte dos desejos humanos, sobretudo os desejos sexuais, devem ser reprimidos, e é através do mecanismo de defesa da

repressão que surgem sentimentos como o pudor, a vergonha e a repugnância. Em circunstâncias especiais, a repressão falha, o que dá origem aos sintomas neuróticos.

Colocada a psicologia e a psicopatologia psicanalítica desta maneira, o autor pode retomar o tema da histeria e da neurose obsessiva. Na última, os afetos ligados a representações incômodas são transferidos para pensamentos mais anódinos, o que dá origem à idéia obsessiva, ao passo que, na primeira, o afeto ligado às primeiras representações é convertido para a esfera orgânica. O adoecimento histérico e obsessivo – e até mesmo o paranóico e esquizofrênico – segue a lógica do princípio de prazer: trata-se, sobretudo, de evitar o contato com representações desprazerosas. Uma vez descobertos os mecanismos psíquicos envolvidos nas mais diversas afecções mentais, espera-se algo em termos de tratamento e cura. Apoiando-se em Biegansky, afirma que apenas alguns sintomas são nocivos. Há uma classe de sintomas úteis, pois assinala “a atividade compensatória de regeneração espontânea da natureza” (FERENCZI, 1909/1991, p. 51), tal como a febre, por exemplo, é um sintoma que representa uma defesa do organismo contra algum agente infeccioso. Partidário do monismo, desejoso de explicar todos os fenômenos por um único princípio, com a idéia de uma regeneração espontânea da natureza, caso adira à hipótese da pulsão de morte, Ferenczi teria de, no mínimo, renunciar ao monismo, substituindo-o pelo dualismo. E essa tendência reparadora da natureza é equacionada não apenas ao princípio de prazer, mas, também, ao princípio de constância, ou, melhor dizendo, princípio de prazer e princípio de constância equivaler-se-ão:

Parece provável, *a priori*, que o tratamento das neuroses, até o presente momento puramente empírico, tenha tido bons resultados nos casos onde ele pôde – mesmo involuntariamente – imitar as tendências reparadoras espontâneas da natureza. Pois a significação teleológica dos sintomas existe mesmo nas psiconeuroses; quando o paciente desloca as representações penosas, quando as converte em sintomas orgânicos, as projeta no mundo externo ou foge delas introvertendo-se, é com um objetivo preciso: evitar toda excitação, atingir um estado de equilíbrio psíquico (FERENCZI, 1909/1991, p. 51).

Mas a questão permanece: como tratar histéricos, obsessivos, paranóicos e esquizofrênicos? Ou, melhor, como tratar os sintomas nocivos desses doentes mentais, uma vez que dos sintomas úteis a própria natureza se incumba de cuidar? Com os paranóicos e os esquizofrênicos, nada se pode fazer: eles são muito desconfiados ou ensimesmados para poderem receber alguma influência psicológica. E quanto aos histéricos e os obsessivos? Ferenczi passa em exame uma multiplicidade de tratamentos, desde a mudança de ambiente do doente, passando pela hipnose e pela sugestão, até chegar aos medicamentos antineuróticos

da época, e conclui que os únicos eficazes são aqueles que imitam a tendência regenerativa da natureza. A novidade é que Ferenczi identifica essa tendência também ao mecanismo psíquico da repressão: “Se passarmos em revista os agentes e os métodos terapêuticos que acabamos de examinar, vemos que só são verdadeiramente eficazes aqueles que imitam a tendência autoterapêutica da natureza, o recalçamento” (FERENCZI, 1909/1991, p. 54). Quando é confrontado com excitações desprazerosas, o organismo, submetido à sua tendência reparadora, regenerativa ou autoterapêutica, faz uso do mecanismo de defesa da repressão, a mesma repressão responsável pelo adoecimento. Dito de outra forma, a tendência regenerativa da natureza colabora tanto para a saúde quanto para a doença. Estranha conclusão, embora inevitável. Seja como for, pode-se afirmar que, na idéia de “tendência regenerativa ou autoterapêutica” e na aproximação desta tendência com o mecanismo de repressão, já estão em germe algumas das concepções que surgirão em *Thalassa* (1924), principalmente na representação da autotomia como modelo biológico da repressão e da tendência regenerativa da natureza.

Um espaço reservado é deixado para o tratamento psicanalítico destas doenças nervosas, tratamento este que age na contramão do princípio de prazer, ou seja, não tenta imitar a tendência autoterapêutica da natureza:

(...) ela [a Psicanálise] se esforça não por fazer esquecer os conflitos, mas por torná-los conscientes, habituando o doente, por uma espécie de reeducação, a suportar corajosamente as representações penosas que contém em si, a fim de não ter que fugir delas na doença, na produção de sintomas mórbidos simbólicos (FERENCZI, 1909/1991, p. 54).

Mais uma enigmática conclusão: a Psicanálise age terapêuticamente, sem, contudo, tentar imitar a tendência autoterapêutica da natureza.

Gradativamente, ao se examinar a obra ferencziana, percebe-se que ela vai se aproximando de um dos aspectos que a tornam característica, e que, ao mesmo tempo, é o objeto de estudo deste trabalho. Até então, tratou-se apenas de uma tendência do organismo para a repetição, ou do retorno do recalçado, tema já familiar a partir da própria teoria freudiana. Contudo, em *Palavras Obscenas: contribuição para a psicologia do período de latência* (1911), Ferenczi refere-se pela primeira vez à tendência do organismo para a *regressão*. Com o objetivo de descobrir os motivos pelos quais o pronunciamento de palavras obscenas provoca mais resistências do que seus respectivos equivalentes científicos, afirma o autor:

Se supusermos que a distinção rigorosa dos objetos representados e dos objetos reais pode ser imperfeita, que existe, portanto, *uma tendência do psiquismo para recair no modo de funcionamento primário regressivo*, reencontraremos aí uma certa base para compreender melhor as características particulares das palavras obscenas; aí encontraremos igualmente uma certa justificação da hipótese segundo a qual, num certo estágio do desenvolvimento, esse caráter tangível (sensorial), *somado à forte tendência regressiva*, é próprio de todas as palavras (grifos meus, FERENCZI, 1911/1991, p. 113).

* * *

Sabe-se que, a partir de 1915, Freud e Ferenczi estabelecem projeto em comum de escrever um trabalho sobre psicologia biológica (FIGUEIREDO, 1999), que nunca foi concluído, mas deu origem, para um, a *Além do Princípio de Prazer* (1920), e, para outro, a *Thalassa* (1924). Assim, é possível que nos trabalhos de Ferenczi escritos entre 1913 a 1919 possam ser encontradas algumas indicações que levam à particular concepção de Ferenczi sobre a noção de pulsão de morte.

E, de fato, na conferência *A importância da Psicanálise na Justiça e na Sociedade* (1913), Ferenczi remete-se ao biólogo Haeckel, de acordo com o qual a ontogênese repete a filogênese: “(...) todo o indivíduo – como sabemos desde Haeckel – deve repetir [a evolução] por conta própria” (FERENCZI, 1913/2003, p. 04). A tese haekeliana de que a filogênese é repetida através da ontogênese será fundamental para o desenvolvimento da teoria psicanalítica ferencziana, como será oportunamente demonstrado.

O trabalho *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus estágios* (1913), por sua vez, desenvolve mais amplamente: 1. a hipótese de tendências regressivas que se encontram em funcionamento no ego, normal e patológico; 2. a tese haekeliana de que a ontogênese repete a filogênese. O sentido de realidade corresponde à percepção pelo ego de algo diferente de si próprio, que possui algumas particularidades, sendo a principal delas a não-submissão à vontade do ego. Em outras palavras, ao desenvolver o sentido de realidade, só resta ao ego enfraquecer o seu sentimento de onipotência inato. Colocadas as coisas desta maneira, Ferenczi estudará o desenvolvimento do sentido de realidade por meio do sentimento de onipotência. A idéia é simples: há uma relação de proporção inversa entre sentimento de onipotência e senso de realidade. O ponto de partida de Ferenczi para o encaminhamento de seus propósitos é um trabalho de Freud publicado dois anos antes, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911). Neste, Freud apresenta os princípios de prazer e de realidade, e suas respectivas características. Mas, para Ferenczi, Freud “deixa sem respostas a questão de saber se é progressivamente ou por etapas que a forma secundária da

atividade psíquica se desenvolve a partir da forma primária” (FERENCZI, 1913/2003, p. 40). Os objetivos do autor, no decorrer deste trabalho, podem ser assim sintetizados: 1. verificar se há etapas de desenvolvimento entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, através da análise do sentimento de onipotência; 2. em caso afirmativo, descrevê-las; 3. descobrir os derivados de tais etapas do desenvolvimento do ego na vida psíquica normal e na psicopatologia.

O próprio título do artigo dá a entender que há etapas no desenvolvimento do ego. Trata-se de verificar quais são as mesmas. Assim, o primeiro estágio é o período da onipotência incondicional. Neste, o organismo é governado unicamente pelo princípio de prazer. O princípio de realidade ainda não entrou em ação. É apenas no estágio da vida intra-uterina que um organismo pode sobreviver segundo estes moldes, pois se trata de um ser que nada deseja, uma vez que ele “possui constantemente tudo o que lhe é necessário” (FERENCZI, 1913/2003, p. 42).

Durante e após o nascimento, o bebê humano entra em contato com a vivência do desprazer, e lidará com este por meio do mecanismo psíquico da alucinação; daí o segundo período ser o da onipotência alucinatória mágica. O bebê passa a desejar – pois que ocorre uma distância no tempo entre a necessidade e a satisfação, de modo a surgir a frustração, ainda que mínima –, mas como ele está cercado de cuidadores que se ocupam dele constantemente, satisfazendo suas necessidades, ainda não é necessário operar modificações no mundo externo. Nota-se que o primeiro desejo do ser humano é *regressivo, o de retornar à situação intra-uterina*. A psicose alucinatória nada mais é do que uma regressão do ego a esta etapa do desenvolvimento.

O próximo estágio pode ser chamado de período da onipotência por movimentos descoordenados. O bebê grita, agita-se e passa a utilizar tais descargas motoras descoordenadas “como sinais mágicos, cuja emissão realiza prontamente a percepção da satisfação” (id. *ibid.*, p. 45). A epilepsia essencial é um retorno do ego a este estágio do desenvolvimento.

Em seguida, tem-se o período da onipotência com a ajuda de gestos mágicos. De acordo com Ferenczi, “trata-se (...) de um refinamento do estágio anterior, através do qual a criança emite gestos cada vez mais especializados para exprimir desejos cada vez mais específicos” (id. *ibid.*, p. 46). O ser humano normal lança mão de diversos gestos para a expressão de seus desejos; exemplos disso são os gestos de maldição, os de bênção, as mãos que ficam juntas para o momento da prece, e assim por diante. O indivíduo histérico, também,

através de uma motricidade bastante refinada, expressa uma infinidade de desejos inconfessáveis.

O primeiro estágio no qual o indivíduo alcança o sentido de realidade, ou seja, aprende a diferenciar o eu do não-eu, é denominado como fase de projeção do desenvolvimento do ego. O bebê expulsa de si aquelas partes do mundo que permanecem alheias à sua vontade. É por esse caráter de expulsão que Ferenczi atribui à projeção o status de mecanismo fundador do relacionamento entre o vivido subjetivo e o percebido objetivo.

Mas o fato de a criança pequena ter se deparado com a separação entre o eu e o não-eu não faz com que todos os vínculos entre o ego e o mundo sejam rompidos. Na fase seguinte, denominada fase animista, a criança investe “o mundo externo com qualidades que descobre em si mesma” (id. *ibid.*, p. 46). As coisas passam a ter vida, os demais animais são como as pessoas, e assim por diante.

Com o desenvolvimento da linguagem, que torna o pensamento consciente, um novo tipo de onipotência ainda pode ser mantido, caracterizando o período do pensamento e das palavras mágicas. Exemplos desta fase podem ser encontrados na “fé no poder irresistível de certas preces e orações, pragas, maldições e fórmulas mágicas – que basta pensar intimamente ou pronunciar em voz alta para que surtam efeito” (id. *ibid.*, p. 49). O neurótico obsessivo funciona caracteristicamente de acordo com este padrão de desenvolvimento egóico.

Quando o princípio de prazer cede espaço completo para o seu amalgamento com o princípio de realidade, de modo que o sentimento de onipotência dê lugar ao pleno reconhecimento da realidade? A partir do momento em que a criança desliga-se completamente de seus pais, no plano psíquico.

Até aqui, estudou-se o sentimento de onipotência em sua relação com o ego, mas ainda há que se considerar aquele em sua relação com a sexualidade. É neste contexto que Ferenczi introduz o termo *realidade erótica*, que pode ser descrito como o reconhecimento da necessidade do encontro com o objeto; o oposto disso seria a onipotência erótica, ou seja, a ilusão da auto-suficiência. Assim, pode-se dizer que o auto-erotismo e o narcisismo correspondem aos estágios da onipotência do erotismo; entretanto, como foi visto em *Transferência e Introjeção* (1909) e *O conceito de introjeção* (1912), “o narcisismo jamais cessa, mas subsiste sempre ao lado do erotismo objetal” (FERENCZI, 1913/2003, p. 50), e, “na medida em que nos limitamos a amar-nos a nós mesmos” (id. *ibid.*, p. 50), “em matéria de amor é possível conservar a vida inteira a ilusão de onipotência” (id. *ibid.*, p. 50). Na histeria e na esquizofrenia, há regressões aos estágios auto-eróticos e narcísicos. Os neuróticos

obsessivos e os paranóicos regridem a estágios um pouco mais adiantados do desenvolvimento; neles, algum reconhecimento da realidade erótica foi alcançado.

A partir dessa contribuição de Ferenczi à teoria psicanalítica, a compreensão da patologia mental não mais se restringirá a pontos de fixação e regressão da libido. Agora, há que se levar em consideração também os desenvolvimentos, os pontos de fixação e as regressões do próprio ego. Pode-se dizer que é uma compreensão ampliada do desenvolvimento e do adoecimento mental, sintetizada da seguinte forma:

(...) o teor em desejos da neurose, ou seja, os modos e os objetivos eróticos que os sintomas representam como consumados, dependem da fase em que se encontrava o desenvolvimento da libido no momento da fixação; quanto ao mecanismo das neuroses, é provavelmente determinado pelo estágio de desenvolvimento do ego em que o indivíduo se encontrava no momento da inibição predisponente. (...) De acordo com essa concepção, a histeria e a neurose obsessiva, por exemplo, seriam caracterizadas, por um lado, pela regressão de libido a estágios anteriores da evolução (auto-erotismo, edipismo); por outro lado, no que se refere aos seus mecanismos, por um retorno do sentido de realidade ao estágio dos gestos mágicos (conversão) ou dos pensamentos mágicos (onipotência do pensamento). (id. ibid., p. 51).

Resta saber o que leva o indivíduo a passar de uma fase a outra no desenvolvimento do sentido de realidade do ego, questão que Ferenczi responde taxativamente:

O desenvolvimento do sentido de realidade apresenta-se em geral como uma série de sucessivos impulsos de recalçamento, aos quais o ser humano é forçado pela necessidade, pela frustração que exige a adaptação, e não por “tendências para a evolução” espontâneas (id. ibid., p. 52).

Não há tendências para a evolução, para o progresso, para o desenvolvimento, que sejam espontâneas, inatas, herdadas, constitucionais. O motor da mudança e da adaptação é a frustração, o desprazer. Nesse sentido, as mudanças e as sucessivas adaptações por que passa o organismo poderiam ser atribuídas às pulsões do ego, ou, como prefere Ferenczi, às tendências egoístas, ou seja, à autopreservação. Mas não no sentido de que as pulsões do ego “desejam” a mudança; apenas no sentido de que elas “aceitam” a mudança, desde que o organismo permaneça intacto. Já as pulsões sexuais, estas são ainda mais retrógradas, de modo que nunca abandonam o estágio do narcisismo; ou seja, tudo se passa de forma muito diferente daquela nota de rodapé que Freud acrescentou em 1923, no trabalho *Além do Princípio de Prazer* (1920), quando sugere que as pulsões sexuais seriam as responsáveis pelo progresso e desenvolvimento humano. Seguindo Ferenczi, pelo menos até este ponto, não há

progresso, não há desenvolvimento, não há evolução inerente ao organismo humano, mas, pura e simplesmente, adaptação às circunstâncias desfavoráveis.

Regredindo a etapas anteriores do trabalho, quando Ferenczi tratava dos estágios da onipotência incondicional e da onipotência alucinatória mágica, surge uma oportunidade para abordar o sono do recém-nascido, momento em que ele conclui que...

o primeiro sono é, portanto, a reprodução bem-sucedida da situação intra-uterina que preserva, tanto quanto possível, das excitações externas, com a provável função biológica de concentrar a totalidade da energia nos processos de crescimento e regeneração, sem ser perturbado por uma tarefa exterior a realizar (id. ibid., p. 44).

O primeiro sono do recém-nascido é uma regressão a uma etapa anterior do desenvolvimento. Mas, e quando Ferenczi fala de crescimento e regeneração, não estaria ele se contradizendo com a sua idéia anterior de que não há uma tendência evolutiva espontânea? Absolutamente não, pois não se está falando de evolução, mas apenas do cumprimento das etapas que estavam de antemão pré-determinadas pelo aparato genético da espécie. Entretanto, Ferenczi vai além, e essa tarefa regressiva do sono não será atribuída apenas ao recém-nascido, mas a todas as crianças, adolescentes, adultos e idosos:

Considerações que não podem ser expostas neste contexto convenceram-me de que mesmo o sono posterior nada mais é senão uma regressão periódica e repetida ao estágio de onipotência alucinatória mágica e, por esse intermédio, à onipotência absoluta da situação intra-uterina (id. ibid., p. 44).

O que leva a concluir: o ser humano atravessa as etapas de seu desenvolvimento egóico, desde que possa retornar, de tempos em tempos, às situações originárias que tiveram de ser abandonadas.

Se há uma ontogênese do desenvolvimento do sentido de realidade, haveria também uma filogênese deste? Essa pergunta escapa aos meios de comprovação de Ferenczi, mas, sem dúvida, ele aposta suas fichas neste sentido, e bem que gostaria que essa repetição da filogênese pela ontogênese pudesse ser encontrada:

Quanto ao que supomos da *filogênese* do sentido de realidade, é possível que se trate, de momento, de mera profecia científica. Sem dúvida, conseguir-se-á um dia estabelecer um paralelo entre, por um lado, os diferentes estágios evolutivos do ego, bem como seus tipos de regressão neuróticos, e, por outro, as etapas percorridas pela história da espécie humana, tal como Freud, por exemplo, reencontrou na vida

psíquica de povos primitivos os traços de caráter dos neuróticos obsessivos (id. *ibid.*, p. 51)⁸.

O que é chamado de evolução, para Ferenczi, é simplesmente a repressão de hábitos prazerosos:

Talvez se pudesse arriscar a hipótese de que foram as modificações geológicas da crosta terrestre, e suas conseqüências catastróficas para os ancestrais da espécie humana, que forçaram o recalçamento dos hábitos preferidos e abriram o caminho para a “evolução” (id. *ibid.*, p. 52).

E, na continuidade, de acordo com o autor, quando Freud afirma que o caráter da espécie é o precipitado da história da espécie, o primeiro não reluta em compreender o período de latência como a repetição do congelamento do Planeta Terra:

Pois que já nos aventuramos tão longe no campo dos conhecimentos incertos, não recuaremos agora diante de uma última analogia e colocaremos o grande impulso de recalçamento individual, o *período de latência*, em relação com a última e mais importante das catástrofes que se abateram sobre os nossos ancestrais (numa época em que certamente já existiam seres humanos na Terra), com a calamidade da *era glacial* que repetimos ainda fielmente em nossa vida individual (id. *ibid.*, p. 52).

Para completar seu raciocínio, ele ainda terá que responder uma última pergunta: e aqueles casos em que a suposta evolução do organismo precede as necessidades impostas por coerções externas, como é o caso do desenvolvimento do mecanismo respiratório ainda na vida intra-uterina? Ferenczi afirma que “isso só se produz na *ontogênese*, o que já se pode considerar como recapitulação de um processo evolutivo comandado pela necessidade na história da espécie” (id. *ibid.*, p. 52).

O artigo *Crítica de “Metamorfose e Símbolos da Libido”, de Jung (1913)* é mais um exemplo de que, para Ferenczi, a atividade mental está prioritariamente orientada para o passado. Segundo o autor, Jung apresenta o aparelho psíquico como dividido em duas partes, “uma que reproduz o passado e outra que pressente o futuro” (FERENCZI, 1913/2003, p. 92). E, para rebater a tese junguiana, argumenta:

A Psicanálise mostra-nos a existência no inconsciente de formas de atividade que têm tão pouco a ver com o princípio de realidade e parecem tão nitidamente postas a serviço de satisfações voluptuosas, que nem mesmo com a melhor boa vontade do mundo se lhes pode atribuir uma tendência evolutiva criadora (id. *ibid.*, p. 92).

⁸ Um paralelo semelhante a este será procurado em *Thalassa* (1924); porém, Ferenczi irá muito mais adiante, ao levar em conta, mais do que a história da espécie humana, a própria história da vida no Planeta.

Inexiste no inconsciente a tendência para a evolução e criação. Caso se amplie essa concepção para o organismo como um todo, transformando essas concepções psicanalíticas em uma verdadeira teoria da evolução, ver-se-á algumas semelhanças e diferenças entre Ferenczi e Darwin. A semelhança é que, também para Darwin, a evolução não é causada por uma tendência do organismo no sentido do progresso e do desenvolvimento. Contudo, Darwin atribui as transformações por que passa o organismo ao acaso, ao passo que, para Ferenczi, elas são fruto de transformações ambientais, e é neste ponto que Lamarck lhe parece fazer mais sentido:

(...) são, precisamente, obstáculos externos que obrigam os seres vivos a abandonar os modos de satisfação que lhes agradam e a criar satisfações substitutivas; e isso não é uma tendência interna, mas uma coerção externa, ou seja, a necessidade que torna o homem inventivo (id. *ibid.*, p. 99).

No trabalho *Progresso da teoria psicanalítica das neuroses* (1914), pode-se encontrar mais indicações da adesão de Ferenczi à lei biogenética fundamental de Haeckel. Mas Ferenczi atribui essa adesão, primeiramente, ao próprio Freud, quando este faz da neurose obsessiva um produto da religiosidade dos povos primitivos. Para Ferenczi, “(...) temos aí como que o vestígio do universo psíquico das gerações passadas, as provas vivas de que a lei biogenética fundamental de Haeckel [de que a ontogênese repete a filogênese] é igualmente válida para a evolução do psiquismo” (FERENCZI, 1914/2003, p. 165). E, colocadas as coisas desta forma, deixa de ter sentido a contradição estabelecida entre constituição e trauma na formação das neuroses, porque a própria constituição é oriunda das mais primitivas experiências traumáticas pelas quais passou a espécie.

O texto *Dois Tipos de Neurose de Guerra (Histeria)* (1916), por tratar das neuroses traumáticas, tema que é tão próximo ao objeto de estudo deste trabalho, merece alguns comentários adicionais. A quantidade de pacientes que o autor tem nessa época sob seus cuidados, por dirigir o serviço de neurologia de determinado hospital militar, não é pequena: são em cerca de cinquenta. Entre uma abordagem estatística e outra que privilegia o estudo de poucos casos, porém em profundidade, Ferenczi prefere a segunda, escolhendo, para tal, um pequeno grupo de pacientes monossintomáticos. O sintoma de maior destaque é o distúrbio no aparelho psicomotor: algumas paresias espasmódicas, contrações clônicas, tremores, principalmente, quando alguma espécie de esforço ou movimento é exigida. Após uma anamnese detalhada de tais casos, o autor não tem dúvidas acerca do diagnóstico de psiconeuroses, mais especificamente, histerias de conversão, no sentido de Breuer e Freud.

Assim, Ferenczi aponta que os neuróticos traumáticos sofrem de um afeto estrangulado, o medo, do qual não houve possibilidade de descarga suficiente, mesmo que esses pacientes se mostrem alegres e de bom humor. Após essas considerações iniciais, o autor volta sua atenção para um segundo grupo de pacientes. Nestes, o tremor é generalizado, não apenas de um determinado membro do corpo; contudo, curiosamente, o tremor não se manifesta enquanto estão deitados, mas apenas quando se vêem na situação de terem de se locomover (perturbação da marcha). Nestas mesmas circunstâncias, demonstram sinais e sintomas que significam indubitavelmente uma crise de angústia. Ainda, sofrem de pesadelos nos quais repetem a situação do trauma, além de uma forte inibição, total ou parcial, da libido e da potência sexual. Também nestes casos, após anamnese cuidadosa, não resta alternativa a não ser atribuir as condições desses pacientes a transtornos funcionais (neuroses). Ferenczi aproxima estes casos da histeria de angústia (fobias). Segundo o autor, nos transtornos fóbicos, os pacientes sofreram algum tipo de trauma psíquico que abalou a autoconfiança deles. A partir daí, evitam qualquer experiência que se assemelhe à situação patogênica. Após estudar dois pacientes mais a fundo, em particular, a personalidade de cada um deles antes da irrupção do trauma, e até da guerra, Ferenczi pôde perceber que eram pessoas extremamente ambiciosas, autoconfiantes, destemidas, tinham-se em alta conta e eram capazes de grandes realizações. E, então, quando se deparam com a experiência de serem lançados longe por uma bomba, para Ferenczi, elas entram em contato com uma potência superior a elas. Baseado na teoria aplicada em *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios* (1913), o autor conclui que essa experiência traumática, essa afronta à onipotência dos mesmos, fez com que estes pacientes regredissem a um estágio anterior do desenvolvimento onto e filogenético, etapa esta que, não por acaso, é povoada pela onipotência infantil. Nos termos de Ferenczi (1916/2003, p. 269):

Esse choque psíquico pode muito bem ter acarretado uma *regressão neurótica*, ou seja, o retorno a um estágio ultrapassado há muito tempo (nos planos onto e filogenético). (Essa regressão nunca falta na sintomatologia das neuroses, pois as fases totalmente superadas na aparência jamais perdem por completo seu poder de atração e manifestam-se sempre, desde que se apresente uma ocasião propícia.) Parece que o estágio para o qual esses dois neuróticos regrediram é o estágio infantil do primeiro ano, onde não se sabe ainda ficar de pé nem andar corretamente. Sabemos existir na filogênese um protótipo desse estágio, pois a marcha vertical é uma conquista bastante tardia dos nossos ancestrais mamíferos.

Outro sintoma característico dos pacientes que sofrem de neurose traumática é o tremor. Para Ferenczi, também se trata de uma regressão onto e filogenética:

O modelo ontogenético desse modo de reação encontra-se na primeira infância e o modelo filogenético na longínqua série de ancestrais animais, quando o ser vivo ainda reagia às excitações, não pela modificação do meio ambiente exterior (fuga, aproximação), mas por uma transformação do seu próprio corpo (id. *ibid.*, p. 270).

Há ainda outra classe de sintomas a ser explicado: a hiperestesia dos órgãos dos sentidos, da qual alguns exemplos são a hiperacusia, fotofobia e a angústia vinculada ao contato passivo. Essa classe de sintomas pode ser explicada com base na teoria freudiana de “preparação para a ansiedade”. Através destes sintomas, o paciente desenvolve, retrospectivamente, a expectativa ansiosa que esteve ausente no momento da irrupção traumática e, assim, tenta dominar o afluxo de energia livre que invadiu o aparelho mental, em uma quantidade maior de suas capacidades de ligação, até que entra em consideração, novamente, a tendência autoterapêutica do indivíduo:

Segundo a concepção de Freud, devemos considerar, portanto, que os pequenos traumatismos repetidos, o sobressalto ao menor ruído ou relâmpago de luz, são uma tendência para a cura, uma tendência do organismo para restabelecer o equilíbrio perturbado da distribuição da tensão (id. *ibid.*, p. 271).

Ferenczi atribui a Freud a idéia de que esses pequenos traumatismos repetidos – por que não dizer, essa compulsão à repetição? – refletem a tendência do organismo para a cura. Pelo menos a partir de *Além do Princípio de Prazer* (1920), ao que parece, em nenhum momento Freud associa a compulsão à repetição à tendência autoterapêutica do organismo (a não ser quando se refere aos órgãos que se regeneram). Pelo contrário, a compulsão à repetição estará na esteira da concepção da pulsão de morte ou, em outras palavras, de um princípio organizador da vida psíquica e biológica que leva a matéria orgânica ao estado inanimado, ou seja, à morte. Não contente com o exemplo dado pela hipersensibilidade ou hiperestesia dos neuróticos traumáticos, os sonhos traumáticos também são invocados para ilustrar essa tendência autoterapêutica do organismo:

Freud explica da mesma maneira os pesadelos dos neuróticos traumáticos que revivem constantemente em sonhos o acidente em que estiveram outrora envolvidos. Nesse caso, o psiquismo não se apóia em nenhuma excitação externa para reagir a ela de forma excessiva, mas cria ele mesmo a representação capaz de lhe causar medo. Portanto, mesmo esse sintoma penoso serve à tendência para a cura (id. *ibid.*, p. 271).

Em que momento Freud atribuiu a repetição de sonhos traumáticos à tendência do organismo para a cura? Pelo menos em *Além do Princípio de Prazer* (1920), ao tratar dos sonhos das pessoas que sofriam de neurose traumática, duas possibilidades se abriram para

Freud: ou o teor realizador de desejos dos sonhos fracassou nesses casos, ou se é obrigado a investigar as misteriosas tendências masoquistas do ego. Nada nem proximamente semelhante a uma tendência autoterapêutica do organismo. O que está em jogo, na teoria freudiana, é apenas a possibilidade de suspensão do princípio de prazer ou de sua dominância, quando o organismo está às voltas com estes fenômenos. A qual Freud Ferenczi está se referindo? Por estas considerações, pode-se suspeitar que as especulações de Ferenczi não o colocarão na mesma trilha de Freud, no que concerne à questão da pulsão de morte.

Retomando o texto, Ferenczi oferece outro exemplo de um paciente também neurótico devido ao trauma, agitado, incapaz de efetuar todo e qualquer movimento voluntário, fotofóbico, sofrendo de hiperacusia, que, paradoxalmente, preferia dormir em uma sala cheia de barulho do que em um quarto silencioso sem qualquer ruído perceptível. No quarto silencioso, o paciente é incapaz de dormir, pois, de acordo com suas próprias palavras, precisa “*fazer um esforço constante de atenção para escutar se realmente não há nenhum ruído*” (FERENCZI, 1916/2003, p. 272). Essa observação clínica serve aos propósitos teóricos de Ferenczi: o paciente repete o afeto de medo para favorecer seus esforços de cura. O mesmo acontece com aquelas pessoas que, vítimas de agressões sexuais, de uma forma ou de outra, se envolvem nas mesmas circunstâncias da agressão sofrida, como Karl Abraham apontou. Para Ferenczi, elas desejam dominar conscientemente uma experiência que foi sofrida inconscientemente. Mas e o tratamento através de choques elétricos dolorosos que são tão úteis aos neuróticos traumáticos, no sentido de facilitar a cura? Ora, é justamente da dor que eles precisam. É a experiência da dor que colabora para que os pacientes dominem experiências que eles não foram capazes de dominar quando da ocorrência do trauma. Cabe destacar que, em nenhum momento, Ferenczi se refere a tendências masoquistas ou a algo que suplanta o funcionamento do princípio de prazer para dar destes fenômenos tidos como compulsões à repetição.

No trabalho *A Psicologia do Conto* (1918), mais uma vez, Ferenczi deixa claro que, para ele, não há nenhum espaço para noções como ‘evolução’ e ‘criatividade’. Aliás, desde *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios* (1913), todo movimento do ego tem como protótipo a regressão. Ainda, surge algo como a busca pela quietude, o que, no limite, poderia aproximar sua concepção da tendência regressiva ao posterior conceito freudiano de pulsão de morte:

(...) em meu entender, o protótipo de todo movimento egoísta deve ser procurado no passado: na bem-aventurada infância, ou primeira infância, *até na quietude perfeita*, experimentada no seio materno, ao passo que Lesznai, em seus trabalhos sobre a

psicologia do conto – como , aliás, Silberer muito antes dela – suspeita, por trás desse movimento, da existência de alguma tendência “anagógica”, que impele o indivíduo para o alto e para longe, rumo a um aperfeiçoamento intelectual que, no conto, encarna de maneira primitiva um saber ainda embrionário. Essa contradição corresponde aproximadamente à que separa a psicanálise freudiana da “evolução criadora” mística de Bérçson (...) (grifos meus, FERENCZI, 1918/2003, p. 329-330).

* * *

Foi estudado como a regressão ocupa um lugar de destaque no pensamento ferencziano; tema que é central em *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e Seus Estágios* (1913). Neste, não só a patologia, como também alguns comportamentos tidos como normais, são entendidos como manifestações regressivas de estágios aparentemente ultrapassados do desenvolvimento egóico. A própria sexualidade reveste-se de uma tendência ainda mais conservadora – ou melhor, retrógrada – que o próprio ego; no campo da sexualidade, regride-se, em última instância, à etapa do narcisismo, e a partir de *Transferência e Introjeção* (1909) e *O conceito de introjeção* (1912), Ferenczi deixa claro que, no fundo, o indivíduo só consegue amar si próprio, ou seja, mesmo o melhor amor objetal é revestido de um caráter regressivo, através de um retorno a determinada etapa do desenvolvimento da sexualidade. Por fim, por meio da adesão de Ferenczi à lei biogenética fundamental de Haeckel, através da qual se afirma taxativamente que a ontogênese repete a filogênese, todo o desenvolvimento do organismo é entendido como repetições de acontecimentos vividos pela espécie e, portanto, regressões a etapas anteriores do desenvolvimento. Levando este raciocínio ao limite, a consequência lógica é que Ferenczi não pode acreditar em criatividade, evolução, tendência criadora. Aparentes passos adiante vividos na ontogênese mascaram regressões a etapas anteriores da filogênese; e, se na filogênese há modificações no organismo, estas não passam de adaptações a modificações do ambiente (ver-se-á de que maneira essas transformações filogenéticas serão incorporadas ao patrimônio orgânico sob a forma de pulsões), que, a partir de então, serão repetidas nas gerações seguintes. Isto é o que se pode dizer, sinteticamente, sobre as opiniões de Ferenczi no que diz respeito ao tema da regressão, até o presente momento desta análise.

No artigo *Psicanálise das Neuroses de Guerra* (1919), tendo apresentado o debate nos meios médicos da época acerca da etiologia das neuroses traumáticas, e se posicionando a favor da gênese psicológica de tal afecção, resta resolver o problema da *predisposição* para as neuroses de guerra. A maioria dos pesquisadores se apressa em considerar que os neuróticos já nasceram com a predisposição para a neurose, sendo o choque

apenas um fator deflagrador. Para outros, o choque tem maior peso na deflagração da doença do que o fator constitucional. Para a Psicanálise, tanto a constituição quanto o traumatismo são variáveis importantes para a eclosão da neurose, havendo uma relação de proporção inversa entre ambas:

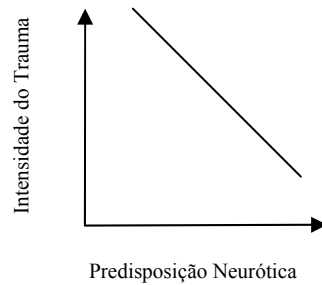


Figura 2. Relação entre predisposição neurótica e intensidade do trauma

Na continuidade, Ferenczi faz um apanhado da bibliografia existente na época acerca da sintomatologia das neuroses de guerra. Como o próprio autor denomina, um verdadeiro museu de sintomas se apresenta aos olhos do observador, mas o que se destaca, pela freqüência e caráter particular, é o tremor. Ainda no que tange ao debate sobre se o tremor tem origem somática ou psicológica, a Psicanálise, mais uma vez, prefere a segunda alternativa: o mecanismo psíquico do sintoma de tremor é a ativação de uma contravontade inconsciente que se opõe às ações voluntárias conscientes. Tudo se passa como se os doentes continuassem “fugindo do perigo que os tinha ameaçado outrora” (FERENCZI, 1919/1993, p. 23), *devido a uma tendência para se proteger da repetição da experiência penosa*. Em seguida, Ferenczi se apóia em uma série de autores não-psicanalíticos – em Bonhöffer, que interpreta os “distúrbios traumáticos como uma fixação dos meios de expressão da emoção aterradora experimentada” (id. *ibid.*, p. 23); em Nonne, “que revela que “os sintomas histéricos recordam (...) os dispositivos de defesa e de resistência inatos (...)”” (id. *ibid.*, p. 23); em Hamburger, que trata os distúrbios psicomotores como ““um complexo de representações da instabilidade, de fraqueza, de frustração e de esgotamento”” (id. *ibid.*, p. 23); em Gaupp, para quem os sintomas fazem pensar “numa “queda nos estados infantis e pueris de impotência manifesta”” (id. *ibid.*, p. 23) – até concluir que:

(...) a regressão aos modos de reação atávicos e infantis corresponde exatamente ao caráter regressivo dos sintomas neuróticos sublinhados por Freud, os quais são todos, segundo ele, regressões a fases ultrapassadas do desenvolvimento ontogenético e filogenético (id. *ibid.*, p. 23).

Atavismo é o reaparecimento em um descendente de um caráter não presente em seus ascendentes imediatos, mas sim em remotos. Assim, chega-se novamente à idéia de que, no adoecimento deflagrado pela neurose traumática, está-se diante de uma regressão onto e filogenética. Na continuidade, Ferenczi pretende deixar de lado um pouco os neurologistas, concentrando sua atenção nos autores psicanalíticos que trataram da neurose traumática. Após algumas considerações, o autor retoma, mais uma vez, as idéias dos neurologistas, até responder à crítica de Nonne, que considera que “a opinião de Freud quanto às bases quase exclusivamente sexuais da histeria foi desmentida de forma definitiva pela experiência da guerra” (id. *ibid.*, p. 25), da seguinte forma:

Segundo a psicanálise, as neuroses de guerra pertencem ao grupo de neuroses cujo desenvolvimento faz intervir não só a sexualidade genital, como na histeria ordinária, mas também uma etapa anterior a essa, que recebeu o nome de narcisismo, de amor a si mesmo, como na demência precoce e na paranóia. Devemos admitir, portanto, que a base sexual dessas chamadas neuroses narcísicas parece menos óbvia, sobretudo para aqueles que assimilam sexualidade e genitalidade e desaprenderam o uso do termo “sexual” no sentido do antigo Eros platônico (id. *ibid.*, p. 25).

Finalmente o autor se propõe a apresentar as próprias conclusões quanto ao tema em debate. Para ele, a hipocondria e a incapacidade de suportar um desprazer moral ou físico, em especial, que são característicos da pessoa vítima de neurose traumática, representam uma hipersensibilidade do ego, oriunda do fato de o paciente ter retirado sua libido dos objetos “para concentrá-los no ego” (id. *ibid.*, p. 26). Em outras palavras, o paciente regride ao narcisismo infantil, daí a sua necessidade de ser mimado, cuidado e amado como criança. Assim, indivíduos com tendência narcísica desenvolverão mais facilmente neuroses traumáticas, paranóias ou esquizofrenias. Mas não apenas esses indivíduos, pois todos os seres humanos, mesmo aqueles mais capazes de amar outras pessoas, tiveram fixações no estágio narcísico.

Os distúrbios da marcha também são sintomas regressivos: regride-se à época em que o indivíduo ainda não sabia andar ou estava começando a aprender. Como os acessos de raiva dos neuróticos traumáticos também são “descargas afetivas mais ou menos descoordenadas” (id. *ibid.*, p. 27), pressupõe-se que, através destes sintomas, os doentes estejam regredindo ao período da onipotência por movimentos descoordenadas dos bebês. Enfim, toda a personalidade de um neurótico traumático assemelha-se à de uma criança, de modo que “o motivo *primário* da doença é o próprio prazer de permanecer no seguro abrigo

da situação infantil, outrora abandonada a contragosto” (id. *ibid.*, p. 27). Cabe destacar, neste ponto, que se está falando de trauma e/ou neurose traumática, mas a discussão não entra em choque com o princípio de prazer.

Na continuidade, Ferenczi avança a hipótese de que, através do sintoma neurótico, apenas a filogênese esteja sendo repetida. Este é o primeiro momento em que a própria repetição da ontogênese pode não estar presente no aspecto regressivo do sintoma:

Todos esses fenômenos mórbidos, narcísicos e de angústia, também têm seu modelo *atávico*; pode-se mesmo supor que essa neurose equivale, por vezes, a comportamentos que não desempenharam qualquer papel no desenvolvimento individual (simulação da morte nos animais, atitudes e modos de proteção da descendência nos animais durante a evolução). Tudo se passa como se um afeto demasiado intenso não pudesse mais descarregar-se pelas vias normais, mas devesse regressar a modos de reação já abandonados, mas virtualmente existentes (id. *ibid.*, p. 27).

Se na repetição da ontogênese, a busca do prazer comanda a repressão, não seria diferente na repetição da filogênese. Em outras palavras, o ser humano apenas se transforma muito a contragosto, e procura restaurar o estado anterior em condições propícias. Em seguida, Ferenczi se depara com os sonhos dos neuróticos traumáticos, sonhos estes que tanto intrigaram Freud, e que colaboraram decisivamente para a teoria das pulsões de morte. A abordagem diante do mesmo fenômeno, porém, é distinta entre os dois. Para Freud, trata-se de compreender a maneira através da qual o princípio de prazer é colocado em suspensão; Ferenczi vê neste fenômeno, por sua vez, o funcionamento da tendência autoterapêutica do organismo:

(...) Sigo neste ponto uma indicação de Freud de considerar esses sonhos de medo e de angústia, assim como o fato de se mostrar medroso durante o dia, como *tentativas de cura* espontânea do paciente. É aos poucos que esses pacientes entregam à abreação consciente seu medo insuportável, incompreensível em sua totalidade e, por conseguinte, convertido em sintomas físicos, e contribuem assim para o restabelecimento do equilíbrio perturbado de sua economia psíquica. (id. *ibid.*, p. 27-8).

Em outras palavras: enquanto para um a compulsão à repetição dará motivo para a criação do conceito de pulsão de morte, para outro, a mesma compulsão à repetição está a serviço da vida.

Ao final, Ferenczi cita as descobertas de um pediatra de Heidelberg, professor E. Moro, acerca do atualmente tão conhecido reflexo de Moro, e faz a comparação deste com o movimento dos símios *Tragsäuglinge*. Esses macacos são obrigados “a agarrar-se com seus

dedos, por um verdadeiro reflexo de agarramento, ao pêlo da mãe quando esta salta de galho em galho” (id. *ibid.*, p. 29). Trata-se, portanto, “de uma regressão atávica do comportamento, em consequência de um medo súbito” (id. *ibid.*, p. 29), do que se podem tirar as seguintes conclusões: 1. a ontogênese pode repetir a filogênese, não apenas nos sintomas, como nos comportamentos tidos como normais; 2. o mesmo ocorre com o atavismo, ou seja, com a repetição única e exclusivamente da filogênese, que acode tanto sintomas como comportamentos adaptados.

No artigo *Fenômenos de Materialização Histórica: uma tentativa de explicação da conversão histérica e do simbolismo* (1919), há um pequeno trecho que coloca Ferenczi na trilha da concepção da pulsão de morte, sem que o termo seja explicitamente nomeado como tal. Quando o autor tenta explicar o misterioso salto do psíquico para o somático, a saber, a conversão histérica, encontra-o na regressão à protopsique. A protopsique seria um aparelho mental que funcionaria segundo o modelo do arco reflexo, protótipo e ponto de origem do complexo funcionamento mental dos seres humanos:

No plano *formal*, deveríamos, portanto, considerar aqui a vida psíquica simplificada até o processo do reflexo fisiológico. E se concebemos o processo reflexo não apenas como o protótipo do psíquico, mas como a etapa que o precedeu e para a qual até a mais alta complexidade psíquica tem sempre tendência a regressar, então ficamos menos surpreendidos pelo salto tão misterioso do psíquico para o corporal no sintoma de conversão e pelo fenômeno de materialização que realiza o desejo por via reflexa. Trata-se simplesmente da regressão à “protopsique” (FERENCZI, 1919/1993, p. 48).

No trabalho *Reflexões Psicanalíticas sobre os Tiques* (1921), o objetivo de Ferenczi é esclarecer em que sentido a afirmação de Freud de que o tique é uma manifestação orgânica pode ser verdadeira.

As pessoas não procuram análise para se livrar de tiques, pois, de forma geral, eles não as incomodam. Nas palavras de Ferenczi, os pacientes isentam da análise os tiques. Como esse estado de coisas jamais se produz na análise de uma neurose de transferência, na qual “o mais insignificante sintoma encontra-se integrado à estrutura complexa da neurose e até sustentado por múltiplos fatores determinantes” (FERENCZI, 1921/1993, p. 78), Ferenczi imagina que a orientação do distúrbio do tique pode ser “totalmente diferente da dos outros sintomas de uma neurose de transferência” (id. *ibid.*, p. 78). E, baseado em determinado paciente, detentor de certo tique, masturbador por excelência, impotente com as mulheres, mas extremamente vaidoso e encantado por si próprio, Ferenczi lança a hipótese de que o tique pode ser um sintoma narcísico. Daí o fato deste sintoma ter uma orientação diferente dos

outros sintomas neuróticos, podendo, no máximo, se associar aos demais sintomas de uma neurose de transferência, mas nunca se confundindo com eles.

Fazendo uma retrospectiva, tanto ao período psicanalítico como pré-psicanalítico de sua vida, Ferenczi recorda-se de outro paciente que, também sofredor de tiques, era extremamente narcisista e preocupado com a aparência. Para o autor, o narcisista sofre de uma “*hiperestesia pronunciada*” (id. *ibid.*, p. 79), ou seja, é “*incapaz de suportar uma excitação física sem reação de defesa*” (grifos do autor, id. *ibid.*, p. 79). Isso acontece porque grande parte da libido do narcisista está concentrada no próprio ego. Assim, ligando entre si os tiques, o narcisismo e a hiperestesia, chega à hipótese de que o motivo das manifestações motoras dos tiques é a hipersensibilidade de seus portadores, ou seja, a incapacidade deles “para suportar uma excitação sem reação de defesa” (id. *ibid.*, p. 80). A hiperestesia é a expressão do narcisismo do indivíduo, da ““estase da libido de órgão”” (id. *ibid.*, p. 80). Alcançado este ponto, pode-se concordar com Freud de que o tique é uma manifestação orgânica, que seria a fixação da libido em determinadas partes do corpo do indivíduo.

Resolvido este ponto, Ferenczi atrai sua atenção para outros casos graves de doenças de tiques cujo desenrolar acabou por se transformar em esquizofrenias ou, em termos psicanalíticos, em psicoses narcísicas. Tudo muito de acordo com a hipótese ferencziana do tique como sintoma narcísico. Por fim, Ferenczi recorda-se de um último caso, gravíssimo, de um paciente que, desta vez, além do tique, tinha uma hipersensibilidade psíquica pronunciada, ou seja, não conseguia suportar qualquer tipo de excitação mental. Este homem sofreu uma suposta ofensa à sua honra e, em virtude deste acontecimento, encerrou sua jornada pelo suicídio. O suicídio é visto aqui como uma medida para evitar a dor naqueles indivíduos muito sensíveis à excitação dolorosa, incapazes de sofrer qualquer tipo de dor mental, o que significa que, já em 1921, um ano após a publicação de *Além do Princípio de Prazer* (1920), não há qualquer tentativa de explicar o suicídio com base na pulsão de morte. Como grande parte dos esquizofrênicos e paranóicos também possui uma ampla variedade de tiques, Ferenczi recolhe cada vez mais evidências que possam sustentar a hipótese do tique como sintoma narcísico, até que outra evidência lhe parece bastante promissora: a conjugação dos tiques com os conhecimentos adquiridos pela psicanálise a respeito da catatonia. O ponto em comum entre ambos é “a tendência para a ecolalia e a ecopraxia, para os estereótipos, para as caretas e os maneirismos” (id. *ibid.*, p. 81). Em determinado paciente catatônico, foi possível descobrir a mesma estase da libido de órgão. Para Federn, os sintomas catatônicos são intoxicações narcísicas. O negativismo e a rigidez da catatonia também podem ser interpretados como medidas para evitar todo e qualquer estímulo externo. Como grande parte

dos tiques surge em decorrência de doenças ou traumatismos somáticos, há mais um motivo para a aproximação entre tique e narcisismo, pois, nas doenças ou traumatismos somáticos, a libido “tende a se ligar à sede de uma alteração somática patológica” (id. *ibid.*, p. 82). Enfim, todas as condições estão dadas para caracterizar o tique como sintoma narcísico.

Entretanto, poucas observações de alguns pacientes e algumas relações mais de tipo especulativo do que propriamente empírico não são suficientes para deixar Ferenczi convencido das hipóteses até então levantadas. Ele precisa de mais argumentos para reforçá-las, indo buscá-los, desta vez, fora do círculo psicanalítico, no livro dos neurologistas franceses, Dr. Henri Meige e Dr. E. Feindel, *O tique e seu tratamento* (1902). Uma série de descrições é acumulada, desde o deslocamento entre tiques, passando pela relação entre tique e hipocondria, alcançando o traço de caráter infantil e narcísico do portador de tique, até que Ferenczi se sente razoavelmente satisfeito para afirmar que as provas se acumulam “em favor da hipótese de que é a hipersensibilidade narcísica do portador do tique a causa de sua incapacidade para dominar-se no plano motor e psíquico” (FERENCZI, 1921/1993, p. 86). E, retomando Breuer, que dividiu as funções psíquicas em atividades de descarga e de ligação, afirma que as pessoas portadoras de tiques possuem uma ampliada capacidade para a descarga e uma reduzida habilidade para a ligação, ou seja, funcionam prioritariamente de acordo com o princípio de prazer e com o processo primário. Mas a aproximação que Ferenczi efetua deliberadamente com os neurologistas franceses só lhe serve até determinado ponto; o autor não pode mais acompanhá-los, uma vez que, para eles, o tique é um movimento desprovido de sentido e finalidade, revelando que ignoram completamente as noções de psiquismo inconsciente, fixação da lembrança a traumatismos e compulsão à repetição. A partir de um exemplo no qual o movimento de determinada paciente constituía-se em uma inclinação da cabeça sobre o ombro, com o intuito inicial de aplacar as dores provocadas por um abscesso dentário, mas que, uma vez curado o abscesso e cessada a dor, não desapareceu, configurando-se, portanto, em um tique, Ferenczi faz uma aproximação, desta vez, entre tique e conversão histérica. Em ambos, regride-se a um traumatismo esquecido e incompletamente ab-reagido no momento de sua ocorrência. Na histeria, o traumatismo é psíquico, enquanto que, embora no tique o traumatismo possa ser exclusivamente orgânico, mesmo assim este deixa lembranças patogênicas. Mas a semelhança termina por aí, pois...

A histeria é uma neurose de transferência na qual a relação libidinal com o objeto (a pessoa) foi recalcada e retorna, de algum modo, no sintoma de conversão sob a forma de *simbolização auto-erótica do próprio corpo*. No tique, pelo contrário, não parece existir relação de objeto dissimulada por trás do sintoma; por conseguinte, é a

lembrança do próprio traumatismo orgânico que, neste caso, tem um efeito patogênico (id. *ibid.*, p. 88).

Estas observações requerem, para Ferenczi, uma ampliação da psicologia de Freud. Enquanto, para Freud, pode-se dizer que há dois sistemas psíquicos, o sistema Inconsciente e o sistema Pré-consciente – Consciente, Ferenczi quer introduzir um terceiro sistema na psicologia psicanalítica, o sistema do ego, que “pertenceria, por um lado, ao inconsciente e, por outro, transbordaria no pré-consciente e no consciente” (id. *ibid.*, p. 89), e cuja tarefa seria “registrar constantemente os processos psíquicos ou somáticos do próprio indivíduo” (id. *ibid.*, p. 89). Evidentemente, nos narcisistas, este sistema psíquico seria muito mais desenvolvido. E, na continuidade, o autor afirma que: “Para explicar a formação do símbolo no tique, seria necessário supor a existência de um conflito no interior do ego (entre o núcleo do ego e o narcisismo) e a de um processo análogo ao recalçamento” (id. *ibid.*, p. 89).

Na continuidade, o autor aproxima os tiques das neuroses traumáticas, devido às seguintes semelhanças: 1. mistura de fenômenos narcísicos e de conversão histórica; 2. presença de afeto de medo “imperfeitamente dominado, reprimido e “ab-reagido” progressivamente *a posteriori*” (id. *ibid.*, p. 89); 3. interrupção dos sintomas após eclosão de doença física.

Ferenczi anuncia, então, seu próximo programa: submeter o sintoma motor e as dispraxias dos tiques a um exame mais aprofundado. Enquanto Meige e Feindel querem que sejam considerados como tiques apenas aqueles estados nos quais é possível se detectar um distúrbio psicomotor, Ferenczi deseja ampliar essa classificação, para abranger mesmo as perturbações puramente psíquicas e sensoriais. Mas, afinal de contas, como agem, por exemplo, os distúrbios sensoriais que motivam contrações? Ferenczi se remete ao artigo *A Repressão* (FREUD, 1915), no qual Freud aproxima a dor da pulsão, já que as mesmas são formadas por estímulos internos e constantes, e ao fato de a dor poder ser provocada por um estímulo externo, através, por exemplo, da lesão de um determinado órgão. Nos tiques, está-se diante, não apenas de dores, bem como de lembranças de dores. Assim, para Ferenczi, o tique é simplesmente uma nova pulsão, ou, dizendo de outra forma, uma tentativa efetuada pelo sujeito de se livrar de um acúmulo de excitação desprazerosa, mesmo que a lesão do órgão tenha sido curada, devido ao fato de ter havido um acúmulo de excitação pulsional no recém-formulado sistema do ego, ou, melhor dizendo, sistema mnêmico do ego. Para Ferenczi, essa hipótese está de pleno acordo com as formulações de Freud acerca do surgimento das pulsões:

Segundo Freud, toda pulsão é a reação de adaptação, “organizada” e transmitida hereditariamente, a uma perturbação de natureza externa, que se deflagra em seguida desde o interior, mesmo sem razão externa, ou com base em ligeiros sinais vindos do mundo externo (FERENCZI, 1921/1993, p. 91).

A reação de adaptação é a própria pulsão; em outras palavras, no momento em que surge uma reação de adaptação, surge também uma pulsão que, a partir daí, trará estimulação constante à mente, e será responsável pela repetição da adaptação realizada pelo organismo. Mas, como visto, o organismo, ou, pelo menos, o ser humano, tem uma tendência à regressão, de modo que, não apenas a nova reação de adaptação será repetida, como também todos os estados anteriores que foram supostamente abandonados, mas que também continuam operando, mesmo que dissimuladamente, como acontece entre o amor objetal e o narcisismo, ou com as várias etapas de desenvolvimento do ego.

O que importa, tanto para a pessoa normal, quanto para o doente, é afastar-se do sofrimento. Existem diversos meios para tal: subtraindo-se ao estímulo; defendendo-se ativamente contra o estímulo incômodo; *ou, paradoxalmente, voltando o estímulo contra a própria pessoa:*

Uma terceira forma *volta-se para a própria pessoa*. Citemos como exemplo desta última forma os tiques de coçar (muito comuns) e o tique que consiste em infligir uma dor a si mesmo, o que na esquizofrenia converte-se numa tendência para a automutilação (id. *ibid.*, p. 91).

Em seguida, Ferenczi extrai da bibliografia existente na época mais dois ou três exemplos de doentes de tiques e, ao final, promete estabelecer uma relação entre tique e masturbação. Mas, antes da relação prometida, faz outro tipo de ligação: a terceira forma de descarga motora especificada anteriormente e a autotomia:

(...) gostaria (...) de mostrar a analogia que existe entre a terceira forma de descarga motora (o “retorno sobre a própria pessoa”, Freud) e um modo de reação que se observa em certos animais inferiores. Estes possuem uma aptidão especial para a *autotomia*. Quando certas partes do corpo deles são a sede de uma excitação dolorosa, deixam literalmente “cair” a parte em questão, desligando-a do resto do corpo com a ajuda de contrações musculares específicas; outros (certos vermes, por exemplo) quebram-se até em vários pedaços menores (“explodem”, por assim dizer, de cólera). Também acontece o membro doloroso ser arrancado a dentadas. Encontra-se a mesma tendência a separar-se das partes do corpo que se tornaram fontes de desprazer no reflexo normal de coçar, onde se manifesta com clareza o desejo de eliminar, raspando-a, a parte da epiderme submetida à excitação, assim como as tendências dos catatônicos para a automutilação e certas tendências de numerosos portadores de tiques para representar ações automáticas de modo simbólico (id. *ibid.*, p. 92-3).

Ferenczi esclarece a relação entre a evitação do desprazer e a injeção de excitações penosas ao próprio corpo, sendo o objetivo da última, paradoxalmente, afastar-se da dor. É verdade que, quando o sujeito tenta se afastar do desprazer, ele acaba infligindo mais desprazer a si próprio; porém, isto é apenas secundário, pois o objetivo maior é se destacar – para usar os termos que Ferenczi utiliza – do órgão deflagrador do sofrimento. Assim, se há algum masoquismo neste movimento, este deve ser entendido sob a ótica do adiamento da evitação do desprazer, talvez algo muito semelhante ao que acontece com a compulsão à repetição que, enquanto atua, não pode dar qualquer atenção à evitação do desprazer, como Freud especificou, em especial, no capítulo sétimo de *Além do Princípio de Prazer* (1920).

Retomando o texto, entre parênteses, quase como se não fosse importante para as argumentações do autor neste artigo, Ferenczi afirma: “(A psicanálise ligará sem dificuldade a reação de defesa ao *sadismo* e a autodestruição ao *masoquismo*; assim, a “autotomia” seria um protótipo arcaico do componente pulsional masoquista)” (FERENCZI, 1921/1993, p. 93). Com reação de defesa, o autor provavelmente está se referindo à segunda forma de se afastar do sofrimento, caracterizada pela defesa ativa contra o estímulo incômodo.

No artigo *A propósito da crise epiléptica: observações e reflexões*, publicado postumamente, porém escrito por volta de 1921, há a primeira referência, na obra ferencziana, à noção de pulsão de morte. Ferenczi o inicia, relatando os sintomas de uma epilepsia autêntica:

ausência de reflexos e dilatação pupilar, convulsões tônicas e clônicas, anestesia completa (inclusive da córnea), mordedura da língua, respiração estertorosa, espuma dos lábios, perda total da consciência, relaxamento dos esfínteres e coma pós-epiléptico (FERENCZI, 1921/1993, p. 137).

Todo este quadro, para o autor, dá a impressão de que, na epilepsia, há uma regressão do ego ao estágio de onipotência dos movimentos descoordenados. Um psicanalista americano vai ainda mais longe: para ele, através da epilepsia, o doente regride à situação intra-uterina. Outro colega húngaro afirma algo semelhante. Como na epilepsia o sujeito retira totalmente seu interesse do mundo externo, algo muito semelhante ao que acontece no sono, pode ser realmente que seus colegas tenham razão. Mas, afinal de contas, uma concepção é compatível com a outra, ou tratam-se de idéias mutuamente excludentes? Caso se leve em consideração as diversas fases da crise epiléptica, Ferenczi acredita que as duas hipóteses podem ser harmonizar. No primeiro estágio da crise, as contrações clônicas e tônicas

predominam no quadro mórbido, o que faz com que a hipótese de Ferenczi faça sentido; mas, em um segundo momento, o repouso é alcançado, a retirada do interesse pelo mundo externo é estabelecida, de modo semelhante à regressão à situação intra-uterina. Assim, na epilepsia, pode estar em jogo uma regressão a dois níveis: ao estágio de onipotência dos movimentos descoordenados e ao estágio de onipotência da situação intra-uterina.

Em seguida, o autor volta sua atenção para os afetos que podem estar sendo descarregados em uma crise epiléptica, e sugere que podem estar em jogo pulsões sadomasoquistas. Diz ele:

Quanto à natureza dos afetos que se descarregam na crise epiléptica, sem uma investigação psicanalítica metódica nada se pode afirmar com certeza. Mas pode-se esperar que essa investigação evidencie uma forte participação das pulsões parciais sadomasoquistas (id. *ibid.*, p. 140).

Ferenczi, então, aproxima as crises epilépticas dos tiques, pois ambos são estados-limite entre neuroses de transferências e neuroses narcísicas puras, com isso, querendo dizer que, na crise, está presente e ausente, ao mesmo tempo, uma relação de objeto. Enquanto a relação de objeto está presente, está-se diante de uma neurose de transferência. Na medida em que a relação de objeto está excluída, aproxima-se, nas crises, de uma neurose narcísica:

A intensidade da crise faz pensar que se trata de uma regressão narcísica muito mais profunda do que no sono normal, algo que se assemelha à rigidez cataléptica e à flexibilidade cérea do catatônico. Enquanto que na descarga motora e no delírio pós-epiléptico o doente investe ainda contra o mundo externo ou então desvia sua agressividade contra si mesmo e, portanto, apega-se ainda à “relação de objeto” (id. *ibid.*, p. 141).

Tudo isso decorre do fato de a crise não apresentar uma única fase, um único ponto, mas ser caracterizada por diversos sintomas, antagônicos entre si, que se alternam, dando a idéia de que a mesma transcorre, pelo menos, em dois tempos. Na continuidade, o autor retoma alguns experimentos realizados, durante as crises, com pessoas que sofriam de epilepsia, experimentos nos quais o autor interrompia a respiração da pessoa em crise. Em alguns casos, o paciente poderia realmente sufocar, embora Ferenczi, obviamente, não tenha chegado a este ponto com os mesmos, interrompendo a obstrução respiratória. Em seguida, apóia-se na literatura médica, que encontrou casos em que o paciente realmente morreu quando caído em uma pequena poça d’água, quando poderia ter sido salvo, por um simples movimento de cabeça. Em outro caso, o paciente morreu porque dormia de barriga para baixo

e, desta forma, durante a crise, foi sufocado pelo travesseiro. A questão é: se o paciente sabia que era propenso a crises durante a noite, devido à sua experiência anterior, por que motivo ele dormia de cabeça para baixo? E então, devido a estas três circunstâncias, a regressão ferenciana atinge níveis cada vez mais anteriores, até alcançar a pulsão de morte de Freud:

(...) a inconsciência epiléptica pode ser mais ou menos profunda e (...) os casos em que o paciente sufoca verdadeiramente representam os casos extremos em que a regressão pré-natal ultrapassou, por assim dizer, a situação intra-uterina, até atingir o estado de não-vida (id. *ibid.*, p. 141).

Em seguida, o autor lembra-se da autotomia, que é um protótipo filogenético do retorno contra a própria pessoa. O passo seguinte é explicar o retorno contra a própria pessoa metapsicologicamente:

A hipótese metapsicológica que corresponderia a esse modo de reação seria a de uma retirada do investimento libidinal do próprio organismo, que é então tratado como uma coisa estranha ao ego, ou seja, hostil. Uma profunda tristeza ou uma dor física muito forte podem reforçar a aspiração a uma quietude absoluta, isto é, à quietude da morte, ao ponto de que tudo o que ameaça perturbar essa tendência suscita uma reação de defesa e de hostilidade (id. *ibid.*, p. 141-2).

Depreende-se que o objetivo mortífero da vida assume sua face mais explícita apenas sob determinadas condições, quais sejam, em momentos de profunda dor ou tristeza, e não de forma automática, silenciosa e sinistra, como quer Freud. Além disso, o ataque mortífero não parece ser dirigido ao próprio organismo, mas ao organismo sendo visto por si próprio como um terceiro. Como diz Ferenczi, quando o organismo não consegue mais se reconhecer, o “suicídio”, total ou parcial, real ou imaginário, pode ser alcançado. O raciocínio é muito semelhante ao que foi ventilado por Freud em *Luto e Melancolia* (1915), quando afirma que o sujeito só pode dar cabo à própria vida quando está atingindo outrem. Em outras palavras, a autodestrutividade, longe de ser primária, só pode ocorrer quando outro mecanismo entrou em ação, a saber, uma espécie de cisão no ego. Por último, a morte auto-infligida é explicada metapsicologicamente pela ausência de libido no interior do organismo, e não pela presença da pulsão de morte em seu interior.

Retomando o texto, Ferenczi aproxima o simbolismo do corpo materno do simbolismo da morte, remetendo o leitor ao seu trabalho anterior *O Simbolismo da Ponte* (1921), e, assim, passa a não ser surpresa que, na epilepsia, o sujeito possa regredir, não apenas ao período dos gestos descoordenados, como também à situação intra-uterina, mas, ainda, à existência inorgânica, para usar os termos de Freud.

O sujeito epiléptico, para Ferenczi, é alguém que consegue controlar suas pulsões intensas e violentas até certo ponto, mas assim o faz muito perigosamente, através do recalçamento ou, eventualmente de formações reativas; periodicamente, as mesmas são liberadas, o que redundará na crise epiléptica, e nas regressões já salientadas.

Na continuidade, através de uma ligação entre epilepsia e auto e hetero agressividade, pode-se, de maneira indireta, vincular também a agressividade aos fenômenos regressivos e à pulsão de morte:

Em certos casos, sobretudo durante a aura, ou no decorrer dos chamados estados crepusculares e os “equivalentes” epilépticos, é a agressão contra o mundo externo que predomina e pode manifestar-se por homicídios em série e um furor cego de destruição. Em outros casos, o furor volta-se essencialmente contra a própria pessoa e só se acalma quando a intenção suicida inconsciente atingiu seu objetivo (id. *ibid.*, p. 142).

Entretanto, na epilepsia, não se trata apenas da descarga de pulsões de morte, mas também de pulsões sexuais: “(...) a sexualidade se reveste entre as pulsões descarregadas na crise epiléptica” (id. *ibid.*, p. 143). Em alguns casos, a crise epiléptica parece equivaler a um coito, e, num outro caso, o paciente só conseguiu evitar a crise quando realmente praticou o ato sexual. Assim, Ferenczi anuncia um dos projetos de *Thalassa* (1924):

Espero poder fornecer, em outra oportunidade, uma chave teórica que permita explicar as múltiplas analogias entre sono, crise e orgasmo, quando abordarei o sentido dessa curiosa coordenação dos atos agressivos e das alterações do estado psicofísico a que se dá o nome de ato sexual, e que se reencontra com essa notável semelhança em tantas espécies animais (id. *ibid.*, p. 143).

A Psique como Órgão de Inibição (1922) são comentários que Ferenczi faz de um ensaio que o Dr. F. Alexander publicou sob o título *Considerações Metapsicológicas*, em determinado periódico de psicanálise, em 1921. Na primeira frase, Ferenczi aproxima explicitamente as pulsões sexuais às pulsões de vida, por um lado, e as pulsões de morte às pulsões do ego, por outro. Realmente, em *Além do Princípio de Prazer* (1920), essa aproximação era realizada pelo próprio Freud, que a reformulou apenas nos últimos capítulos deste trabalho. Diz Ferenczi: “Nesse interessante livro em que Alexander tenta vincular as pulsões sexuais (de vida) e as pulsões do ego (de morte) distinguidas por Freud às leis biológicas e físicas mais gerais, (...)” (FERENCZI, 1922/1993, p. 173). Na continuidade, com base no trabalho de Alexander, Ferenczi pretende criticar a pretensa originalidade deste autor, quando ele afirma que os processos do Sistema Pré-consciente – Consciente são da ordem da inibição, e isso porque esta concepção já estava presente na obra freudiana. Uma série de

argumentos é apresentada por Ferenczi, no sentido de derrubar a orientação tomada por Alexander, até que entra em consideração o fato de se existem realizações “superiores”, “sociais”, que tendem ao aperfeiçoamento. Mas, mesmo que existam forças como essas, aparentemente autônomas, ainda assim a verdadeira fonte delas seria a vida pulsional. Diz o autor:

Mas estas reflexões não excluem, em absoluto, que uma parte das tendências para a satisfação pulsional que se destacaram *muito precocemente*, talvez desde o surgimento da vida, assim como seus frutos, possam adquirir uma relativa autonomia, estabelecer-se como “pulsões de regeneração, de reprodução, de vida e de aperfeiçoamento”, e opor-se assim de modo permanente às pulsões egoístas de repouso e morte. Portanto, pode-se muito bem, e de encontro à concepção de Alexander, aceitar a teoria freudiana da pulsão de vida imanente e autônoma. Basta para tanto permanecer consciente da origem *ab ovo* sempre exógena dessas pulsões para evitar de cair no misticismo, como fez Bérghson, por exemplo, em seu *A Evolução Criadora* (id. *ibid.*, p. 175).

Para Ferenczi, as pulsões de vida também podem ser chamadas de pulsões de regeneração, de reprodução e de aperfeiçoamento, desde que se leve em conta a origem exógena da mesma. Como diz o autor, o homem se modifica, mas essa modificação não passa de uma reação de adaptação às transformações impostas pelo ambiente, e essa reação de adaptação transformar-se-á na pulsão que, a partir desta mudança, dirigirá o organismo para repetições constantes. O raciocínio poderia levar à idéia de Ferenczi como um defensor do monismo pulsional, mas ele próprio se afirma, ao menos provisoriamente, como um dualista:

A vontade de Alexander, louvável em si, de assegurar o monismo do universo não deve nem tem a menor necessidade de levá-lo a rejeitar *a priori* a dualidade das forças cuja existência a psicanálise e a biologia constata por toda a parte. E é não só mais sedutor, mas também mais correto e mais promissor, de um ponto de vista heurístico, dedicar-se a acompanhar os conflitos entre as forças antagônicas, antes de proceder à unificação filosófica de toda a dinâmica psicofisiológica (id. *ibid.*, p. 176).

Finalmente, em 1923, ou seja, com três anos de atraso, a tradução de *Além do Princípio de Prazer* (FREUD, 1920) é publicado na Hungria, sob o título “A pulsão de morte e as pulsões de vida”, e Ferenczi escreve o prefácio para esta tradução, introduzindo a nova concepção freudiana dentro de seu próprio sistema teórico:

O apego ao passado, a tendência para reencontrar um estado anterior de equilíbrio, a *regressão*, manifesta-se com uma constância tão absoluta na vida psíquica que Freud foi levado a opor às pulsões de conservação e de evolução – as únicas consideradas até então – a *pulsão de morte* e, pondo assim termo à arbitrariedade que campeava no domínio da teoria das pulsões, a reduzir os processos biológicos à polaridade dessas duas tendências (FERENCZI, 1923/1993, p. 224).

É nítido que o que Freud chama de pulsão de morte, para Ferenczi, é chamado de tendência à regressão. Ainda, vale a pena notar que a pulsão de morte, para Ferenczi, está estreitamente relacionada ao princípio de constância, como mostra a idéia de encontrar um estado de equilíbrio. Quanto à referência à pulsão de evolução, como já enfatizado, Ferenczi não tem nada a se opor a esta idéia, desde que se tenha em mente que ela possui origem exógena, ou seja, que ela decorre da adaptação do organismo às mudanças no meio ambiente. Por último, como mostra a citação, Ferenczi deixa de equacionar as pulsões egoístas às pulsões de morte, subscrevendo, desta forma, pelo menos aparentemente, o clássico dualismo freudiano.

CAPÍTULO 4: A PULSÃO DE MORTE EM *THALASSA* (1924)

Em *Thalassa* (1924), Ferenczi procura encontrar uma explicação para a *função* do coito; algo que, de acordo com ele, não foi suficientemente ventilado por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). O autor começa o primeiro capítulo analisando dois tipos de ejaculação patológica: a precoce e a retardada. Apoiando-se em Abraham, afirma que, na ejaculação precoce, as pulsões genitais são invadidas pelo erotismo uretral. Estende este raciocínio para aquilo que denomina de ejaculação retardada, afirmando que, neste distúrbio, é a analidade que transborda, por assim dizer, a genitalidade. Em uma espécie de síntese de ambos os movimentos, ou de ambas as inervações, Ferenczi conclui que, para que ocorra a ejaculação normal, é necessária uma mistura (anfímixia) dos erotismos anais e uretrais. O autor encontra aqui uma divergência de suas concepções com as de Freud. Segundo ele, para Freud, quando se estabelece o primado da zona genital, os auto-erotismos anteriores são substituídos, compondo, no máximo, aquilo que é chamado de prazer preliminar, ou pré-prazer. Ferenczi vai além, afirmando que na própria genitalidade podemos supor o funcionamento de pulsões pré-genitais. Vários fatos e argumentos são apresentados com o objetivo de corroborar a primeira tese deste trabalho, até que Ferenczi se interessa pelos efeitos da educação sobre os erotismos. Se o prazer originário da criança está em evacuar a bexiga e reter as fezes, como ocorre o processo inverso, exigido pela educação, que é o de reter a urina e evacuar as fezes, no momento apropriado, obviamente? Dito de outra forma, quais as condições exigidas para que a criança renuncie a estes prazeres originários? A resposta não tarda a vir: “(a criança) renuncia a uma parte desse prazer (evacuar a bexiga e reter as fezes) a fim de se assegurar do amor das pessoas que cuidam dela” (FERENCZI, 1924/1993, p. 263). Explicando: a criança percebe que é dotada de necessidades, e que ela não consegue satisfazer estas necessidades por sua própria conta, mas precisa do auxílio do próximo para a satisfação das mesmas. Assim, quando ela renuncia a uma parte de seu prazer (e a uma parte da sua libido) ela o faz para manter o amor do outro por ela, ou seja, para satisfazer o seu narcisismo (ou a sua libido do ego), o sentimento de ser amada, e, também, para garantir sua sobrevivência (para satisfazer as suas pulsões do ego, ou pulsões egoístas, como prefere Ferenczi). Resumindo, a renúncia da libido auto-erótica ocorre em benefício da libido do ego (seja do narcisismo, seja da autoconservação). Os pontos a serem destacados são: 1. trata-se de um conflito ou de uma acomodação que ocorre no interior da própria libido; 2. toda esta renúncia pulsional pode ser explicada remetendo-se unicamente ao funcionamento do princípio de prazer (o prazer auto-erótico é substituído pelo prazer de ser amado e pelo

prazer de ter as necessidades da criança satisfeitas). Em suma, pode-se renunciar a um determinado prazer, desde que ele seja substituído por outros, de outras espécies. Essa análise pode ser confirmada pelo seguinte trecho:

Talvez conseguíssemos, por uma análise suficientemente profunda, decompor a sublimação mais bem-sucedida, ou mesmo uma renúncia aparentemente total, nesses elementos latentes de satisfação hedonista, sem os quais, segundo parece, nenhum ser vivo está disposto a modificar em nada seus modos de funcionamento (id. *ibid.*, p. 264).

O ser humano, se puder, não muda, não se modifica, não renuncia aos seus prazeres. Só o faz compulsoriamente, adaptando-se a circunstâncias externas, e, mesmo assim, com a garantia de que possa restabelecer, de alguma forma, o seu prazer original ou, pelo menos, substituir prazeres entre si.

* * *

Uma vez tendo chegado à descoberta de uma anfimixia no processo de ejaculação, Ferenczi verifica se o coito também não pode ser considerado um processo anfimíctico. Para que a cópula ocorra, é necessário que esteja estabelecido, de uma vez por todas, o primado da zona genital. Sabe-se desde Freud que as pulsões, no início, buscam satisfação independentemente umas das outras, e que apenas posteriormente há certa organização pulsional a serviço da genitalidade. Pode-se perguntar qual a função do primado da genitalidade. A Biologia dá uma resposta imediata: a conservação da espécie. A novidade de Ferenczi está em propor que não é apenas isso que está em jogo, mas a conservação do próprio indivíduo. Uma vez as pulsões parciais tendo sido transferidas para a genitalidade, o organismo ganha em eficiência, o que significa: a função de obter prazer sendo deslocada para o pênis (e a vagina), a boca pode ingerir alimentos, a pele pode “avisar” ao sujeito a entrada de estímulos perigosos, e assim por diante, cada parte do corpo podendo funcionar de forma predominantemente utilitarista, de maneira a estar disponível para colaborar com a adaptação e a preservação do indivíduo, delegando a função máxima de obter prazer aos órgãos genitais. Esta é a anfimixia presente no primado da zona genital: o deslocamento das pulsões parciais “para baixo”. De acordo com este ponto de vista, mais do que conflito, o que há é uma verdadeira cooperação entre pulsões sexuais, responsáveis pela obtenção de prazer, e pulsões do ego ou pulsões egoístas, responsáveis pela conservação do indivíduo. No limite, o pênis é

concebido como um representante do ego inteiro, “a encarnação do ego-prazer” (id. *ibid.*, p. 22).

Continuando suas argumentações, Ferenczi retoma idéias antigas, que estavam presentes desde os trabalhos *Transferência e Introjeção* (1909) e *O Conceito de Introjeção* (1912): o homem apenas ama a mulher identificando-se com ela, fazendo com que ela faça parte de seu próprio ego e, assim, tornando-a menos estranha e, portanto, menos hostil. Em seguida, Ferenczi encontra outro processo de identificação: do organismo com a própria secreção genital. Em suma, até agora três tipos de identificação foram abordadas: 1. do ego com o pênis; 2. do homem com a mulher; 3. do ego com a secreção genital. E, se for levado em consideração que, no coito, estes três processos de identificação estão presentes, todas as condições estão dadas para Ferenczi propor que o objetivo ou a função do coito é *o regresso do indivíduo ao corpo materno, mais especialmente, ao útero materno, à situação anterior ao nascimento*. O indivíduo alcança este retorno de três formas: na realidade, na alucinação, e de maneira simbólica:

O coito realiza essa regressão temporária de três maneiras: no que tange ao organismo inteiro, somente num *modo alucinatório*, como no sono; quanto ao pênis, com o qual o organismo inteiro se identifica, já o conseguiu em parte sob uma forma *simbólica*; só o esperma tem o privilégio, enquanto representante do ego e do seu *alter ego* narcísico, o órgão genital, de chegar *realmente* ao interior do corpo materno (id. *ibid.*, p. 268).

Ferenczi descreve a ruptura entre o ego e o meio ambiente ocasionada pelo nascimento como algo muito doloroso. É como se, para o autor, o ser humano vivesse sob uma constante dor, a dor da separação entre o eu e o não-eu, e tivesse de retornar, de tempos em tempos, a uma situação na qual essa separação ainda não existia. Assim, o coito é uma tentativa de retornar ao corpo materno, ou seja, a uma “situação em que a ruptura tão dolorosa entre o ego e o meio ambiente não existia ainda” (id. *ibid.*, p. 268). Desse modo, o nascimento pode ser entendido como uma situação à qual o organismo teve de se adaptar muito a contragosto.

O autor enumera, então, uma série de argumentos para provar que a libido, em seu desenvolvimento (desde a libido oral, passando pela libido anal, e assim por diante), também tenta retornar ao interior do corpo materno, inicialmente, de maneira desajeitada, e, mais tarde, de formas cada vez mais hábeis, culminando na experiência do coito, em que o organismo, identificado com a secreção genital, realmente penetra no interior do corpo feminino e, simbolicamente, no “ambiente materno”. Desde esta ótica, Ferenczi faz do

Complexo de Édipo, pedra angular da teoria freudiana do desenvolvimento psíquico e do conflito neurótico, apenas um apêndice dessa tendência muito mais geral do organismo humano no sentido do retorno: “O desejo edipiano é a expressão psíquica de uma tendência biológica muito mais geral que impele os seres vivos ao retorno ao estado de repouso de que desfrutavam antes do nascimento” (id. *ibid.*, p. 269).

* * *

Mas, de que maneira a libido, em suas diversas fases de seu desenvolvimento (oral, anal, etc.) também procura colaborar para que o indivíduo retorne à situação intra-uterina? O autor não encontra grandes dificuldades em associar a primeira fase de desenvolvimento da libido, a fase oral ou, como Ferenczi prefere chamar, a fase do “amor objetual passivo”, ao retorno ao útero materno, uma vez que todo o ambiente se esforça em manter as condições “uterinas” para que este novo indivíduo se desenvolva. Nota-se que não é o bebê que se esforça por retornar ao útero neste estágio (talvez por isso Ferenczi utilize o termo “amor objetual passivo”), mas é o ambiente que se esforça por manter a ilusão do bebê de que este ainda está no útero. No entanto, as pesquisas psicanalíticas da época já mostravam que não havia apenas uma fase oral, mas duas, como o próprio Freud mostrou em alguns de seus trabalhos: a fase de incorporação e a fase oral-sádica. Sabe-se que os dentes são o primeiro instrumento através do qual o bebê pode manifestar o seu sadismo. Assim, tampouco a segunda etapa da fase oral escapa das especulações de Ferenczi acerca de uma tendência regressiva: “Penso que esse canibalismo não serve apenas ao instinto de auto-conservação e que os *dentes* são, ao mesmo tempo, armas a serviço de uma tendência libidinal, *instrumentos com a ajuda dos quais a criança procura penetrar no corpo da mãe*” (id. *ibid.*, p. 271). Através dos dentes, percebe-se uma combinação, uma fusão, ou um apoio, para utilizar terminologia freudiana, entre pulsões do ego e pulsões sexuais: as pulsões sexuais se apóiam nas pulsões de autoconservação. Além do ego, que procura retornar a situações anteriores, à própria pulsão sexual será atribuída uma tentativa neste sentido. Assim, em hipótese alguma, pode-se identificar a tendência à regressão de Ferenczi com a ação da pulsão de morte no organismo, caso se queira manter a idéia de que as pulsões de morte e as pulsões sexuais são antagônicas e possuem objetivos opostos, haja vista a pulsão sexual também possuir um caráter regressivo.

Freud parece não ter chegado a um parecer conclusivo a respeito de se apenas a pulsão de morte teria caráter conservador ou retrógrado, ou se essa característica também

poderia ser atribuída a Eros. Para o psicanalista húngaro, fica claro que tanto as pulsões do ego quanto as pulsões sexuais tendem ao retorno. Outra observação: Ferenczi trata da agressividade (morder o seio da mãe), e nenhuma referência é feita à pulsão de morte.

Retomando o texto, se até agora o autor conseguiu fazer, não apenas da libido genital, como também da libido oral, tentativas de retorno à situação intra-uterina, neste momento ele terá que lidar com a fase anal do desenvolvimento libidinal. A mãe não permite continuar a ser machucada pela criança e a desmama. A criança, frustrada, direciona sua libido para si mesma e, sob as exigências dos pais e seus substitutos de respeito a certas regras de asseio, identifica as fezes a si própria, e se identifica com a mãe, de modo que, através da retenção das fezes, ela (a criança) voltará a garantir aquilo que lhe foi negado na época do desmame, ou seja, o retorno ao útero materno. Mas ainda há a fase fálica, dominada pela auto-satisfação proporcionada pelo onanismo. E esse último obstáculo não será vencido com menos criatividade: na época da masturbação, “a equação simbólica “criança = fezes” é substituída pelo simbolismo “criança = pênis”; para o menino é, portanto, a concha formada pela palma de sua própria mão que simboliza o órgão genital feminino” (id. *ibid.*, p. 272). Assim, foi demonstrado que...

(...) a ontogênese da sexualidade continua sendo invariavelmente dominada pela tendência para o retorno ao seio materno e que a organização genital, a qual realiza, de certo modo, essa tendência, corresponde ao máximo de desenvolvimento do sentido de realidade erótica⁹ (id. *ibid.*, p. 272).

Em seguida, trata-se de salientar como estes fenômenos ocorrem com o sexo feminino. Na mulher, tudo se processa como se os erotismos do mamilo e da vagina não fossem “autênticos”, mas tivessem de ser componentes dos erotismos orais, anais e fálcos. Assim, o aleitamento constitui “uma compensação para o prazer perdido da penetração e ejaculação” (id. *ibid.*, p. 273). A vagina, por sua vez, “recebe” quantidades consideráveis de erotismos anais e orais, uma vez que “ingere” e retém o pênis em si. O desejo de retorno ao seio materno também se manifesta na mulher, mas somente ao nível da fantasia, através de três formas: 1. da identificação imaginária com o homem (detentor do pênis), durante o coito; 2. da sensação vaginal sugerindo a posse de um pênis (pênis oco); 3. identificação com a criança que traz dentro de seu corpo. Na continuidade, pela primeira vez, neste trabalho, Ferenczi se refere à pulsão de morte *freudiana*, como ele bem diz: “A agressividade masculina transforma-se na mulher em prazer passivo de se submeter ao ato sexual (o

⁹ “Seio”, aqui, entendido como útero, é bom frisar.

masoquismo), o que pode explicar-se, por uma parte, pela presença de pulsões muito arcaicas (a pulsão de morte, de Freud), (...)” (id. *ibid.*, p. 273). Nota-se que o sadismo, até então, estava sendo ligado à libido, ao passo que o masoquismo é equacionado à ação da pulsão de morte no organismo. Isso faz pensar em Laplanche (apud GREEN et al, 1988), quando afirma que só faz sentido pensar na pulsão de morte como a pulsão da própria morte.

Ao se referir à mulher, Ferenczi lança a idéia de que ela perdeu o prazer da penetração e da ejaculação, prazer este que está ligado a uma visão do coito como luta entre os sexos. Como qualquer luta, há vencedores e perdedores. A parte perdedora é a mulher, que permite ser penetrada, e, desta forma, apenas pode participar do gozo proporcionado pelo coito através de compensações ao nível da fantasia. E, ao final do capítulo terceiro, Ferenczi faz uso da inusitada expressão *pulsão de regressão materna*. Diz o autor: “O pouco que sei parece corroborar a minha concepção relativa à universalidade da pulsão de regressão materna e de sua realização pelo coito” (id. *ibid.*, p. 275). Como já demonstrado, para Ferenczi, tanto a libido quanto as tendências egoístas possuem caráter regressivo. Agora, ao introduzir a noção de pulsão de regressão ou pulsão de regressão materna, pode-se supor que tanto as pulsões libidinais quanto as pulsões egoístas encontram-se submetidas à pulsão de regressão.

Pelo menos até o presente momento, Ferenczi parece não operar tão confortavelmente com o conceito de pulsão de morte. Através do exame dos trabalhos anteriores, sabe-se que ela também faz parte da lógica do retorno, embora o retorno à situação inorgânica não seja independente, sendo reforçado apenas em situações especiais, de intenso sofrimento. Assim, também a pulsão de morte obedeceria, por assim dizer, a um princípio organizador hierarquicamente superior dos organismos vivos, que é a pulsão de regressão. Entretanto, Ferenczi emprega os dois termos, pulsão de morte e pulsão de regressão, e não faz nenhum tipo de vínculo entre um e outro. Pelo contrário, a pulsão de regressão materna é libidinal, como ficou mais do que demonstrado neste capítulo, de modo que, até o presente momento, não há elementos suficientes para compreender a exata relação entre pulsão de morte e pulsão de regressão.

* * *

No quarto capítulo, Ferenczi demonstrará que, não apenas o coito e a libido, como também os diversos processos que compõem o ato sexual representam tentativas de retorno ao corpo materno. A ereção, a fricção do membro masculino, a conquista sexual, os odores que exalam quando do momento preliminar da conquista, o ato sexual em si, todos

estes processos que culminam no coito corresponderão a tentativas regressivas já salientadas. Os primeiros aspectos envolvidos no ato sexual a serem levados em consideração são a ereção e a fricção do órgão genital masculino. Para Ferenczi, o prepúcio que encobre a glândula é uma reprodução em miniatura do útero que engloba o feto. Neste sentido, a ereção, acompanhada da projeção da glândula para fora, equivale à experiência do nascimento, experiência dolorosa, que deverá em breve ser evitada, através da volta ao útero, ou seja, da introdução da glândula no interior da vagina. Com isso, chega-se a uma nova concepção: através do ato sexual, o ser humano retorna não apenas à bem aventurada situação intra-uterina, *como também à experiência dolorosa do nascimento*. Caso se entenda a compulsão a repetir prioritariamente como a repetição de experiências dolorosas, no coito, ou, pelo menos, na ereção masculina, estar-se-ia diante de um exemplo de compulsão à repetição. Ferenczi estabelece uma ligação entre a fricção, a ereção e a ejaculação, por um lado, e a autotomia, por outro:

É muito provável que fricção, ereção e ejaculação constituam um processo autotômico, intensivo no começo, atenuando-se depois, o qual se inicia com a intenção de “deixar cair” o órgão inteiro, contenta-se em seguida com a coçadura (esfrega) e limita-se finalmente à emissão espermática (id. *ibid.*, p. 277).

Quanto ao processo de atração entre machos e fêmeas, através da observação de várias espécies de animais, o autor logo enxergará dois tipos de conquista, uma que se dá pelo uso da violência direta, e outra por uma espécie de fascinação. Daí para a comparação da conquista com a experiência da hipnose é apenas um pequeno salto. Em *Transferência e Introjeção* (1909), Ferenczi postulava dois tipos de hipnose: por intimidação paterna e por sedução materna. O hipnotizado apresenta comportamento cataléptico, o que faz o autor pensar, novamente, que se trata de um comportamento de regressão ao útero materno. Talvez seja por isso que a mulher se deixa conquistar. Ela obtém suas satisfações...

Os odores e, em especial, o odor do órgão sexual feminino, também serão analisados e o poder que estes têm de despertar a aspiração à situação intra-uterina. Destaca o autor um argumento de Groddeck: “as primeiras impressões sensíveis (...) chegam à criança no decorrer do nascimento, portanto, nas vias genitais e suas circunvizinhanças” (FERENCZI, 1924/1993, p. 279).

Em seguida, Ferenczi debruçar-se-á sobre o coito em si, e é neste momento que mais se convencerá da genitalidade como repetição da experiência do nascimento. As características da circulação, da respiração e as manifestações agressivas durante o coito lembram o estado do bebê recém-nascido, ao passo que essas mesmas características após o

orgasmo possuem uma semelhança inequívoca com o feto no interior do útero. Não há como não lembrar das crises epilépticas anteriormente examinadas...

Em suma, os processos envolvidos no coito repetiriam, simultaneamente, situações prazerosas e desprazerosas, o retorno à situação intra-uterina e a experiência do nascimento, respectivamente, lembrando que a repetição de experiências desprazerosas possui íntimas relações com o fenômeno da compulsão à repetição freudiana.

* * *

No capítulo quinto, o autor destaca que, devido ao fato de o coito repetir experiências prazerosas e de angústia, há perfeita identidade entre suas concepções e as de Freud:

Podemos aproximar essa hipótese dos exemplos que Freud utiliza para ilustrar a *compulsão à repetição* em sua obra *Além do princípio de prazer* (1921). Essa analogia talvez assumira ainda mais valor se atentarmos para o fato de que chega a um resultado idêntico a partir de hipóteses inteiramente diferentes (id. *ibid.*, p. 284).

Ferenczi afirma que Freud explicou as neuroses traumáticas e algumas brincadeiras de crianças como uma tentativa do organismo de descarregar excitações não-liquidadas “em pequenas doses multiplicadas” (id. *ibid.*, p. 284), uma vez que, de tão intensas, elas não poderiam ser descarregadas de uma só vez. Certamente, com esta terminologia, Ferenczi está se referindo ao acúmulo de energia livre no organismo em uma quantidade tal que excede a capacidade de ligação do mesmo. Idêntico mecanismo está envolvido no coito, com a diferença de que, além da repetição de experiências desprazerosas, este adquire o caráter de uma espécie de jogo, de uma “festa comemorativa” (id. *ibid.*, p. 284), já que se repete também toda uma série de experiências de satisfação. Na continuidade, diz o autor: “Somos incapazes de dar uma resposta coerente à questão ventilada por Freud, a saber, se essa repetição constitui uma compulsão ou um prazer, se ela se situa aquém ou além do princípio de prazer, pelo menos no que se refere à pulsão de acasalamento” (id. *ibid.*, p. 284). O coito, porém, pode ser uma coisa e outra:

Pensamos que, na medida em que ela [a função de acasalamento] corresponde à liquidação progressiva do efeito de choque [do nascimento], é uma compulsão à repetição, ou seja, uma reação de adaptação imposta por uma perturbação exógena. Mas na medida em que representa a negação alucinatória de perturbação em causa, ou uma festa comemorativa dessa vitória, estamos diante de puros mecanismos de prazer (id. *ibid.*, p. 285).

Mas como isto é possível? Basta recolher os indícios que levam a crer que “as forças pulsionais estão repartidas de forma desigual entre o soma e o germe” (id. *ibid.*, p. 285). Aquelas pulsões não resolvidas, não liquidadas, carregadas de energia livre, restos, por assim dizer, da experiência traumática do nascimento, estariam acumuladas no líquido seminal, e seriam descarregadas a cada ato sexual. Este mecanismo responde pelo caráter compulsivo do coito. Cabe destacar, contudo, que a compulsão à repetição ferencziana e o princípio de prazer possuem estreitas relações, e mal podem se opor: “(...) a compulsão à repetição derivaria, portanto, essencialmente do germe, *livrando o indivíduo, a cada repetição (ou a cada coito) de uma fração de desprazer*” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 285). Assim, Ferenczi estaria concordando apenas na aparência com Freud, ao afirmar que a compulsão à repetição e os mecanismos de prazer são fenômenos distintos. A não ser que essa diferença resida no seguinte ponto: 1. através do princípio de prazer, o organismo livrar-se-ia de quantidades de excitações em bloco, como diz Ferenczi; 2. na compulsão à repetição, essa descarga apenas aconteceria paulatinamente, no decorrer de certo intervalo de tempo. Mas, como Ferenczi mesmo afirma, a diferença entre um e outro mecanismo decorreria apenas da intensidade da excitação e, assim, os dois mecanismos não poderiam ser distintos, por natureza. Desta forma, mantém-se a idéia de que, para este autor, compulsão à repetição e princípio de prazer não são mecanismos distintos.

Continuando, enquanto no líquido seminal estariam localizadas aquelas pulsões não resolvidas, não-liquidadas, carregadas de energia livre, no soma, restariam as mais bem comportadas, decorrentes de “traumas menores sofridos no decorrer da existência, superando-os com jovial desenvoltura” (id. *ibid.*, p. 285). Como o soma também participa da satisfação proporcionada pelo coito, este segundo mecanismo explicaria os fenômenos de puro prazer presentes no ato sexual.

Com isso, Ferenczi passa a propor uma teoria mais geral sobre a psicologia do erotismo. Para o autor, as pulsões, de modo geral, são colocadas em ação devido a uma perturbação de ordem externa ou a modificações internas. Em ambos os casos, estaria na origem de uma ação pulsional a experiência do desprazer que sobrevém inopinadamente. Com as pulsões sexuais, que Ferenczi classifica como um subtipo das pulsões lúdicas, um processo algo distinto ocorre. É a própria pulsão que provoca um desprazer, para, em seguida, desfrutar do gozo redobrado. Isso acontece porque todas as circunstâncias e todas as conseqüências envolvidas por este desprazer já foram, de antemão, previstas, avaliadas e planejadas pelo organismo, de forma que a deflagração do desprazer não traz nenhum perigo à própria

existência. Assim acontece com a sexualidade. Ela provoca a repetição da experiência angustiante do nascimento, pois “sabe” que, no final das contas, o próprio nascimento foi coroado de êxito, uma vez que o organismo sobreviveu ileso a esta experiência dolorosa ou traumática. Diz Ferenczi: “(...) no que se refere às pulsões lúdicas, entre as quais podemos também classificar, num certo sentido, as pulsões eróticas, é a própria pulsão que suscita um desprazer, com o único propósito de desfrutar em seguida de sua interrupção” (id. *ibid.*, p. 285).

Mas, por que, justamente no ato de acasalamento, foram combinados o prazer da satisfação e a função de conservação da espécie? Remeter o coito a repetições ontogenéticas não colaboraram para a resposta a esta questão; o recurso à filogênese talvez possa solucionar este problema.

* * *

O ponto de partida de Ferenczi é o fato estabelecido pela experiência psicanalítica de que o peixe, nadando ou flutuando na água, simboliza o coito e, ao mesmo tempo, a situação intra-uterina. Pergunta-se o autor se esse simbolismo, tão frequentemente encontrado, não expressa uma espécie de conhecimento filogenético inconsciente, uma vez que o ser humano – e todos os vertebrados – descenderam do peixe, e formula uma hipótese que, para ele, é tão audaz, que o faz colocá-la somente sob a forma condicional:

*O que diríamos se toda existência intra-uterina dos mamíferos superiores fosse apenas uma repetição da forma de existência aquática de outrora, e se o próprio nascimento representasse simplesmente a recapitulação individual da grande catástrofe que, quando da secagem dos oceanos, obrigou tantas espécies animais e certamente os nossos próprios ancestrais a se adaptarem à vida terrestre e, em primeiro lugar, a renunciarem à respiração branquial para desenvolver órgãos próprios para a respiração de ar (grifos do autor, id. *ibid.*, p. 288).*

Mas o autor não pára por aí; apóia-se na lei biogenética fundamental de Haeckel, de acordo com a qual o desenvolvimento embrionário (a ontogênese) reproduz a evolução da espécie (a filogênese), para, em seguida, ampliar a tese haeckeliana – mas esta ampliação é também um ir contra o próprio Haeckel –, afirmando que não apenas o desenvolvimento embrionário reproduz a evolução da espécie, como também os anexos protetores do embrião repetem “as mudanças que se produziram no meio ambiente no decorrer da evolução da espécie” (id. *ibid.*, p. 289).

Adiciona, então, mais um simbolismo, a fim de fortalecer sua hipótese do paralelismo onto, filo e, agora, perigenético: tanto o oceano quanto a terra são, conhecidamente, símbolos do corpo materno. E, retomando suas considerações sobre o coito nos capítulos anteriores, salienta:

Ao identificar-se com o membro viril que penetra na vagina e com os espermatozoides que se derramam no corpo da mulher, o indivíduo reproduz também, simbolicamente, o perigo mortal que seus ancestrais animais superaram com pleno êxito, graças a um meio ambiente favorável, quando da catástrofe geográfica da seca dos oceanos (id. *ibid.*, p. 291).

A lógica da regressão regride a distâncias cada vez maiores no tempo. Os argumentos devem se somar, a fim de se fortalecerem. Desta vez, Ferenczi encontra-os na embriologia e na zoologia comparada: 1. “*somente os animais terrestres desenvolvem membranas amnióticas que encerram o líquido amniótico a fim de proteger o embrião*” (grifos do autor, id. *ibid.*, p. 292); 2. “*as espécies cujos embriões se desenvolvem sem membranas amnióticas (anamnia) não apresentam um acasalamento propriamente dito, fazendo-se a fecundação e o desenvolvimento do ovo fecundado fora do corpo materno, na maioria dos casos livremente, na água*” (grifos do autor, id. *ibid.*, p. 292). A força da argumentação reside no seguinte ponto: somente os animais que “perderam” o aconchego do oceano precisam simular uma situação semelhante ao privilégio perdido, através do coito e da vida embrionária protegida pelo líquido amniótico.

Segue-se uma objeção a partir da teoria darwiniana da evolução que, obviamente, não encontra eco nas concepções ferenczianas, muito mais afeitas ao pensamento de Lamarck, uma vez que Darwin explica a evolução, em última análise, a partir do acaso, e a teoria lamarckiana, pelo contrário, “reconhece um papel para as tendências e os movimentos pulsionais na filogenia” (id. *ibid.*, p. 292). A instalação de bolsas amnióticas, por exemplo, não podem ter ocorrido por acaso, mas devido à finalidade de recuperar o ambiente oceânico perdido. Poder-se-ia afirmar que o movimento em direção à evolução, à adaptação, é fruto da ação da pulsão de vida no organismo, ao passo que o movimento regressivo é conseqüência da ação da pulsão de morte? Não, pois o próprio movimento adaptativo é, também, um movimento regressivo; ir adiante e retroceder coincidem.

* * *

No sétimo capítulo, o objetivo de Ferenczi será enunciar uma série de argumentos que fortalecerão “a tese segundo a qual essa força pulsional ou, mais exatamente, essa atração ressurgue e tem continuidade na genitalidade” (id. *ibid.*, p. 293). E, em nota de rodapé atrelada ao termo “atração”, posiciona-se:

A palavra “pulsão” acentua o aspecto adaptativo, o caráter de adequação do funcionamento orgânico, ao passo que o termo “atração” sublinha antes o caráter de regressão. Naturalmente, compartilho da opinião de Freud de que mesmo as pulsões dirigidas para “diante” vão buscar sua energia na força de atração do passado (id. *ibid.*, p. 293).

De acordo com os apontamentos do autor, não seria exatamente correto propor uma “pulsão de regressão”, talvez o mais correto seria o termo “tendência à regressão”. Quando Ferenczi se refere às pulsões dirigidas para diante está, indubitavelmente, se referindo às pulsões de vida. Mas quando fala em “força de atração do passado”, não se pode identificá-la tão facilmente às pulsões de morte, pois, como visto, toda a libido, todo o desenvolvimento sexual do ser humano possui o mesmo movimento regressivo.

Colocados estes pontos de vista iniciais, o autor começa a enumerar os fatos que falam a favor de sua concepção da “regressão talássica”, de maneira que passa a se atentar para a história do desenvolvimento dos caracteres sexuais nas espécies. Em determinado momento, surge uma aproximação entre Ferenczi e Lamarck, na verdade, uma reaproximação:

(Pois bem, segundo a nossa concepção lamarckiana, não existe evolução sem motivação interior, nenhuma mudança que não corresponda a uma adaptação a uma perturbação exterior.) Essa motivação poderia muito bem residir numa tendência *para restabelecer* o modo de vida perdido num meio úmido que contém igualmente substâncias nutritivas, em outras palavras, *restabelecer a existência aquática no útero materno úmido e rico em alimento* (id. *ibid.*, p. 294).

Com o que se pode concluir: na verdade, “quem” muda mesmo é o ambiente externo. O organismo apenas se transforma para manter aquilo que já possuía. A adaptação exitosa do organismo a um ambiente transformado poderia se dar em função das pulsões de vida ou de autoconservação. Mas, ainda assim, não é nessa direção que a teoria ferencziana aponta. O sucesso da adaptação está condicionado, por um lado, ao acaso, e, por outro, à própria tendência regressiva:

(...) todas as espécies animais teriam perecido no momento da catástrofe da seca dos oceanos se a sobrevivência delas não tivesse sido assegurada pela adaptação à vida

terrestre, graças a *circunstâncias favoráveis fortuitas* e às *tentativas de regressão à vida ecto e endoparasitária* (id. *ibid.*, p. 294).

Por fim, após todos os argumentos meticulosamente enumerados, com o objetivo preciso de reforçar a tese já salientada da regressão talássica, há uma concepção sobre o coito e sobre a diferenciação sexual que merece ser esclarecida. Para Ferenczi, uma vez expulsos do oceano, estes infelizes animais, outrora aquáticos, procuravam retornar a seu ambiente original. Alguns desenvolveram pênis e tentavam penetrar à força em seus “irmãos”, de forma que cavaram nestes, ainda mais infelizes, canais para a penetração e a cópula. Os que perderam a batalha, que não conseguiram “retornar” ao oceano, de forma simbólica, alucinatória e real, e que tampouco conseguiram penetrar em um parceiro a título de compensação e, ainda por cima, foram penetrados pelos demais, acabaram por adaptar seus próprios organismos a esta situação, tornando-se, assim, fêmeas. É por este motivo que Ferenczi comentava, atrás, sobre o prazer perdido da penetração e da ejaculação pela mulher.

* * *

No oitavo capítulo, Ferenczi parte de um ponto que ainda não ficou suficientemente explicado pelas hipóteses até então levantadas: como e por que a genitalidade dos animais superiores realizou a fusão, numa única entidade, da tendência à satisfação da pulsão de regressão ao corpo materno e ao oceano, com o instinto de conservação da espécie da espécie e de fecundação, da qual era, ao que tudo indica, totalmente independente na origem. Caso se suponha que no ato do coito ou do acasalamento, comandado pelo instinto de conservação da espécie, alguma experiência filogenética esteja sendo repetida, então o questionamento inicial estará suficientemente respondido. E este acontecimento “só pode ser a forma de existência unicelular dos tempos primitivos e sua perturbação por uma catástrofe primitiva que obrigou esses seres unicelulares a fundirem-se numa unidade” (id. *ibid.*, p. 299). E então Ferenczi salienta ter chegado ao mesmo ponto alcançado por Freud:

Foi essa mesma hipótese que Freud desenvolveu em *Além do Princípio de prazer*, baseando-se na fantasia poética de *O Banquete* de Platão. Segundo Freud, uma grande catástrofe cindiu a matéria em duas partes, suscitando em cada um dos fragmentos o desejo de reunificação, o que poderia representar o começo da vida orgânica. Não há muito o que mudar nessa concepção se admitirmos que, na cronologia da gametogenia e da fecundação, é o desenrolar da história primitiva que se repete; por conseguinte, que os seres vivos se desenvolveram, no início, isoladamente, a partir da matéria inorgânica e só foram obrigados a se unir por causa de uma nova catástrofe (grifos do autor, id. *ibid.*, p. 299).

Primeiramente, cabe salientar que *Thalassa* (1924) apenas parece encontrar *Além do princípio de prazer* (1920) ao considerar a pulsão de vida, ou, pelo menos, sua origem; tem sido visto como a aproximação entre pulsão e morte e tendência à regressão é problemática. Em segundo lugar, apesar de terem chegado quase ao mesmo ponto, as necessidades de um e de outro eram radicalmente diferentes. Para Freud, tratava-se de responder à questão de como a pulsão sexual também poderia assumir um caráter conservador ou retrógrado, no sentido de uma compulsão à repetição. Ferenczi, como visto, até pelos inúmeros exemplos levantados acerca da tendência regressiva da libido, não possuía dúvidas acerca deste ponto; para ele, fundamental era entender como e por que tendência à regressão e fecundação uniram-se no ato do coito. Para responder a essa pergunta, seria preciso atribuir um caráter retrógrado, não apenas ao coito (o que já vinha sendo feito), mas, também, à fecundação, e é a partir deste exato ponto que os caminhos de Freud e de Ferenczi se encontram. Mas por que as concepções de um e de outro não coincidem exatamente? Primeiro porque, para Ferenczi, o surgimento da vida apenas pode ter se dado em decorrência de uma catástrofe, ao passo que Freud não fala em catástrofe, mas em uma força da qual não se pode formar concepção. A cisão da matéria em duas partes também decorreu de uma catástrofe, para o primeiro; Freud não se refere a nenhuma catástrofe quando desta divisão. Terceiro, como o próprio Ferenczi afirma, para Freud, a matéria viva surgiu e foi dividida, concomitantemente, ou, melhor dizendo, no ato da divisão da matéria é que surgiu a vida. De acordo com Ferenczi, primeiro a matéria orgânica surgiu (em decorrência de uma catástrofe), e apenas em um segundo momento ela foi dividida (em decorrência de uma nova catástrofe). Seja como for, o raciocínio, então, se completa, a lógica da regressão se aprofunda ainda mais, e o coito passa a se remeter a um passado cada vez mais longínquo:

O ato do coito e o ato da fecundação, estreitamente vinculado ao primeiro, representam a fusão numa unidade não só da catástrofe individual (nascimento) e da última catástrofe sofrida pela espécie (a secagem dos oceanos), mas também de todas as catástrofes que sobrevieram após o surgimento da vida; portanto, o orgasmo não é apenas a expressão da quietude intra-uterina e de uma existência aprazível num meio mais acolhedor, mas também daquela tranquilidade que precedia o aparecimento da vida, a quietude morta da existência inorgânica (id. *ibid.*, grifos do autor, p. 300).

Até aqui, todo o movimento regressivo limitava-se ao âmbito da vida. Entretanto, neste ponto, não há como disfarçar a nítida aproximação efetuada entre a tendência à regressão e a pulsão de morte freudiana, embora Ferenczi não empregue este termo. Mas, se assim for, há que se destacar: a pulsão de morte está em nítida consonância

com os princípios de prazer, de constância e de Nirvana. Basta lembrar a bem-aventurada situação intra-uterina, o meio acolhedor proporcionado pelo oceano, e, agora, a tranquilidade da morte. Ainda, os mesmos fenômenos – o coito e a fecundação – colocaram Freud e Ferenczi em caminhos completamente opostos. Para o primeiro, eles deram origem à teoria da pulsão de vida; para Ferenczi, eles fortaleceram a hipótese da tendência à regressão, que, a partir deste ponto, está sendo nitidamente aproximada das pulsões de morte. Isso se deve, provavelmente, a uma diferença de abordagem. Freud vê no coito e na fecundação formas de prolongamento da existência. Ferenczi enxerga nestes fenômenos oportunidades para a tendência do organismo a regressões cada vez mais distantes no tempo, até alcançar o estado inorgânico. Pode-se dizer que, para Ferenczi, sexualidade e morte estão tão intimamente relacionadas, que nem faria sentido a divisão de Freud entre pulsões sexuais e pulsões de morte, que operam em direções antagônicas e possuem naturezas distintas.

O autor propõe explicar por que a substância germinal é tratada com muito mais atenção do que os outros produtos do organismo (fezes, urina, etc.), e as concepções que surgem aqui podem fortalecer o ponto de vista da associação operada por Ferenczi entre sexualidade e morte. A proteção fetal (líquido amniótico, anexo placentário, etc.) não é apenas produto do amor da mãe ao feto. A mãe também se defende dessas células germinais conjugadas, que em si carregam energias muito perigosas (mortíferas, pois não-liquidadas), e tais células se aproveitam dessa defesa materna para criar um meio ambiente acolhedor para si próprias, criação esta que é fruto da vitalidade das mesmas. Em outras palavras, as células sexuais têm vida, são criativas e, ao mesmo tempo, mortíferas, com alto potencial destrutivo. Em seguida, Ferenczi apresenta algumas idéias sobre trauma, compulsão à repetição e hereditariedade:

Talvez seja preciso familiarizar-se com a idéia de que os traços mnêmicos de todas as catástrofes filogenéticas se acumulam no plasma germinal, assim como as experiências traumáticas não liquidadas que perturbam a vida individual estão acumuladas no órgão genital e aí se descarregam. É daí que elas agem da mesma maneira que, segundo Freud, as excitações perturbadoras não liquidadas, geradoras das neuroses traumáticas: elas forçam a repetição incessante da situação de desprazer, mas com prudência e sob uma forma quantitativa e qualitativamente muito atenuada, cada repetição proporcionando a liquidação de uma pequena fração da tensão penosa. Aquilo a que chamamos *hereditariedade* talvez seja apenas a *transferência para a descendência da maior parte da tarefa dolorosa de liquidar os traumas*; em contrapartida, o plasma germinal, enquanto herança, representa a soma das impressões traumáticas legadas pelos nossos ancestrais e retransmitidas pelos indivíduos; (...). Se retivermos a idéia desenvolvida por Freud de uma tendência dominante em todo o ser vivo no sentido de se esforçar pela realização de um estado totalmente livre de excitações e, em última instância, da quietude inorgânica (instinto de morte), poderemos acrescentar que, ao longo dessa transmissão de uma geração a outra do material traumático de excitações penosas, cada existência

individual ab-reage uma parte dessas excitações pelo próprio fato de vivê-las. Na ausência de novas perturbações ou de catástrofes, esse material traumático esgota-se pouco a pouco, o que equivaleria à extinção da espécie em questão. (id. *ibid.*, p. 302-3).

As idéias acima apresentadas parecem abolir a noção de pulsão de vida, pois, no final das contas, é o trauma não completamente liquidado o responsável pelo prolongamento da existência. Como o próprio Ferenczi salientou, na ausência de novas perturbações ou de novas catástrofes, o que se tem é a morte. Nesse sentido, nota-se que o trauma e, por conseguinte, as energias não-liquidadas, adquirem um aspecto positivo na teoria ferencziana, uma vez que são responsáveis pelo prolongamento da existência. Observa-se também que a extinção da espécie está ligada à ação completa da pulsão de morte, na forma de abolição de tensões, o que difere de Freud, para quem apenas a morte individual ocorre por conflitos internos, sendo que a extinção da espécie se deve à sua luta mal-sucedida frente a modificações ambientais.

Contudo, a idéia de abolição da pulsão de vida não pode ser mantida tão facilmente, haja vista que as pulsões lúdicas – dentre as quais se encontram as pulsões eróticas – acumulam tensões desagradáveis, *deliberadamente*, com o único intuito de aplacá-las. Elas poderiam ser aproximadas das pulsões de vida freudianas, uma vez que Freud, ao se perguntar como as mesmas colaboram para o prolongamento da existência do organismo, encontra a resposta no acúmulo de tensões proporcionado por elas, que deve, então, ser gasto, desgastado, vivido. Por fim, vale a pena salientar o conceito de pulsão de morte aqui apresentado, como força que busca a abolição das tensões.

Retomando o texto, para sintetizar tudo o que vinha sendo exposto até então, o autor decide apresentar um quadro sinóptico da situação:

	Filogenia	Ontogenia
I. Catástrofe	Aparecimento da vida orgânica	Maturação das células sexuais
II. Catástrofe	Aparecimento dos organismos unicelulares individuais	“Nascimento” das células germinais maduras nas gônadas
III. Catástrofe	Início da reprodução sexuada	Fecundação
	Desenvolvimento da vida marinha	Desenvolvimento do embrião no útero materno
IV. Catástrofe	Secagem do oceano, adaptação à vida terrestre	Nascimento

	Aparecimento de espécies animais dotadas de órgão genital	Desenvolvimento do primado da zona genital
V. Catástrofe	Era glacial, hominização progressiva	Período de latência

Figura 3. Quadro sinóptico das catástrofes terrestres, desenvolvimentos filogenéticos e repetições ontogenéticas da filogênese (Fonte: FERENCZI, S. **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 305)

Parece que, ao invés de apresentar uma síntese, este quadro sinóptico traz novas informações. Por que, afinal de contas, Ferenczi necessita de duas catástrofes iniciais: uma para o aparecimento da vida orgânica e outra para o aparecimento de organismos unicelulares individuais? Com vida orgânica, Ferenczi quer se referir, na verdade, a uma *“matéria organizada segundo um plano determinado”* (id. *ibid.*, p. 306). E com organismos unicelulares individuais, Ferenczi se refere a *“indivíduos isolados, dotados de autonomia e autarcia”* (id. *ibid.*, p. 306). A vida propriamente dita, o primeiro nascimento, para usar as palavras do autor, nasceria apenas da segunda catástrofe. Ao que parece, Ferenczi quer coincidir suas concepções com as de Freud, que vê na animação da matéria inorgânica e na fragmentação da matéria orgânica o mesmo processo. Assim, Ferenczi, tal como Freud, vê o surgimento da vida a partir de uma divisão da matéria, e considera essa divisão o primeiro exemplo de autotomia. Citando o autor: *“(...) mudanças exteriores puderam tornar insuportável aos elementos de matéria a combinação em grande unidade e obrigá-los a formar unidades menores”* (id. *ibid.*, p. 306). A autotomia, responsável pelo aparecimento da vida, é o mesmo mecanismo que será acionado, em alguns momentos, para explicar fenômenos de morte.

Vale a pena tecer alguns comentários sobre a tendência regressiva que está presente na consecução do ato sexual e sua relação com a pulsão de morte. No coito, é dado andamento à regressão ao útero materno, de maneira real, simbólica e alucinatória, mas não apenas, como também à regressão ao oceano, de onde todos os vertebrados partiram, mas não apenas, como também à regressão à tranquilidade da existência inorgânica. A última tendência regressiva em andamento aproxima a *“pulsão”* de regressão da pulsão de morte freudiana. Mas, mesmo que uma tendência regressiva como essa esteja em andamento no coito, o ponto fundamental consiste em verificar que absolutamente nenhum prejuízo é trazido ao organismo, que sai ileso desta experiência:

(...) mesmo no coito são tomadas todas as precauções para que a regressão erótica não exceda o limite que poria em perigo a integridade do indivíduo, somente uma parte do corpo (o órgão sexual) é chamada a servir à satisfação real, enquanto as outras partes do corpo só participam como órgãos auxiliares, sem que por isso interrompam completamente suas outras atividades necessárias à adaptação (respiração, etc.) (id. *ibid.*, p. 309).

Dito de outra forma, o organismo regride à etapa da existência inorgânica, porém, de forma tal que não venha a correr nenhum perigo. Como não é o organismo por completo que regride à quietude inorgânica, mas apenas o líquido seminal, sendo que o restante do indivíduo só participa deste retorno de modo simbólico e alucinatório, e como o organismo pode se livrar do líquido seminal sem sofrer qualquer tipo de lesão, todo o processo é realizado de tal forma a preservar a vida. A partir disso, não parece fazer sentido identificar completamente a tendência à regressão de Ferenczi com a pulsão de morte freudiana, uma vez que, para Freud, a ação da pulsão de morte, principalmente mediante a defusão com as pulsões de vida, implica sérios riscos à existência. Apenas do ponto de vista da economia biopsíquica parece haver concordância entre ambos os autores (pulsão de morte enquanto força cuja meta é a abolição de tensões).

* * *

No primeiro capítulo do apêndice, Ferenczi procura estabelecer relações entre coito e sono, levando em consideração que, no sono, também estão presentes tendências regressivas. Um dos motivos que o levam a tal empreitada é o fato de que, no início da existência, os bebês passam a maior parte do tempo dormindo, ao passo que a genitalidade é nula: como a tendência regressiva está sendo intensamente satisfeita através do sono, a genitalidade não se faz necessária. Na idade adulta, ao inverso, vislumbra-se o nascimento e o aprimoramento do erotismo genital, enquanto a necessidade de sono é reduzida; se a tendência regressiva está sendo satisfeita através da consecução do ato sexual, a exigência de sono passa a ser menos intensa. Ainda há outro dado a ser interpretado: pessoas que têm uma vida sexual insuficiente costumam sofrer de insônia. Nesses casos, pode-se hipotetizar a existência de um distúrbio na tendência regressiva do organismo; se ela não consegue se manifestar através do sexo, tampouco conseguiria fazê-lo nas horas de sono. Mas como explicar a situação da pessoa idosa que, mesmo não sofrendo qualquer tipo de distúrbio, dorme e copula escassamente? Neste ponto, Ferenczi invoca as misteriosas pulsões destrutivas: “Na velhice, o sono, tal como a pulsão genital, desaparecem progressivamente,

talvez para ceder lugar a pulsões de destruição mais profundas” (id. *ibid.*, p. 311). Nota-se, entretanto, que elas cumprem o papel anteriormente destinado ao sono e ao sexo, a saber, retornar a todas as situações de prazer e desprazer anteriormente referidas. Em outras palavras, não se trata de uma luta entre pulsões de morte e pulsões de vida, as primeiras tentando fazer com que o organismo retorne à existência inorgânica o mais rapidamente possível, as segundas buscando prolongar a jornada o máximo que conseguirem. Trata-se, simplesmente, de retornar a situações anteriores, seja através da vida – o coito, por exemplo – ou da morte. Mais do que conflito, há uma relação de colaboração entre sono, sexo e morte. Ainda, o que se pode observar é o caráter revigorante da tendência regressiva do organismo. Enquanto o ser humano consegue regredir ao útero, ao oceano, e à existência inorgânica, seja através do sexo, seja através do sono, a vida segue seu curso. A partir do momento em que este retorno é barrado, na velhice, a existência não mais pode ser mantida, restando apenas a destruição:

(...) o indivíduo deve o revigoramento passageiro que extrai tanto da sexualidade como do sono a esse mergulho numa experiência paradisíaca onde não havia ainda lutas, somente crescimento e desenvolvimento, sem a necessidade de qualquer esforço. Diz-se que nos estados mórbidos a cura ocorre essencialmente durante o sono; consideramos ser também possível falar, a justo título, dos milagrosos efeitos curativos do amor; parece que nos dois casos a natureza recorre a forças geradoras arcaicas para colocá-las a serviço da regeneração (id. *ibid.*, p. 313).

* * *

O título do último capítulo, “Conclusões Bioanalíticas”, sugere poucas novidades, mas é o momento em que Ferenczi mais recorrerá à noção de pulsão de morte, inicialmente, de forma tímida, em seguida, com grande independência, como se subscrevesse completamente a nova teoria das pulsões de Freud. O autor explicita seu último projeto: considerar o caminho percorrido até então e justificar, de certa forma, o método empregado até aqui. Trata-se do *utraquismo*, que utiliza conhecimentos adquiridos pela Psicanálise para a solução de problemas oriundos do campo da Biologia. Como exemplo das hipóteses construídas por este método, pode-se levantar a compreensão do processo fisiológico da ejaculação, que nasceu da utilização das noções de condensação e deslocamento. O ponto de partida para a construção do método foi o mecanismo da conversão histórica. Nele, há que se levar em conta a transposição de energias psíquicas para regiões corporais. O tratamento psicanalítico caminha na direção oposta: a de transformar energias inervadas organicamente de volta para os domínios da mente. Como Ferenczi mesmo afirma, daí para “se admitir que

tal troca de energia é também corrente numa economia puramente orgânica, ou seja, na ação recíproca dos próprios órgãos e, por conseguinte, acessível à análise” (id. *ibid.*, p. 315), é apenas um passo. Assim, é necessário que a Biologia amplie as funções utilitaristas dos órgãos de forma a levar em consideração também o princípio de prazer, ou seja, o prazer que cada órgão tenta obter à medida que funciona. É dessa forma que Ferenczi compreende o funcionamento pulsional:

Esta investigação parece levar a um outro resultado, importante para a compreensão da vida orgânica em geral, ao distinguir no plano conceptual as pulsões eróticas a serviço exclusivo do prazer, e as outras, meramente utilitárias. Mas o que seria ainda mais importante (como Freud já constatou em sua “teoria das pulsões”), seria o estabelecimento da existência de uma *tendência regressiva* que rege tanto a vida psíquica quanto a vida orgânica (id, *ibid.*, p. 316).

Ferenczi distingue, a princípio, dois grupos de pulsões: as eróticas e as utilitárias (do ego); até aí, nada fundamentalmente novo ou diferente. Entretanto, com esta passagem, fica evidente que, da nova teoria pulsional de Freud, muito mais do que estabelecer novos grupos pulsionais, o que interessa a Ferenczi é a tendência regressiva que rege a vida, ou, em terminologia freudiana, o caráter conservador ou retrógrado das pulsões. A partir deste ponto de vista, a distinção entre pulsões de vida e de morte adquirem uma importância apenas secundária na teoria ferencziana.

Caso realmente se aplique os conhecimentos adquiridos pela Psicanálise ao mundo orgânico como um todo, é forçoso admitir que existe um inconsciente biológico ou uma biologia das profundezas, que os eventos biológicos são sobredeterminados, e que há uma atemporalidade biológica, da mesma forma que os eventos ocorridos no Sistema Inconsciente são atemporais. Na continuidade, encontra-se uma referência à pulsão de morte: “(...) pressentimos, inclusive, que o coito e o sono representavam o ressurgimento de uma tendência para o repouso muito mais arcaica e primitiva ainda (desejo pulsional da paz inorgânica, pulsão de morte)” (id. *ibid.*, p. 317). O termo pulsão de morte é empregado entre parênteses, de forma tímida, como se Ferenczi estivesse tentando aliar suas concepções sobre a tendência regressiva dominante no mundo psíquico e orgânico às concepções de Freud. Já foi salientado, no entanto, como essa aproximação é problemática, uma vez que o organismo não corre qualquer perigo no coito, idéia que parece distante: 1. do potencial destrutivo salientado por Freud ao propor a teoria da pulsão de morte; 2. da necessidade da deflexão desta pulsão para o exterior a partir de uma ligação com a libido, a título de preservação do organismo; 3. da severidade do superego, mediante a qual o ego pode inclusive sucumbir.

Como exemplo de uma compreensão bioanalítica dos processos fisiológicos, Ferenczi volta sua atenção para a alimentação dos bebês. Estas criaturas, ao se alimentarem do leite materno estão, na verdade, incorporando restos teciduais de sua própria mãe. E, caso se olhe para a cadeia alimentar como um todo, ver-se-á que em todo o processo alimentar dos seres vivos está presente a incorporação dos ancestrais. Em seguida, ao tratar de algumas disfunções da nutrição, Ferenczi afirma: “Uma vez atraída a nossa atenção para esse fato, chegaremos certamente a reconhecer em certas anomalias da nutrição, como nos casos patológicos, por exemplo, uma reativação mais nítida de tendências regressivas geralmente dissimuladas” (id. *ibid.*, p. 318). Neste trecho, o autor deixa explícito, pela primeira vez, que a ativação de tendências regressivas pode colocar em perigo o funcionamento do organismo como um todo e, neste ponto, se aproxima de Freud, que atribuía toda a sorte de adoecimentos a uma fusão ou des fusão incompleta das pulsões de vida e de morte. Entretanto, logo em seguida, Ferenczi afirma que a tendência regressiva está presente tanto nos processos de decomposição quanto nos de cura: “Penso que muitas alterações patológicas tornar-se-iam mais compreensíveis para nós se chegássemos a reconhecer e a acompanhar a ação das tendências regressivas *tanto nos processos de decomposição quanto nos de cura*” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 318). Em outras palavras, a tendência regressiva não teria, a priori, um caráter maligno ou benigno; mas quando ela não pode ser atingida – basta lembrar as pessoas idosas – as conseqüências podem ser mais nefastas.

O autor decide, então, tratar de alguns processos mórbidos orgânicos, remetendo a uma imperfeita distribuição da libido dos órgãos, volta sua atenção para as doenças psicossomáticas e, em seguida, brinda o leitor com outro exemplo da idéia do adoecimento causado por um acúmulo de tendência regressiva no organismo. Desta vez, seu alvo é a síncope. À primeira vista, ela pode decorrer apenas de uma insuficiente irrigação cerebral. Mas, caso se leve em consideração os pontos de vista bioanalíticos, ver-se-á nela uma regressão do organismo à época em que o homem ainda andava com quatro patas, quando não era necessário um esforço maior do corpo para que o cérebro fosse intensamente irrigado de sangue. Em seguida, Ferenczi trata da concepção bioanalítica da evolução, referindo-se a Freud:

De acordo com as nossas conclusões extraídas de um estudo do “sentido de realidade” e com os estudos aprofundados de Freud sobre a vida pulsional, partimos, a fim de examinar a evolução da genitalidade, do fato de que só uma excitação exterior, privação ou catástrofe, pode ter forçado o ser vivo a mudar seus modos de funcionamento e organização (id. *ibid.*, p. 320).

Com “estudos *aprofundados* de Freud”, não há dúvida de que Ferenczi quer se referir a *Além do Princípio de Prazer* (1920); basta lembrar as “pulsões de destruição mais *profundas*”. O que significa que o autor acredita que, para Freud, todas as mudanças do organismo devem-se, em última análise, às modificações do ambiente, às movimentações da Terra e sua relação com o Sol. Assim, conclui-se que Ferenczi fica apenas com a primeira parte de *Além do Princípio de Prazer*. Quando Freud volta atrás, alegando que não pode ser assim, que há um grupo de pulsões que movem o organismo para diante, a partir daí, Ferenczi já não pode mais o acompanhar. Os argumentos que colocaram Freud na trilha das pulsões de vida não terão o mesmo efeito em Ferenczi. Pode-se até suspeitar da existência de pulsões de vida, para Ferenczi. Mas, não é que o organismo não possa ir adiante e progredir; o problema é que esse progresso apenas acontece quando as vias que conduzem para o passado encontram-se impedidas:

(...) Assim, também na biologia encontramos essa modificação do princípio de prazer que, também nesse caso, pode chamar-se princípio de realidade, e podemos fazer a mesma constatação do que quando nos referimos à vida psíquica: essa mesma força que incita à regressão, se uma instância de censura a impede de se exprimir diretamente, torna-se progressiva, ou seja, avança no sentido da adaptação e de uma complexidade maior (id. *ibid.*, p. 321).

Numa primeira aproximação, poder-se-ia pensar que a força motora da adaptação seria constituída pelas pulsões do ego, haja vista que, mediante a adaptação, o organismo sobrevive às modificações ambientais. Contudo, a partir dessa passagem, duas possibilidades se abrem: 1. os processos adaptativos se tornam possíveis devido exclusivamente à força da tendência à regressão; 2. caso se queira manter a idéia de que, na adaptação, deve necessariamente estar presente uma ação comandada pelas pulsões do ego, elas teriam que buscar sua energia na tendência regressiva. Assim, pelo menos de um ponto de vista energético, Ferenczi parece concluir o seu antigo projeto de alcançar uma explicação monista para os fenômenos vitais. Na continuidade, o autor afirma:

O primeiro efeito de choque exógeno será o de despertar a tendência à autotomia que dormita no organismo (pulsão de morte); os elementos orgânicos não vão perder a ocasião que lhes é oferecida de morrer. Mas se a perturbação é violenta demais, portanto traumática, e não acompanha o ritmo progressivo segundo o qual o organismo foi outrora estruturado, produz-se uma “desintrincação” (Freud) imperfeita das pulsões do organismo, e os elementos desse começo de decomposição passam a ser os materiais da evolução ulterior. Assim, nas experiências de J. Loeb, os óvulos de ouriço-do-mar artificialmente fecundados pela água do mar hipotônica morrem em sua periferia por citólise; mais tarde, os fragmentos das células mortas formam uma membrana que impede o prosseguimento da decomposição, enquanto,

sob o efeito da impulsão sofrida, o interior da célula começa a se desenvolver (p. 321).

Inicialmente, tem-se uma identificação entre autotomia e pulsão de morte, como se a autotomia fosse comandada pela pulsão de morte. Mais uma vez, o termo aparece apenas entre parênteses, como se Ferenczi estivesse tentando, ensaiando, por assim dizer, uma aproximação com Freud. Lembrando, a autotomia também foi proposta como o modelo biológico do mecanismo do recalçamento. Sabe-se que o recalçamento está a serviço do princípio de prazer. E os próprios exemplos de autotomia no mundo animal estão a serviço do mesmo princípio. Os animais tendem a se livrar de excitações penosas, mesmo que, para isso, precisem se livrar de partes de seu próprio corpo. Destaca-se, entretanto, que eles se livram apenas de partes do corpo, e não do corpo inteiro, o que parece diferente da autodestruição implícita no conceito freudiano de pulsão de morte. Assim, se a autotomia está a serviço do princípio de prazer, e se ela é comandada pela pulsão de morte, então a própria pulsão de morte estaria em obediência a este princípio. Entretanto, acompanhando o autor nesta citação, ver-se-á que a morte é apenas um primeiro passo, o passo inicial para que, posteriormente, o organismo retome sua trajetória de vida; mais um argumento para fortalecer a idéia de que a incorporação da pulsão de morte na teoria ferencziana é, no mínimo, polêmica. Outra observação: enquanto, para Freud, a defusão ou desintrincação pulsional ocasiona os mais diversos males e moléstias, nesta passagem, visualiza-se a mesma desintrincação como força motriz do desenvolvimento e da vida. Mas, afinal de contas, como isto pode ser explicado? Se o organismo é dominado por uma tendência regressiva, como essa força motriz pode inverter o seu rumo, levando o organismo a uma evolução ulterior? Ferenczi não explica o porquê, mas, sem dúvida, não devido a um excesso de pulsão de vida nos organismos complexos, pois é justamente a força regressiva a utilizada para o seu desenvolvimento.

Sintetizando, dos “estudos aprofundados” de Freud, Ferenczi fica apenas com o caráter conservador ou retrógrado das pulsões. Mas, e esse é o ponto principal, de que pulsões? Certamente, das pulsões sexuais; mas, também, das pulsões do ego, não tanto pelas considerações presentes em *Thalassa* (1924), mas, sobretudo, devido às apresentadas em *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios* (1913), trabalho no qual todo o desenvolvimento do ego é examinado a partir da teleologia da regressão. Entretanto, mesmo em *Thalassa* (1924), quando, neste próprio apêndice, Ferenczi se dedica ao estudo dos fenômenos da nutrição e da alimentação, fenômenos que resultam no ato de devorar os ancestrais, e sendo a fome uma função das pulsões do ego, pode-se concluir a respeito do caráter retrógrado das pulsões egoístas, também. Quanto às pulsões de vida, certamente não

há uma tendência no organismo em direção ao progresso e ao desenvolvimento. Mesmo quando isso acontece, trata-se apenas de uma direção invertida, porque obstaculizada, da tendência regressiva. Sobre uma tendência do organismo para a preservação da vida, nada foi dito neste sentido, a não ser pelos fenômenos da adaptação – que vão buscar sua energia na tendência à regressão – e da tendência autoterapêutica do organismo, encontrada também em trabalhos anteriores. Quanto à pulsão de morte, até aqui, apenas mortes parciais parecem estar sendo autorizadas e, mesmo assim, quando o organismo pode sobreviver ao término da existência. É possível que vida e morte sejam apenas eventos contingenciais, o que não acontece com a força de atração do passado, que se manifesta continuamente, seja através da libido, seja através dos interesses egóicos. Diz o autor: “Seja como for, a concepção bioanalítica dos processos da evolução vê em toda parte *desejos* que agem no sentido de *restabelecer estados de vida ou de morte anteriores*” (id. *ibid.*, p. 322). Na direção da vida ou da morte, desde que a regressão pode ser levada a cabo.

Por fim, há que se tomar uma posição sobre o problema do começo e do fim da vida, a partir de um ponto de vista bioanalítico. Ferenczi retoma a idéia de que, na atração sexual, o ser humano regride à etapa inanimada de seu desenvolvimento e vê, nessa teoria, uma analogia com a teoria freudiana, não da pulsão de morte, mas do Eros platônico. Em seguida, o autor traz a idéia, apoiando-se na física, de que não há morte absoluta, uma vez que mesmo na matéria inanimada há intensa agitação. Talvez a morte só possa ser concebida teoricamente, ou seja, como uma possibilidade:

A verdadeira morte, o repouso absoluto, só é mencionado pelos físicos de um modo perfeitamente teórico quando afirmam que toda energia, de acordo com o segundo princípio fundamental da termodinâmica, está condenada à morte por dissipação. Mas desde já alguns naturalistas afirmam que essas energias dissipadas se reagrupam periodicamente, mesmo que os intervalos entre esses períodos sejam de longa duração (id. *ibid.*, p. 324).

Isso faz com que Ferenczi seja levado a crer que não existe uma des fusão completa entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, possibilidade que já foi aventada por Freud, e, nisto, tem-se o primeiro uso realmente independente do novo dualismo pulsional freudiano:

(...) não existe desintração total entre pulsão de morte e pulsão de vida, (...) mesmo a matéria tida como “morta”, logo, inorgânica, contém um “germe de vida” e, por conseguinte, *tendências regressivas rumo ao complexo de ordem superior cuja decomposição lhes deu origem*. As ciências naturais já afirmavam há muitíssimo tempo que não existe vida absoluta sem participação de tendências de morte em tudo o que está vivo (grifos meus, id. *ibid.*, p. 325).

A decomposição do complexo de ordem superior dá origem às tendências regressivas que, por sua vez, dirigem-se àquele. Cabe destacar, ainda, que as tendências regressivas são uma consequência da presença de germes de vida no interior do organismo.

Contudo, acerca do problema do início e fim da vida, é melhor abandoná-lo, uma vez que não existe começo ou término; o início da vida não pode ser o surgimento da matéria orgânica, uma vez que no inanimado podem estar presentes germes de vida e, pelo mesmo motivo, a vida não se encerra com a morte. Assim...

Nesse caso, deveríamos abandonar definitivamente o problema do começo e do fim de vida e imaginar todo o universo orgânico e inorgânico como uma oscilação perpétua entre pulsões de vida e pulsões de morte, em que tanto a vida quanto a morte jamais conseguiriam estabelecer sua hegemonia (id. *ibid.*, p. 325).

CAPÍTULO 5: TEXTOS FERENCZIANOS APÓS *THALASSA* (1924) E A NOÇÃO DE PULSÃO DE MORTE

5.1 Os últimos artigos publicados em vida

Em *Psicanálise dos Hábitos Sexuais* (FERENCZI, 1925), Ferenczi pretende detalhar de que maneira a técnica ativa é empreendida em uma psicanálise. Ao descrever determinado tratamento, no momento em que o paciente finalmente conseguiu ter algumas ereções sexuais, Ferenczi sugeriu-lhe que não satisfizesse o desejo sexual, nem com sua esposa, tampouco com outras mulheres. A teoria que está por trás deste aconselhamento consiste no seguinte: o represamento da libido, em um primeiro momento, provoca angústia, e, caso essa tensão libidinal acumulada exceda níveis ainda mais elevados, ultrapassa-se o limiar da angústia, de maneira que ela se transforma em prazer, ou, mais especificamente, no prazer de agredir, que é justamente um componente do sadismo. Diz o autor:

De novo a tensão devia superar os limites outrora impostos pela angústia, tendo por conseqüência um recrudescimento do prazer de agredir, no sentido fisiológico, mas também da coragem psíquica de enfrentar e atacar energicamente as fantasias inconscientes (FERENCZI, 1925/1993, p. 339).

Obviamente que o objetivo de Ferenczi não era transformar os seus pacientes em sádicos, mas de dotá-los de coragem suficiente para que eles pudessem se dedicar à árdua tarefa do autoconhecimento. Neste trabalho, portanto, o sadismo é entendido como decorrente da não-satisfação da pulsão sexual, e não como manifestação não-impedida da pulsão de morte. Poder-se-ia argumentar que Ferenczi não está tratando do sadismo propriamente dito, mas a passagem seguinte não deixa dúvidas:

Nos casos que comportam um hiperatividade genito-sexual em que se recorre a medidas de frustração uretral, anal e genital, a psicanálise chegou com uma regularidade espantosa à descoberta de poderosos movimentos agressivos, principalmente sob a forma de crime sádico. Esses impulsos manifestavam-se muitas vezes em fantasias sádicas de estrangulamento, de esfaqueamento ou outra forma de posse violenta da mulher, atos por vezes impregnados de um matiz jocoso ou lúdico. (id. *ibid.*, p. 343).

Outra possibilidade é o sadismo originar-se da angústia diante do coito, que não foi devidamente neutralizada pelas tendências voluptuosas – lembrar da festa comemorativa de *Thalassa* (1924) – devido a não-superação da angústia de castração, de maneira que o indivíduo recorre ao sadismo como medida de defesa. Trata-se, aqui, de abater

o objeto sexual, torná-lo inofensivo, para que a cópula possa ser realizada. Assim, há, pelo menos, duas origens para o sadismo: na primeira, a ação de um mecanismo de defesa traz represamento da libido que, a partir de certo ponto, dá origem às tendências sádicas; na segunda, o sadismo é o próprio mecanismo de defesa contra a angústia do coito e de castração. O fato é que, em ambos os casos, o conceito de pulsão de morte não é exigido para explicá-lo.

Para a explicação do masoquismo, Ferenczi sugere que está de acordo com a teoria das pulsões de vida e de morte, de Freud, mas o aborda a partir de outro ponto de vista:

Dir-se-ia que a necessidade de punição ou, mais regularmente, a necessidade de sofrer do masoquista, cujas fontes profundas foram postas em evidência por Freud num de seus últimos trabalhos, também deve servir para certos fins práticos (...). De fato, os masoquistas jamais alcançam esse objetivo: o orgasmo está vinculado, no que lhes diz respeito, ao próprio sofrimento e eles são totalmente incapazes de praticar um coito normal, ou então só depois das sensações dolorosas. As partes do corpo reservadas à experiência dolorosa são quase sempre extragenitais, como se uma vez mais se tratasse de deslocar a dor e a angústia para outras partes do corpo, a fim de assegurar aos órgãos genitais uma satisfação isenta de dor e de angústia, liberta – de certo modo – da castração. (id. *ibid.*, p. 345).

Em suma, o masoquista sofre do mesmo problema do sádico: sente-se angustiado diante da perspectiva do coito, em função da não-solucionada angústia de castração; mas, diferentemente deste, que ataca o objeto para poder transformá-lo em algo inofensivo, o masoquista suporta determinadas cotas de desprazer em outras partes de seu corpo que não as genitais, deslocamento do coito, desta forma, o elemento de angústia, para obter o gozo sexual almejado. Segue-se, desta concepção, que o masoquismo é explicado a partir da lógica do princípio de prazer: desprazer em uma parte do corpo, para o desfrute do prazer em outra. Para Freud, o masoquismo implica prazer na dor, ao passo que, em Ferenczi, trata-se simplesmente da dor para o prazer. As considerações do primeiro, apresentadas em *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924) colocaram-no na trilha da concepção de um masoquismo primário. Ferenczi, aparentemente distante do postulado de um masoquismo primário, coloca-o como uma defesa contra a angústia de castração.

Na continuidade do texto, como vem sendo demonstrado, fica claro como a tendência regressiva e, por conseguinte, a compulsão à repetição, para Ferenczi, é o princípio básico, que está subjacente às pulsões como um todo, seja às de vida ou às de morte. Assim:

A teoria das pulsões, segundo Freud, permite-nos pela primeira vez entrever a motivação psíquica da tendência a repetir por hábito as primeiras experiências vividas; sua “compulsão à repetição” é uma derivação das pulsões de vida e morte

que se esforçam por repor tudo o que existe num estado anterior de equilíbrio (FERENCZI, 1925/1993, p. 349).

Ou, então:

É evidente que essa concepção coloca no mesmo plano hábitos e instintos, o que é justificado pelo fato de que os próprios instintos tendem sempre a restabelecer um antigo estado e, nesse sentido, são apenas “hábitos”, quer conduzam diretamente à paz da morte, quer cheguem a esse mesmo fim pelo desvio do “suave hábito de ser”. (id. *ibid.*, p. 350).

* * *

Na ocasião do septuagésimo aniversário de Freud, Ferenczi dedica uma homenagem ao mesmo, e aproveita o ensejo para avaliar seu próprio desenvolvimento teórico:

Por minha parte, preconizei um dia, já lá vão muitos anos, que a pulsão de morte talvez pudesse explicar tudo. A minha confiança em Freud fez-me inclinar diante de seu julgamento negativo – até o dia em que foi publicado *Para Além do Princípio de Prazer*, obra na qual sua teoria do jogo recíproco da pulsão de vida e da pulsão de morte explica certamente melhor a diversidade dos fatos psicológicos e biológicos do que a minha concepção unilateral o fizera na época (FERENCZI, 1926/1993, p. 387).

Considerando que, de acordo com Figueiredo (1999), *Thalassa* (1924) já estava escrito por volta de 1915, e que essa homenagem a Freud foi escrita em 1926, é bem possível que, nela, Ferenczi estivesse referindo àquele (“muitos anos”, então, corresponderiam a 11 anos). Deduz-se, daí, que o que estava sendo chamado, em *Thalassa* (1924), de tendência à regressão, representava, em outras palavras, a pulsão de morte freudiana. Entretanto, como visto, a tendência à regressão não pode ser completamente identificada à teoria da pulsão de morte, dentre outros motivos, por exemplo, pelo fato de a mesma ter caráter revigorante. Mas, por outro lado, faz sentido a afirmação de Ferenczi de que a tendência à regressão era o único princípio mediante o qual ele tentava explicar todos os fenômenos. Nesta passagem, além de identificar a tendência à regressão com a pulsão de morte – o que não é correto –, Ferenczi explicita que, na época, excluía completamente a teoria da pulsão de vida. Basta lembrar que, para o autor, não há uma força que move o organismo para “diante”.

Para ser mais exato, em *Thalassa* (1924), havia mínimo espaço para pulsões de vida e de morte, uma vez que apenas a tendência regressiva explicava os fenômenos mórbidos e vitais. Outro dado interessante é que Freud, tal como mostrou J. Dupont, recriminou o

procedimento de Ferenczi de tentar abarcar todos os fenômenos através de uma tendência regressiva. Resta saber se ele se renderá ao novo dualismo pulsional, como afirma.

* * *

De fato, em *O Problema da Afirmação do Desprazer* (1926), o autor começa a levar em consideração os pontos de vista freudianos quanto à ação das pulsões de vida e de morte no organismo; mas, mesmo nessa utilização da teoria freudiana, há algumas nuances na concepção ferencziana que merecem ser comentadas.

Ferenczi classifica este trabalho como uma retomada de algumas questões formuladas em *Transferência e Introjeção* (1909) e *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e Seus Estágios* (1913), a partir das formulações de Freud sobre a dualidade pulsional e do artigo *A Negação* (FREUD, 1925). O objetivo do autor é o de desvendar os processos internos – sobretudo no que diz respeito à vida pulsional – que acompanham obrigatoriamente o abandono do sentimento de onipotência para se alcançar o reconhecimento da realidade. Primeiramente, Ferenczi apresenta uma hipótese antiga em *Psicanálise*, que remonta à *Interpretação de Sonhos* (FREUD, 1900) e, mais tardiamente, a um trabalho publicado em 1913, de Victor Tausk. Trata-se da hipótese da compensação: “se o reconhecimento do meio ambiente hostil representa um desprazer, o seu não-reconhecimento comporta geralmente ainda mais desprazer” (FERENCZI, 1926/1993, p. 396). Nada além da lógica do princípio de prazer: o organismo busca aquilo que é mais prazeroso ou, pelo menos, menos desprazeroso. Em seguida, o autor apresenta os passos para o desenvolvimento do sentido de realidade, e o faz a partir da relação deste com os afetos ou as pulsões envolvidas neste processo.

Assim, o que há, inicialmente, é um bebê sendo satisfeito em todas as suas necessidades. Nesta etapa, mal se pode falar em desejos. Não há desprazer e, por conseguinte, tampouco separação entre o eu e o não-eu. Trata-se do estágio do sentimento de onipotência incondicional. Contudo, logo vêm as frustrações, representadas, sobretudo, pela fome, que, por sua vez, provoca uma destruição fisiológica nos tecidos do organismo; e, se uma destruição como essa opera ao nível somático, por que não supor algo semelhante ao nível psíquico? Diz o autor:

Era admissível que, em relação com a destruição fisiológica provocada pela ausência de alimento nos tecidos do organismo, também se produzisse uma espécie de “desintrincamento pulsional” na vida psíquica, que se manifesta, em primeiro lugar,

por uma descarga motora descoordenada e por choro, modo de expressão inteiramente comparável às manifestações de cólera no adulto (id. *ibid.*, p. 397).

Do que se conclui: o ódio é um representante da pulsão de morte no organismo, ao passo que o amor representa a pulsão de vida em seu interior. Em um momento de desintração ou desfusão pulsional, a pulsão de vida não mais consegue neutralizar a ação da pulsão de morte, e, com isso, tem-se a explosão de uma manifestação colérica pelo indivíduo.

Uma vez sendo frustrado, surge para o bebê a possibilidade de se representar mentalmente o objeto, alvo de amor e ódio; o que significa que a ambivalência, para Ferenczi, é resultado de um desintração pulsional: “Queremos somente acrescentar que a *ambivalência* de que acabamos de falar, ou seja, o *desintração pulsional (...)*” (id. *ibid.*, p. 397). Neste ponto, o autor volta sua atenção para o estudo do homem primitivo:

O selvagem mostra-se, portanto, perfeitamente conseqüente quando, após ter matado o seu inimigo, testemunha-se o maior amor e respeito. Demonstra simplesmente assim que teria preferido ter paz, que queria viver em harmonia perfeita com o mundo à sua volta, mas que foi impedido de fazê-lo pela existência de um “objeto incômodo”. O aparecimento desse obstáculo acarretou um desintração de suas pulsões sob o crescendo do componente agressivo e destrutivo; após a satisfação obtida pela vingança, o outro componente pulsional, o amor, também procura a satisfação (id. *ibid.*, p. 398).

Vale a pena salientar que o ódio que Ferenczi postula não é primário, trata-se simplesmente de uma reação à percepção de que existem objetos que frustram e que escapam à vontade do indivíduo. Pelo menos até o presente momento, os argumentos não se aproximam de uma pulsão de morte que precisa ser desviada para o exterior, com o auxílio da libido, para salvar o indivíduo da aniquilação. Está-se aqui, simplesmente, diante do ódio provocado pela frustração. Psicanalistas e educadores sabem que a frustração gera sentimento de ódio, e nem todos fazem uso do conceito de pulsão de morte para explicar este fenômeno; pelo contrário, a noção de pulsão de morte parece fazer parte de outro quadro explicativo. Ainda assim, Ferenczi segue Freud na idéia de que o desintração pulsional ocasiona uma manifestação livre e não neutralizada da destrutividade. Entretanto, na continuidade, o autor introduz um raciocínio de nova espécie; não apenas a pulsão de vida neutraliza a ação da pulsão de morte, como o inverso também pode ocorrer:

Tudo se passa como se as duas espécies de pulsões se neutralizassem mutuamente quando o ego se encontra em estado de repouso (...) e como se (...) influências externas particulares fossem necessárias para separar as duas espécies de correntes e torná-las de novo ativas (id. *ibid.*, p. 398).

Quando não há frustração, o amor neutraliza o ódio, e vice-versa, de maneira que, nestes momentos, percebe-se subjetivamente a paz. A experiência da frustração, por sua vez, desencadeia o desintrincamento pulsional e, com ele, a ambivalência. Contudo, durante este estágio do desenvolvimento, apesar de haver o reconhecimento da realidade, ainda não se pode dizer que há um julgamento objetivo, pois o amor e o ódio intensos que estão presentes nesta fase impedem que isso aconteça. A objetividade só começa a existir quando as pulsões novamente se unem (o amor e o ódio), de modo a se neutralizarem.

Cabe citar os mecanismos que estão em jogo na transformação da subjetividade para a objetividade puras (se é que existe algo como isso). Em um primeiro momento, a onipotência é atribuída ao “eu” (se bem que, talvez não seja correto falar em “eu” neste momento, uma vez que a separação entre mundo interno e externo ainda não foi efetuada). Nesta etapa, predomina o mecanismo da introjeção. Em um segundo momento, a onipotência é atribuída ao outro, e o mecanismo central em jogo é a projeção. Por fim, na terceira etapa, há um abandono do sentimento de onipotência, de modo que o equilíbrio entre os mecanismos de projeção e introjeção é atingido. O julgamento objetivo da realidade pode, então, ser alcançado.

Em seguida, Ferenczi procura levantar os obstáculos que precisam ser superados para que o sentido de realidade tome forma. Trata-se do reconhecimento dos seguintes fatos: 1. há coisas boas (por exemplo, o seio materno) que não fazem parte do “eu”; 2. existem coisas más que fazem parte do “eu”; 3. há coisas boas que não fazem parte do “eu”, e das quais, em momento algum, o “eu” vai obter a posse. Como processo paralelo a este terceiro obstáculo, “encontramos o reconhecimento dos desejos recalçados associado à renúncia à sua realização” (id. *ibid.*, p. 400). E para que estes desejos sejam reconhecidos, é necessária uma dose de Eros. Diz Ferenczi:

Como esse reconhecimento, sabemo-lo hoje, exige uma parte de Eros, portanto, de amor, o que é inconcebível sem introjeção, ou seja, sem identificação, somos levados a afirmar que o reconhecimento do mundo externo corresponde, de fato, a uma realização parcial do imperativo cristão: “Ama os teus inimigos”. Mas a resistência encontrada pela doutrina psicanalítica das pulsões mostra que a reconciliação com o inimigo interior é para o homem a tarefa mais difícil a cumprir (id. *ibid.*, p. 400).

Na continuidade, a tentativa de Ferenczi é a de encontrar protótipos, no desenvolvimento orgânico, da adaptação do ser vivo à realidade do mundo externo. *No grau menos evoluído possível, o organismo que não tem suas necessidades satisfeitas,*

simplesmente, deixa-se morrer. Como a distância que o separa do estado inorgânico é muito pequena, sua pulsão de morte tem muito mais facilidade em obter êxito nesta empreitada. Em uma etapa mais evoluída, o organismo não se aniquila completamente, mas apenas certas partes de seu corpo (autotomia). E, de acordo com Ferenczi, “é preciso esperar outra etapa do desenvolvimento para ver surgir a faculdade de adaptação à realidade” (id. *ibid.*, p. 400).

Entretanto, ainda não está suficientemente explicado como, “na adaptação ao meio ambiente real, seja ela orgânica ou psíquica, certas partes do mundo exterior hostil são incluídas no ego com a ajuda de Eros, enquanto que, por outro lado, há a renúncia a partes amadas do ego” (id. *ibid.*, p. 401). Uma primeira explicação a essa questão é oferecida ainda através da lógica da compensação, que já havia sido amplamente desenvolvida em *Thalassa* (1924). O organismo adapta-se em um primeiro momento, apenas para poder gozar dos “bons tempos antigos” (id. *ibid.*, p. 401), secundariamente. Ferenczi não abandona essa hipótese e reconhece seu valor. No entanto, acredita que ela é insuficiente para explicar alguns eventos no domínio psíquico, que fogem à lei da compensação. Neste, “*deparamo-nos (...) com uma renúncia que, na aparência, é total e sem compensação*” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 401). Agora, não há saída, a não ser recorrer à teoria da pulsão de morte, de Freud:

Uma vez que é impossível livrar-se de apuros com esse gênero de explicação otimista, o jeito é recorrer à teoria das pulsões, segundo Freud, e constatar que, em certos casos, as pulsões de destruição voltam-se contra a própria pessoa, que, inclusive, a tendência para a autodestruição, para a morte, é a pulsão mais primitiva, e que só no transcorrer do desenvolvimento é que ela passa a ser dirigida para o exterior (id. *ibid.*, p. 401-2).

Assim, a adaptação autoplástica é vista como fruto da ação da pulsão de morte sobre o organismo: “Tal modificação “masoquista” da direção da agressão desempenha um papel, sem dúvida, em todo ato de adaptação” (id. *ibid.*, p. 402). Mas Ferenczi permanece apenas por breve instante na concepção de uma destrutividade voltada para o interior, pois, logo em seguida, apressa-se em considerar que ela é apenas parcial, e, retomando as experiências de J. Loeb com os ouriços-do-mar, afirma que é justamente a destruição parcial a responsável pelo desenvolvimento ulterior do organismo:

(...) o mais surpreendente nessa autodestruição é o fato de que neste caso (na adaptação, o reconhecimento do mundo circundante, a formulação de um julgamento objetivo) a destruição converte-se verdadeiramente na “causa do devir”. É tolerada uma destruição parcial do ego, mas somente com o objetivo de construir, a partir do que restou, um ego capaz de resistência ainda maior (...) (id. *ibid.*, p. 402).

Assim, a lógica da compensação ainda não foi abandonada por completo, uma vez que a destruição parcial do ego somente é tolerada se o próprio ego puder obter um benefício ainda maior da mesma. E, na continuidade, Ferenczi recorre a um desintrincamento pulsional que facilita as ações de Eros, diferentemente de Freud, para o qual a defusão sempre acarreta uma ação mais livre e direta da pulsão de morte: “(...) Eros, liberto por ocasião do desintrincamento pulsional, transforma a destruição num devir, num desenvolvimento contínuo das partes que permaneceram incólumes” (id. *ibid.*, p. 402). A idéia geral é que as pulsões, fusionadas, neutralizam-se; desintrincadas, liberam-se mutuamente.

A própria memória será explicada nos moldes dos fenômenos de destruição parcial: “Irei mesmo ao ponto de considerar os próprios traços mnêmicos como cicatrizes de impressões traumáticas, produtos da destruição que Eros, infatigável, decide, não obstante, empregar no seu sentido, ou seja, na preservação da vida (...)” (id. *ibid.*, p. 402). E, desta vez, de maneira maniqueísta, complementa: “(...) só a pulsão de destruição “quer o mal” e é Eros que “dela extrai o bem”” (id. *ibid.*, p. 402), para, ao final, sintetizar:

O reconhecimento do mundo exterior, ou seja, a afirmação de um desprazer só é possível após o abandono da defesa contra os objetos que são fontes de desprazer e sua negação, e após a transformação em impulsos internos das excitações que provêm desses objetos, incorporando-os ao ego. A força que realiza essa mudança é Eros libertado pelo desintrincamento pulsional (id. *ibid.*, p. 404).

Como visto, em *O Problema da Afirmação do Desprazer* (1926), Ferenczi sugere que a adaptação autoplástica estaria ligada às pulsões de morte, embora reconheça que se trata apenas de uma destruição parcial, que, em seguida, é utilizada pela libido para o próprio desenvolvimento do organismo. Parece que apenas nos animais menos evoluídos a pulsão de morte é capaz de obter êxito inequívoco. Entretanto, em *A Adaptação da Família à Criança* (1928), o autor volta atrás, salientando que a adaptação que a criança deve efetuar em si própria, no relacionamento com os seus pais (uma vez que os pais e os adultos de modo geral possuem valores diferentes dos da própria criança, pois nem tudo o que é prazeroso para a criança o é para os adultos, e vice-versa), é realizada com base no amor que elas sentem pelos mesmos, ou seja, com base na libido: “Por amor a essas pessoas [aos pais], [a criança] deve adaptar-se a esse novo e difícil código” (FERENCZI, 1928/1992, p. 11).

O artigo *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929) parte da idéia de que, analisando-se alguns casos de pacientes que tinham, manifestamente, fraca vontade de viver, ilustrada por uma série de sintomas, desde anorexia e tentativas de suicídio, até traços

de caráter marcados por certo pessimismo moral e filosófico, foi possível constatar que os mesmos não tinham sido desejados ao nascerem. A partir deste dado, Ferenczi faz uma revisão sobre a relação entre a distribuição das pulsões de vida e de morte no organismo, de um lado, e a passagem do tempo, de outro. Como, no início da vida, o crescimento e o desenvolvimento são exuberantes, pensava-se que havia uma maior concentração de pulsões de vida logo após o nascimento. Ao final da existência, elas cederiam espaço às pulsões de morte, que se incumbiriam de trazer o indivíduo de volta ao estado inorgânico. Como diz o próprio Ferenczi: “em geral, tendia-se a representar as pulsões de morte e de vida como simples séries complementares, em que o máximo de vida devia corresponder ao começo da vida e o ponto zero da pulsão de vida à fase de idade avançada” (FERENCZI, 1929/1992, p. 50), o que, graficamente, poderia ser assim concebido:

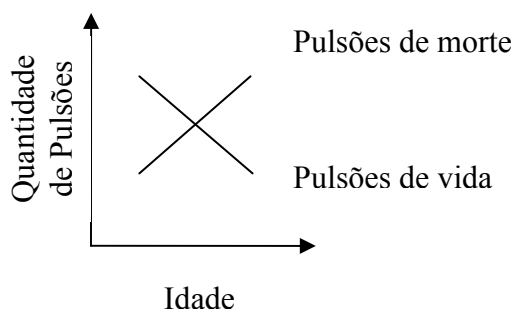


Figura 4. Quantidade de pulsões de vida e de morte X idade do indivíduo.

Diferentemente, para o autor, no início da vida, as pulsões de vida agem com vigor mínimo, para apenas no decorrer da existência tornarem-se mais intensas, e isto se deve à proximidade do ser recém-chegado com o estado de não-ser. A partir desta perspectiva, o extraordinário crescimento dos recém-nascidos é explicado pela força do amor dos pais (ambiente), mais do que pelo incremento de pulsão de vida (constituição):

De qualquer modo, no início da vida, intra e extra-uterina, os órgãos e suas funções desenvolvem-se com uma abundância e uma rapidez surpreendentes – mas só em condições particularmente favoráveis de proteção do embrião e da criança. A criança deve ser levada, por um prodigioso dispêndio de amor, de ternura e de cuidados, a perdoar aos pais por terem-na posto no mundo sem lhe perguntar qual era a sua intenção, pois, em caso contrário, as pulsões de destruição logo entram em ação (id. *ibid.*, p. 50).

Ou, ainda:

A “força vital” que resiste às dificuldades da vida não é, portanto, muito forte no nascimento; segundo parece, ela só se reforça após a imunização progressiva contra os atentados físicos e psíquicos, por meio de um tratamento e de uma educação conduzidos com tato (id. *ibid.*, p. 50).

O desejo é o de não nascer, tanto é que, posteriormente, o bebê precisa perdoar os pais por terem-no colocado no mundo (lembrar, também, do primeiro sonho – e de todos os posteriores – que representa o retorno à existência inorgânica). Se o ambiente também não desejou a criança, torna-se fácil morrer. Caso contrário, o bebê é imunizado contra si próprio, de modo a reforçar a “força vital” (reparar as aspas). Poder-se-ia dizer: a “injeção” de amor incrementa as pulsões de vida, o que não deixa de estar em conformidade com o monismo pulsional e com a origem exógena da pulsão de vida, como salientado anteriormente.

A conseqüência lógica é que, em tais tratamentos psicanalíticos, deve-se “introduzir” cotas de pulsão de vida nestes pacientes, por meio de uma permissividade algo esticada, ou seja, com poucas frustrações: “Por esse *laissez-faire* permite-se a tais pacientes desfrutar pela primeira vez a irresponsabilidade da infância, o que equivale a *introduzir impulsos positivos de vida* e razões para se continuar existindo” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 51). Apenas em um segundo momento, quando eles se encontram mais fortalecidos, esses tratamentos podem se transformar em uma análise padrão, tal como preconizada por Freud.

* * *

Em *Análise de Crianças com Adultos* (1931), conferência pronunciada por ocasião do septuagésimo quinto aniversário de Freud, na Associação Psicanalítica de Viena, há um nítido interesse do autor pela questão do trauma, que ocupará cada vez mais espaço na obra de Ferenczi, como se percebe pelas suas anotações no *Diário Clínico* (1932). Em determinado momento, explicita-se o mecanismo da traumatogênese:

(...) Isso nos permite entrever o que constitui o mecanismo da traumatogênese: em primeiro lugar, a paralisia completa de toda a espontaneidade, logo de todo o trabalho de pensamento, inclusive estados semelhantes aos estados de choque, ou mesmo de coma, no domínio físico, e, depois, a instauração de uma situação nova – deslocada – de equilíbrio. Se conseguimos estabelecer o contato, mesmo nesses estágios, ficamos sabendo que a criança, que se sente abandonada, perde por assim dizer todo o prazer de viver ou, como se deveria dizer com Freud, volta a agressão contra a sua própria pessoa. Isso chega às vezes tão longe que o paciente começa a sentir-se como se fosse perder os sentidos ou morrer, o rosto cobre-se de palidez mortal e surgem os estados próximos do desmaio, assim como um aumento geral do tônus muscular, podendo chegar ao opistótonos. O que se desenrola aí diante dos

nossos olhos é a reprodução da agonia psíquica e física que acarreta uma dor incompreensível e insuportável (FERENCZI, 1931/1992, p. 79).

Nos termos do autor, a pessoa simplesmente perdeu o prazer de viver. Para Freud, ela voltou sua agressão contra si própria. Estaria Ferenczi realmente de acordo com Freud sobre a teoria da pulsão de morte ou apenas tentando conciliar suas idéias com este?

No artigo *Confusão de Língua entre os Adultos e a Criança: a linguagem da ternura e a da paixão* (1932), Ferenczi, mais uma vez, remete-se ao trauma. Inicialmente, o autor traz a idéia do acúmulo, em sua prática de psicanalista, de manifestações de repetições traumáticas pelos pacientes, para as quais ele esperava que a ab-reação pudesse pôr fim aos sintomas, o que se revelou quase totalmente incorreto, pois, apesar do abrandamento dos mesmos, via-se o ressurgimento de uma angústia cada vez mais indomada no paciente. Diante da dor insuportável, alguns pacientes teciam diversas acusações a Ferenczi (insensível, frio, duro, cruel, egoísta, sem coração e presunçoso); mas estes eram poucos, haja vista a maioria se revestir de grande docilidade. No entanto, o autor começa a suspeitar que, mesmo os dóceis, “experimentavam em segredo pulsões de ódio e de cólera” (FERENCZI, 1932/1992, p. 98) em direção ao médico, até concluir que “em vez de contradizer o analista, de acusá-lo de fracasso ou de cometer erros, os pacientes *identificam-se com ele*” (id. *ibid.*, p. 98).

Em sua concepção, o ódio dos pacientes contra o analista deve-se à hipocrisia profissional deste, representada pelo ato de esconder do analisando possíveis desconfortos ou perturbações que ele venha a despertar no analista. A recomendação técnica consiste, então, em abolir esta falta de sinceridade para com o paciente, renunciar à hipocrisia profissional e admitir eventuais incômodos, não apenas como mera possibilidade, mas como fatos reais. Ao fazer isto, surpreendentemente, ao invés de um agravamento do quadro do paciente, as repetições traumáticas mencionadas atenuavam-se sobremaneira. A explicação aventada, de um ponto de vista teórico, é que a hipocrisia profissional do psicanalista, sentida pelo paciente, configurava-se numa repetição da experiência traumática infantil; e, caso o analista renunciasse à mesma, ganharia a confiança do paciente, sendo esta “aquele algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico” (id. *ibid.*, p. 100). Em outras palavras, a compulsão à repetição – apesar de que Ferenczi não se utiliza deste termo – do paciente é, se não provocada, pelo menos mantida, pelo novo traumatismo – na verdade, pelo mesmo traumatismo – infligido pelo psicanalista. Uma vez o psicanalista tendo se diferenciado das pessoas do passado do paciente, ou seja, tendo deixado de atuar como um fator traumatogênico, a história pode ser trazida às sessões de análise como lembranças objetivas, e não como reproduções alucinatórias. Isso traz uma nova luz sobre os

fenômenos da compulsão à repetição, uma vez que ela pode ser entendida, em determinados casos, não como um fenômeno intrapessoal, baseada naquilo que há de mais pulsional nas pulsões (Tânatos), como quer Freud, mas como reprodução perpetuada pela própria perpetuação do ambiente, ou seja, ela é dependente de um *vínculo interpessoal*.

Na continuidade, Ferenczi volta sua atenção para o trauma em si; fala da confusão de língua entre os adultos e a criança – o abuso sexual –, da identificação da criança com seu agressor sexual; da introjeção do sentimento de culpa; das punições cheias de cólera a que são submetidas; até “concluir”, com a seguinte pergunta:

Na sexualidade de nossa época, que parte do sadomasoquismo é condicionada pela cultura (ou seja, só tem sua fonte no sentimento de culpa introjetado) e que parte, ao permanecer autóctone, desenvolve-se como uma fase de organização própria? Isso fica reservado para investigações ulteriores (id. *ibid.*, p. 105).

Levando em consideração que o autor está tratando do trauma e de toda a patologia do vínculo adulto-criança nos casos de abuso sexual, é possível hipotetizar que a pergunta, na verdade, já esteja respondida: se o sadomasoquismo não é condicionado, em bloco, pela cultura, também não deve ser entendido única e exclusivamente do ponto de vista pulsional.

5.2 Artigos e notas publicados postumamente

Daqui em diante, examinam-se notas, pequenos artigos, o próprio *Diário* (1932), que não receberam preparação suficiente para publicação e, portanto, possuem caráter fragmentário; daí a fragmentação deste próprio texto a seguir. Espera-se, ao final, que, através dos dispersos comentários, consiga-se chegar a uma espécie de síntese acerca do entendimento de Ferenczi sobre a noção de pulsão de morte.

Em *Reflexões sobre o Trauma* (1934), Ferenczi deixa claro que uma das possibilidades de reação ao trauma consiste na autodestruição, mas que não deixa de estar a serviço do princípio de prazer, uma vez que, através dela, o organismo se livraria da angústia e, portanto, de todo o desprazer:

O desprazer cresce e exige uma válvula de escape. Tal possibilidade é oferecida pela autodestruição, a qual, enquanto fator que liberta da angústia, será preferida ao sofrimento mudo. O mais fácil de destruir em nós é a consciência, a coesão das formações psíquicas numa entidade: é assim que nasce a desorientação psíquica. (A unidade corporal não obedece tão prontamente ao princípio de autodestruição) (FERENCZI, 1934/1992, p. 111).

Em 1928, numa exposição apresentada na Associação de Psicopatologia Aplicada de Viena, intitulada *Psicanálise e Criminologia* (c. 1928), o autor elucida um problema debatido ao redor deste trabalho: a questão de saber qual força pulsional seria responsável pela adaptação do organismo diante das modificações ambientais. Para o autor, Eros é o responsável pelo movimento adaptativo. Cabe destacar, também, que o princípio de prazer é visto como idêntico ao princípio do zero, buscando, assim, a redução total do nível energético do organismo. É neste sentido que a pulsão de morte, para Ferenczi, obedece ou é uma expressão do princípio de prazer. Tanto as pulsões de vida quanto as de morte estariam em consonância com o princípio de prazer e com o apaziguamento decorrente deste, que poderia ser alcançado por via direta (Tânatos) ou pelo movimento adaptativo (Eros). Diz o autor:

Ao explorar a fundo uma série de observações, das quais eu tampouco pude prescindir, Freud foi levado, como se sabe, a admitir que o motivo fundamental de todas as manifestações do psiquismo, e até mesmo do corpo, era o princípio de prazer, ou seja, a fuga diante do desprazer e a busca de prazer. A meta de todo ato pulsional é, portanto, o apaziguamento e o fim de todos os atos pulsionais; a meta final talvez seja a morte. Pois bem, esse apaziguamento pode ser alcançado por dois caminhos: a via direta, pela morte, destruindo todo o trabalho vital penoso e acabrunhante; a outra via é a adaptação às dificuldades do mundo circundante. As pulsões de vida estão a serviço da adaptação, as pulsões de morte acarretam constantemente a regressão ao inorgânico. Ora, Freud acredita que os componentes pulsionais sádicos são impulsos para a autodestruição que foram dirigidos para o exterior e tornaram-se agressivos. No crime e no suicídio, essas forças destrutivas que, normalmente, são subjugadas e dirigidas para a atividade social e para o controle das manifestações pulsionais sexuais, logram reencontrar seu modo de expressão elementar e cru. As investigações, referentes a casos individuais, que já podemos realizar sobre esses processos, em todas as formas de neuroses, elucidarão um dia as condições nas quais essas pulsões nocivas devem desencadear-se e encontrar saída nos atos criminosos. O conhecimento do destino dessas pulsões também permitirá, talvez, considerar um dia a profilaxia educativa da criminalidade e encaminhar os impulsos que se tornaram perigosos para os canais de sublimação (FERENCZI, 1928/1992, p. 204).

Em nota de 10 de agosto de 1930, intitulada *O Erotismo Oral na Educação das Crianças*, Ferenczi admite a existência de uma tendência traumática para a autodestruição; não fica claro, entretanto, se essa tendência é constitucional, tal como havia sido apresentado em *A criança mal acolhida em sua pulsão de morte* (1929), ou se ela surge apenas após a retirada do amor:

É evidente que a vida amorosa do recém-nascido começa no modo da passividade completa. A retirada do amor conduz inegavelmente a sentimentos de abandono. A consequência é a clivagem da própria personalidade em duas metades, uma das

quais desempenha o papel maternal. (Chupar o polegar: o polegar igual ao seio materno.) Antes que essa clivagem se produza, existe provavelmente uma tendência traumática para a autodestruição, mas que pode ainda ser inibida pelo caminho, por assim dizer: a partir do caos é criada uma espécie de nova ordem, a qual se adapta às condições exteriores precárias (p. 238).

Em nota de mesmo dia, intitulada *Toda adaptação é precedida de uma tentativa inibida de desintegração*, Ferenczi começa a apresentar de maneira explícita suas divergências em relação a Freud no que tange à noção de pulsão de morte. O primeiro movimento adaptativo é constituído pela desintegração, operada pela ação da pulsão de morte no organismo. Entretanto, este processo é muito mais passivo do que ativo; daí a inadequação do termo *pulsão de morte*. Posteriormente, o movimento de fragmentação é substituído pelo de adaptação aloplástica. A desintegração, contudo, é necessária para a sobrevivência do organismo, uma vez que torna os elementos do organismo mais simples, e, portanto, mais plásticos. Diz o autor:

Todo ser vivo reage provavelmente a uma excitação de desprazer com uma dissolução que começa por uma fragmentação (pulsão de morte?). Mas em vez de “pulsão de morte” seria preferível escolher uma palavra que exprima a completa passividade desse processo. É muitíssimo provável que mecanismos complicados (nos seres vivos) só possam ser mantidos, enquanto unidade, pela pressão do mundo circundante. Em consequência de uma mudança desfavorável do meio ambiente, o mecanismo desintegra-se, ao ponto (provavelmente ao longo de linhas de desenvolvimento históricas anteriores) em que a maior simplicidade e, por esse fato, a maior plasticidade dos elementos tornam possível a nova adaptação. Portanto, a autoplastia precede sempre a autonomia. A tendência para a autonomia¹⁰ é inicialmente completa; entretanto, uma corrente oposta (pulsão de autoconservação, pulsão de vida) inibe a desintegração e impele para uma nova consolidação, desde que a plasticidade resultante da fragmentação o permita (id. *ibid.*, p. 239).

Em 24 de agosto de 1930, em nota intitulada *Reflexões sobre o “prazer da passividade”*, Ferenczi sintetiza seu pensamento a respeito da vida pulsional psíquica e orgânica. A vida pulsional está dirigida para o repouso absoluto, que pode ser mortífero, mas não necessariamente. Enquanto este repouso pode ser mantido com a devida manutenção do organismo e de seus interesses, nenhuma modificação é necessária neste esquema. Entretanto, quando o indivíduo não consegue mais se defender da agressão que o mundo voltou contra si próprio, a própria destruição é consentida, desde que, ainda assim, o repouso seja assegurado. Aqui, o autor parece ter se decidido a respeito do melhor termo para o conceito de pulsão de morte: *pulsão altruísta*. Diz Ferenczi:

¹⁰ Aqui, é possível que haja um erro de tradução. O correto deveria ser “a tendência para a autoplastia”. Pelo menos, é o que faz mais sentido.

O problema da capacidade de suportar o desprazer, da afirmação do desprazer, inclusive da fruição a seu propósito, parece ser insolúvel sem uma especulação de grande envergadura. Sustentar e defender os seus interesses egoístas é, por certo, uma forma comprovada para assegurar-se uma tranquilidade tão pouco ameaçada quanto possível. No momento em que todas as forças de defesa estão esgotadas (ou também quando o caráter súbito da agressão surpreende os investimentos de defesa) *a libido volta-se contra a própria pessoa* com a mesma veemência utilizada até então para defender a pessoa. Poderíamos falar formalmente de uma identificação com o adversário mais forte, vitorioso (mas também poderia tratar-se de forças elementares impessoais). O fato é que uma autodestruição desse gênero pode estar ligada a sentimento de prazer e que o está, incontestavelmente, nos casos de submissão masoquista. De onde vem esse prazer? Será apenas (como tentei interpretá-lo num outro trabalho) a identificação fantasística com a destruição, ou não se deveria antes admitir que a fruição egoísta do estado de repouso, uma vez que se reconheça ser insustentável, e admitida a necessidade de uma nova forma de repouso, converte-se bruscamente num prazer de auto-sacrifício, a que se poderia em toda a confiança chamar “prazer altruísta”? Poderíamos citar aqui o exemplo do pássaro fascinado pelo olhar da serpente ou pelas garras da águia, e que, após breve resistência, precipita-se para a sua perda. – No momento em que se deve cessar de empregar o mundo em redor apenas como material para sua própria defesa e seu próprio bem-estar (quando o mundo em redor não se adapta a esse papel de ser devorado) entregamo-nos, por assim dizer, com volúpia ao sacrifício, ou seja, como matéria para outras forças egoístas mais poderosas, mais decididas. O repouso egoísta e altruísta seriam apenas, portanto, duas formas exteriores de um princípio geral de repouso superior, englobando os dois. A pulsão de repouso seria, por conseguinte, o instinto principal, ao qual estão submetidas as pulsões de vida (egoístas) e de morte (altruísta). (grifos meus, FERENCZI, 1930/1992, p. 242-3).

Cabe destacar que é a libido que se volta contra a própria pessoa, originando os fenômenos que ficaram conhecidos, a partir de Freud, como manifestações da pulsão de morte. Ainda, o esquema pulsional ferencziano poderia ser assim representado:

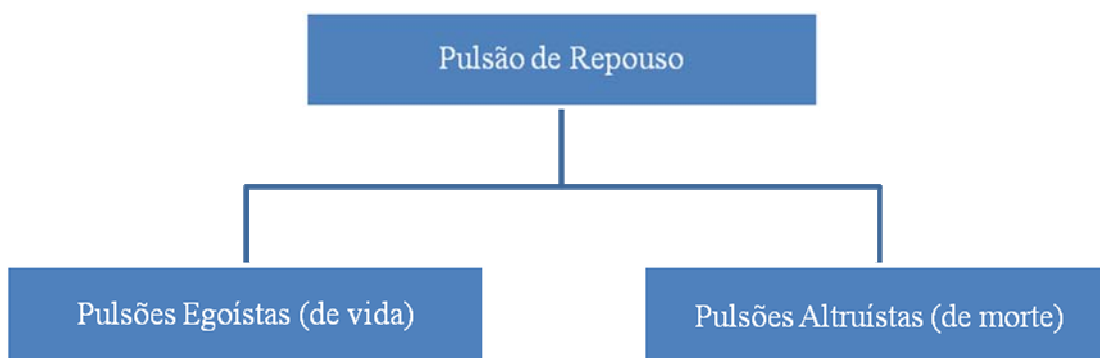


Figura 5. Esquema pulsional ferencziano

Em nota de 10 de junho de 1932, Ferenczi se refere à noção de pulsão de morte. Apesar da difícil compreensão, haja vista tratar-se apenas de anotação, ela pode dar alguns sinais da teoria pulsional ferencziana:

Que as coisas sejam influenciáveis (que elas tolerem o desprazer) é em si uma prova da existência do 2º. Princípio (de bondade) Pulsão de morte? Somente morte (damage) do indivíduo. (FERENCZI, 1932/1992, p. 259-60).

Ser influenciável significa tolerar certo desprazer. Trata-se, na verdade, de todos os fenômenos relacionados à adaptação autoplástica, quando o organismo precisa transformar algo desprazeroso, em princípio, em fato gerador de prazer, e quando não é mais possível sustentar os interesses egoístas. Essa adaptação será feita com base no princípio de bondade que, caso se tente conciliar com a teoria freudiana, seria correspondente à noção de pulsão de morte (mas, como visto, *pulsão de morte* não é um termo considerado adequado para Ferenczi, devido à passividade de todo o processo).

Em nota intitulada *Os Três Princípios Capitais*, o primeiro deles poderia ser classificado sob a rubrica da pulsão do ego freudiana, sendo definido da seguinte forma:

o princípio do egoísmo ou da autarcia, segundo o qual uma parte isolada do universo total (organismo) possui e busca assegurar em si mesmo, tanto quanto possível independentemente do mundo em redor, as condições da existência ou do desenvolvimento (FERENCZI, 1932/1992, p. 260).

Contrariamente ao princípio do egoísmo ou da autarcia, tem-se o do altruísmo. Será este que Ferenczi tentará relacionar à pulsão de morte freudiana:

Um outro princípio é o da universalidade; somente existem grupos, um mundo total, comunidade; os indivíduos são “irreais”, na medida em que se imaginam existências fora das comunidades, negligenciam as relações entre os indivíduos (ódio, amor), e levam uma espécie de vida de sonho narcísico. O egoísmo é “irreal” e o altruísmo é a consideração recíproca, a identificação justificada, paz, harmonia, renúncia pessoal, desejáveis porque justificadas pela realidade (id. *ibid.*, p. 260).

À primeira vista, parece estranho identificar a pulsão de morte com o princípio do altruísmo, mas a seguinte nota pode servir de comprovação: “Consideraria o universalismo uma tentativa da natureza de restabelecer, sem levar em conta as tendências autárquicas já existentes, a identificação mútua e, com ela, a paz e a harmonia (pulsão de morte)” (id. *ibid.*, p. 260). O primeiro princípio também tenta assegurar a paz, tal como faz o segundo; ele será equacionado à pulsão de vida freudiana e, nos comentários de Ferenczi, serve à natureza de uma maneira muito melhor do que o princípio do altruísmo (pulsão de morte). Diz o autor: “O egoísmo como uma outra tentativa já muito mais amplamente vitoriosa da natureza de criar organizações num modo descentralizado a fim de assegurar a paz. (Proteção contra as excitações): (Pulsão de vida)” (id. *ibid.*, p. 261).

Em seguida, o autor toca no tema da culpa. Para Freud, a culpa é resultado de uma tensão entre o ego e o superego. Como o superego é um produto de renúncias libidinais e agressivas, ver-se-ia no sentimento de culpa uma concentração da pulsão de morte no interior do superego. Para Ferenczi, há dois tipos de culpa. Uma delas é a culpa em face do ego, quando o indivíduo torna-se mais altruísta do que as pulsões egoístas permitem. Pode-se dizer que essa é a culpa devido à transgressão em relação à pulsão de vida. A outra delas é a culpa em face do princípio altruísta, quando a libido é retesada no ego mais do que o narcisismo exige. Seria uma culpa devido à transgressão em relação à pulsão de morte.

E, por fim, o título de uma nota de 05 de novembro de 1932, *Atração do passado (pulsão para o corpo da mãe, pulsão de morte) e fuga para longe do presente* é tão esclarecedor, que quase fala por si só: Ferenczi volta a aproximar a pulsão de morte da força de atração do passado, que estava sendo chamada de tendência à regressão.

5.3 O *Diário Clínico* (1932)

Segundo Judith Dupont, o conteúdo do *Diário Clínico* (daqui em diante, *Diário*, 1932) gira em torno de três eixos: 1. trauma; 2. análise mútua; 3. crítica da técnica psicanalítica. Apesar de ter sido publicado na forma de livro, também possui um caráter fragmentário.

Em nota de 10 de janeiro de 1932, Ferenczi trata de fenômenos intimamente ligados à noção de pulsão de morte, mas em nenhum momento a nomeia como tal:

O momento do abandono total do controle exterior (aloplástico) e da instauração da adaptação interna (no decorrer da qual se torna concebível a própria reconciliação com a destruição do Ego, ou seja, com a morte, enquanto forma de adaptação), será vivenciado internamente como um alívio, uma libertação. Provavelmente, esse momento significa para o ser humano o abandono da autoconservação para encontrar lugar num estado de equilíbrio superior, talvez universal (FERENCZI, 1932/1990, p. 39).

Primeiramente, há que se destacar que a noção de pulsão de morte para Ferenczi, caso exista, está em estreita sintonia com o princípio de prazer. Em segundo lugar, ao longo dos últimos textos e notas do autor, insinua-se uma concepção ‘universal’ das energias que governam o psiquismo, no sentido de que o ser humano é dotado de forças que, longe de lhe pertencerem, fazem parte de um campo maior, não exatamente da Natureza, mas do Universo como um todo. O princípio do egoísmo garantiria ao homem sua autonomia e autarcia, formando, assim, uma individualidade. Pelo princípio altruísta – cabe salientar, é

tentada a sua identificação com a pulsão de morte –, a adaptação é realizada no interior do próprio organismo, de maneira que desintegração, fragmentação e morte passam a ser concebíveis, dissolvendo, incorporando e ao mesmo tempo ligando a “substância humana” com os demais componentes do Universo, mas tudo em perfeita consonância com o princípio de prazer, baseado na idéia do repouso completo e absoluto. Neste sentido, ao invés de dissolver vínculos, a pulsão de morte ferencziana *ligaria* o homem a algo maior do que si. Uma leitura descuidada poderia atribuir uma espécie de tendência mística às últimas concepções de Ferenczi, mas as considerações presentes em *Thalassa* (1924), de ordem biológica e, principalmente, fisicalistas, sobretudo quando ele se refere aos estudos da Física que comprovam a agitação presente na substância inanimada, devem, no mínimo, advertir contra tal leitura.

Gradativamente, Ferenczi vai assumindo cada vez mais sua nova terminologia. Egoísmo passa a se contrapor com altruísmo ou universalismo, que parecem ser apenas nomes distintos para se referir ao mesmo fenômeno:

(...) teoricamente, não é impossível que um atributo comum superior compreenda ao mesmo tempo o indivíduo e seu meio, por exemplo, que a tendência geral da natureza para um estado de repouso enquanto princípio superior esteja operando perpetuamente a fim de nivelar a diferença entre acumulações de perigo e de desprazer. Esse princípio faz com que o meio ceda ao indivíduo sua cor própria e ajude o indivíduo a revestir-se da cor exterior. Um exemplo interessante de interação bem sucedida entre tendências egoístas e universais – coletivismo individual (id. *ibid.*, p. 50).

Em nota de 23 de fevereiro de 1932, Ferenczi acredita que há na psique um princípio organizador da natureza, ligado à feminilidade, que “pode ser concebido como um querer – e poder – sofrer” (id. *ibid.*, p. 75). Este princípio é ligado ao altruísmo, que deixaria de ser concebido como uma síntese de motivações inconscientes egoístas. Poder-se-ia acreditar que o autor alcança neste ponto uma concepção dualista, não só da natureza humana, mas da natureza como um todo, de maneira que ela deva ser considerada do ponto de vista do egoísmo e do altruísmo. Como o próprio Ferenczi afirma:

Tudo isso seria tão-somente uma modificação aparentemente ligeira da hipótese freudiana das pulsões de vida e de morte. Eu daria outros nomes à mesma coisa. A pulsão de “impor-se” e a pulsão de conciliação constituem juntas a existência, ou seja, a vida em todo o universo (id. *ibid.*, p. 75).

Entretanto, a leitura que vem sendo empreendida até aqui leva à idéia de uma concepção monista da vida, que poderia ser chamada por *pulsão ou princípio de repouso*. As pulsões egoístas ou altruístas (de vida ou de morte) seriam apenas formas através das quais o apaziguamento pode ser atingido

De qualquer forma, Ferenczi explicita, claramente, que o termo “pulsão de morte” lhe parece inadequado. Tanto o feminino quanto o masculino, o altruísmo quanto o egoísmo, a conciliação quanto a imposição, o masoquismo quanto o sadismo, o deixar-se sofrer quanto ao livrar-se das tensões penosas, são fenômenos vitais, que nada têm a ver com morte ou pulsões de morte. Entretanto, o sofrimento passa a ser visto, não apenas como algo tolerável, mas também desejável. Não é demais destacar, trata-se do aspecto masoquista da pulsão de conciliação:

A singular conseqüência da hipótese segundo a qual existe o pulsional na vontade de conciliação, leva logicamente à afirmação de que para a substância, ou para o ser no qual essa pulsão é, ou torna-se, forte ou até dominante, o sofrimento não só é algo tolerável, mas até desejável, uma fonte de satisfação. Exemplo principal: o prazer da maternidade é, com efeito, o prazer de tolerar seres vivos parasitas que se desenvolvem de maneira perfeitamente egoísta às custas do próprio corpo da mãe. Analogia com isso: o sofrimento do ser humano faminto de amor cuja vista desperta o princípio feminino da vontade de conciliação (id. *ibid.*, p. 76).

Na continuidade, o autor aproxima as novas pulsões invocadas com os dois princípios do funcionamento mental: “Sob a pulsão de “impor-se” podemos colocar o princípio de prazer freudiano; sob a pulsão de conciliação, o princípio de realidade” (p. 76). É possível que Ferenczi assim proceda pelo fato de a pulsão de conciliação implicar certa tolerância ao desprazer, tal como no princípio de realidade. Contudo, essa aproximação, à primeira vista, parece problemática sob diversos aspectos, cuja análise foge ao escopo deste trabalho.

Novamente, em 26 de abril e 1932, o autor volta no ponto das relações entre o egoísmo e as tendências altruístas:

Entretanto, oferece-se ainda uma outra solução, segundo a qual nem todo o masoquismo nasceria da angústia, mas segundo a qual a bondade e o auto-sacrifício contrabalançariam as tendências egoístas, enquanto instinto em si ou talvez enquanto força natural. Ou então, será necessário opor ao que é masculino a pulsão de morte enquanto pulsão de bondade, de auto-sacrifício, como algo de maternal-feminino? (id. *ibid.*, p. 129).

Há dois princípios para o funcionamento mental, e diversos nomes são propostos para ambos. De um lado, tem-se o princípio do feminino, ou pulsão de conciliação,

pulsão altruísta, eventualmente até relacionado à pulsão de morte freudiana, que responde pelos fenômenos do masoquismo. De outro, há o princípio do masculino, ou pulsões egoístas, tendências egoístas, pulsão de imposição, estritamente relacionado aos fenômenos do sadismo. Contudo, deve-se deixar claro que ambos estão submetidos a um princípio maior, baseado na idéia do repouso e do apaziguamento.

Em nota de 10 de maio de 1932, Ferenczi confirma a idéia de que o masoquismo está em perfeita consonância teórica com o princípio de prazer, mediante o processo de identificação com o agressor. Nas palavras dele, tudo se passa como se o masoquista pensasse mais ou menos da seguinte forma: “(...) eu não sinto sequer a dor que me é infligida, porque não existo. Em compensação, sinto a satisfação e o gozo do agressor, que ainda posso perceber” (id. *ibid.*, p. 142). Assim: “A tese básica de toda psicologia, a qual pretende que a única função da psique consiste em atenuar os sofrimentos, fica assim salvaguardada” (id. *ibid.*, p. 142). Mas não é apenas através da identificação que o masoquista consegue se aliar ao princípio de prazer. Se ele não manifestar qualquer tipo de defesa mediante o agressor, pode obter, através dessa atitude, menos sofrimento:

Se me submeto tão completamente à vontade dele [do agressor] que deixo de existir, se, portanto, não me oponho a ele, talvez me conceda salvar a vida; pelo menos, tenho mais esperança, ao excluir qualquer luta de resistência, de ver o agressor agir de um modo menos destrutivo. Um corpo completamente relaxado será menos destruído por uma punhalada do que um corpo que se defende. (id. *ibid.*, p. 142-3).

Paradoxalmente, em nota de 3 de junho de 1932, Ferenczi, em forma interrogativa, parece subscrever completamente o conceito de pulsão de morte, e mais, liga-o de uma maneira inequívoca à angústia, tal como fará Melanie Klein: “(...) A angústia não é o sentimento do domínio da pulsão de morte, um começo de morte (starvation)?” (id. *ibid.*, p. 154). No mesmo dia, o autor se pergunta qual dos dois impulsos é o primário: a agressividade dirigida para fora ou a autodestrutividade. Em suas palavras: “O que é primário: a agressividade? Ou a regressão à autodestruição?” (id. *ibid.*, p. 155).

Em nota de 12 de junho de 1932, baseado em suas idéias sobre a hipocrisia profissional do psicanalista e na manutenção da compulsão à repetição através dessa atitude, aparentemente colaborativa, mas francamente iatrogênica, Ferenczi encontra outra explicação para o masoquista que, em última instância, é uma pessoa que preza pela sinceridade, pela honestidade. Sendo assim, prefere um agressor autêntico a um amante dissimulado:

A criança suporta melhor um tratamento sem doçura, mas sincero, do que a objetividade e a frieza supostamente pedagógicas, mas que escondem a impaciência e o ódio. Aí está uma das causas do masoquismo; prefere-se apanhar do que sentir a calma e a objetividade simuladas! (id. *ibid.*, p. 160).

Em 26 de junho de 1932, retorna a questão de saber se há dois ou apenas um princípio, na natureza como um todo e, em especial, na natureza humana. Em outras palavras, se há apenas a pulsão de se impor ou pulsão egoísta, ou se há espaço também para a pulsão de conciliação ou pulsão altruísta. Ferenczi parece chegar a um bom acordo quanto a este tópico. Em boas condições, apenas a pulsão egoísta faz-se presente na mente e no comportamento humano; porém, em situações nas quais o desespero reina por completo, há espaço para o aparecimento de um princípio masoquista. Diz o autor:

Este último princípio [o da resignação, da adaptação obediente, da submissão] só parece intervir se a pressão da tensão que se opõe contra ou pesa sobre o fato de se impor torna-se tão intoleravelmente forte que até mesmo a esperança, por assim dizer, de realizar seus desejos tem de ser abandonada. Por essa pressão, o ego é completamente aniquilado, os elementos não mais se mantêm unidos em decorrência de algum princípio de unidade, e esse segundo princípio pode intervir, formando a partir da substância que se tornou informe uma nova espécie de matéria. (p. 184).

Isso não quer dizer que haja apenas a pulsão de imposição; é perfeitamente possível a existência de ambos os princípios desde o início da vida, apenas com a ressalva de que a pulsão de conciliação torna-se mais evidente quando a força do ambiente opressor parece superar às do próprio egoísmo. De qualquer forma, é evidente como a aniquilação do organismo configura-se apenas como uma última alternativa, quando não há mais esperança de continuar existindo do modo anterior. Apenas uma observação: se anteriormente o organismo era mantido coeso apenas em função das forças exterior, neste momento Ferenczi concebe um princípio de unidade a partir do interior.

Em nota de 28 de junho de 1932, Ferenczi novamente depara-se com os dois princípios da natureza. O movimento é vacilante, o autor não parece chegar a qualquer conclusão a respeito, segue determinado caminho, volta atrás, enfim, trata-se de uma questão não resolvida. Por fim, afirma que o fundamental, na natureza, é a busca pela paz, não importando por qual dos dois princípios ela seja garantida:

A aptidão para tal adaptação à renúncia só pode, talvez, ser explicada se admitirmos a existência na natureza, a par do princípio egoísta de impor-se, de um segundo princípio de apaziguamento; portanto: egoísmo (infantilidade, masculinidade), oposto ao maternal, isto é, à bondade. Talvez mencionar aqui, como analogia, o fato da compressão dos gases e sua liquefação terminal no mundo inorgânico e o mimetismo, etc., em biologia. Tudo se passa, portanto, como se a natureza só se

preocupasse em instaurar a paz, de um modo ou de outro. A paz por apaziguamento, sem nenhuma consideração dos desejos, ou a paz pela abnegação (id. *ibid.*, p. 188).

Em 30 de junho de 1932, Ferenczi volta a se referir diretamente à pulsão de morte, afirmando que o bebê recém-nascido tem uma tendência a retornar ao estado inorgânico maior do que as pessoas adultas. Assim:

(...) O resumo mais conciso desse quadro talvez tenha sido encontrado pelo Dr. Thompson, que diz: os seres humanos, no início de suas vidas, ainda não possuem individualidade. Poderia inserir-se neste ponto a minha afirmação sobre a tendência para a extinção (adoecer e morrer, nas crianças de tenra idade) e a predominância neles da pulsão de morte; a forte impressionabilidade talvez não seja também mais do que um sinal da fraqueza da pulsão de vida e da auto-afirmação, é possível até que já seja um começo de morte, mas de algum modo em suspenso (id. *ibid.*, p. 189-90).

E, na continuidade, deixa claro que a pulsão de morte está em estreita ligação com o princípio de prazer:

Antes do período alucinatório, existe portanto um período de mimetismo puro; mesmo neste, é finalmente posto um fim à situação de desprazer, não, porém, mediante uma modificação do mundo circundante, mas pela flexão da substância viva, ou seja, um abandono parcial da débil tendência para a afirmação que acaba de ser tentada, uma resignação e uma adaptação imediata do próprio eu ao meio” (id. *ibid.*, p. 189-90).

Em nota de mesma data, a esquizofrenia é ligada a este mecanismo de identificar-se ao meio, ou seja, à pulsão de conciliação, apaziguamento, masoquismo, pulsão de morte, seja lá como for: “A esquizofrenia é uma reação de mimetismo *fotoquímica* no lugar da auto-afirmação (revanche, defesa)” (grifos meus, id. *ibid.*, p. 192). Fotoquímica (luz, física, química, e, portanto, biologia): não há misticismo no universalismo.

Ainda em 30 de junho de 1932, o princípio do altruísmo ganha o papel de mecanismo primário, em decorrência da auto-afirmação:

A “reação de mimetismo” fotossensível na natureza é mais primária do que a reação de afirmar-se e de se impor. O segundo princípio, que, aparentemente, nem existe e que a ciência não leva em consideração (a reação de apaziguamento) é o mais primário (O mais infantil). Em virtude de uma educação errada (irritante), parece que se perdeu (id. *ibid.*, p. 192).

Ainda em 30 de junho de 1932, o princípio do altruísmo passa a ser equacionado a uma espécie de bondade *não-neurótica*, que faz parte do processo de sublimação, juntamente com a transformação das moções apaixonadas:

(...) provavelmente, dois processos intervinham na sublimação, ou seja, no prazer do bem-estar, do desenvolvimento pessoal da bondade e da ternura recíprocas: 1) efetivamente, no sentido freudiano, uma mudança de direção de moções apaixonadas agressivo-egoístas, mas que são irrealizáveis; 2) chega-se a supor que existe ainda uma segunda fonte da benevolência recíproca, mais primária, em conformidade com a natureza e não neurótica (p. 194).

Mas não apenas a sublimação passa a ser entendida sob uma nova ótica, como os fenômenos do adoecimento, embora, como o próprio Ferenczi afirma, este princípio de bondade não seja de caráter neurótico:

Por conseguinte, talvez seja falso atribuir todas as manifestações de bondade ou de excesso de bondade das pessoas atingidas de neurose obsessiva a uma agressividade sádica compensada ou supercompensada. Mesmo que todos os sofrimentos que provocaram a agressividade inconsciente tenham sido reproduzidos na análise e liquidados de uma maneira nova com simpatia e compreensão, e mesmo que a camada de terror e suas estruturas defensivas ansiosas e fóbicas tenham sido demolidas, *subsiste o problema de saber o que poderá ter tornado a criança capaz de encontrar uma forma de adaptação tão inteligente, tão desinteressada, dir-se-ia de boa vontade, em vez de perseverar, como ocorre manifestamente com tanta frequência, nas atitudes de defesa e de desafio, e de autodestruição. Pense-se também nos maravilhosos processos da natureza, tais como o mimetismo e, sobretudo, a simbiose* (grifos meus, id. ibid., p. 194).

Para o autor, há dois tipos de bondade: uma exagerada, neurótica, apaixonada, violenta, e outra realmente ingênua, oriunda, talvez, do segundo princípio da natureza humana:

Se nos entregássemos, sem vergonha, à formulação de profecias, diríamos que o que o espera do futuro não é a vitória do capitalismo unilateral e brutal, bem como a do igualitarismo fantasista, mas um pleno reconhecimento da existência de pulsões puramente egoístas, que permanecem sem controle, mas que devem ser em parte realmente satisfeitas, e a eliminação de muita bondade exagerada, neurótica e ainda apaixonada, violenta em seus efeitos, poder-se-ia dizer (política do “Pássaro, come ou morre”), e talvez, enfim, a lenta eclosão de uma benevolência ingênua (p. 195).

Em nota de 24 de junho de 1932, Ferenczi trata da pulsão de morte, mas cabe salientar que, novamente, ela aparece apenas entre parênteses, como se autor tivesse tentando conciliar suas idéias com as de Freud:

O indivíduo ainda inacabado só pode prosperar num meio ótimo. Numa atmosfera de ódio, não pode respirar e perece. Psicicamente, a destruição exprime-se na fragmentação da própria psique, ou seja, o abandono da unidade do Ego. Se o indivíduo ainda “semilíquido” não é sustentado de todos os lados por esse ótimo, ele tende a “explodir” (a pulsão de morte de Freud). Mas de um modo que nos parece místico, os fragmentos do Ego permanecem ligados, ainda que deformados e encobertos, uns aos outros (p. 221).

Assim, o autor deixa claro que a pulsão de morte, de Freud, manifesta-se quando o indivíduo não se encontra em um meio ótimo, acolhido com amor. Assim, como diria André Green (1988), a pulsão de morte não se manifesta de forma automática. Cabe ainda uma observação: o fato de a explosão do ego *parecer* mística não implica que ela assim o seja.

Em 13 de agosto de 1932, Ferenczi volta a enfatizar a importância do segundo princípio da natureza humana:

A ciência também é “passional” quando só enxerga e reconhece os instintos egoístas. Mas a necessidade natural de compartilhar os sentimentos de prazer após a saturação normal correspondente, e o princípio de harmonia na natureza, não são suficientemente considerados (id. *ibid.*, p. 248).

E, por fim, explicita os motivos pelos quais o termo “pulsão de morte” não lhe pode ser o mais apropriado, a partir de suas perspectivas teóricas:

A idéia da pulsão de morte vai longe demais, ela já está impregnada de sadismo; a pulsão de repouso e a partilha (com-municação), sharing do prazer e do desprazer acumulados “em excesso”, eis o que é verdade, ou era, a menos que ocorra uma perturbação artificial, isto é, traumática (id. *ibid.*, p. 248).

Ferenczi sintetiza o exame realizado neste trabalho. A pulsão de repouso continua válida como um princípio básico e organizador do psiquismo humano. Com partilha, Ferenczi possivelmente está se referindo ao segundo princípio da natureza humana, que recebeu diferentes nomes ao longo deste *Diário*. E, como afirmado várias vezes, somente em situações extremas, traumáticas, nas quais o indivíduo sofre agressões violentas por parte de outrem, é que um mecanismo de autodestruição pode ser ativado, mecanismo este que, mesmo assim, está em perfeita obediência aos comandos do princípio de prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA SÍNTESE POSSÍVEL ACERCA DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE NA OBRA DE FERENCZI

Primeiramente, cabe considerar que a atração de Ferenczi pelos fenômenos de repetição e regressão, sem dúvida, destaca-se em toda a sua obra. Pode-se dizer que esta orientação já estava presente desde o início, quando da publicação de *Transferência e Introjeção* (1909) e *O Conceito de Introjeção* (1912), quando o amor ao objeto é entendido como fruto de um mecanismo de introjeção, de modo que este seja incorporado ao ego, tornando-se, assim, familiar ou menos hostil. Em última instância, o sujeito ferencziano apenas ama si próprio; daí no amor objetual sempre estar presente uma regressão à etapa narcísica ou auto-erótica do desenvolvimento da libido.

O autor submeterá o desenvolvimento do ego ao mesmo tratamento ao da libido, quando, em *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios* (1913), a partir do estudo do processo de diferenciação entre o eu e o não-eu, todo o desenvolvimento egóico – normal e patológico – será entendido a partir do mecanismo da regressão. Note-se, por exemplo, que já na segunda etapa do desenvolvimento do eu, denominada período da onipotência alucinatória mágica, o primeiro desejo do bebê é o anseio regressivo de retomar a vida intra-uterina, quando na havia frustrações e, por conseguinte, desejo. A partir daí, uma série de patologias e comportamentos tidos como normais serão entendidos como formas de restauração a etapas anteriores do desenvolvimento.

O ponto alto deste procedimento é, sem dúvida, *Thalassa* (1924), obra que, por esse motivo, foi examinada mais atentamente no decorrer deste trabalho. Sua primeira tese mais importante é a de que a sexualidade em toda sua evolução, “desde a sucção do polegar no bebê até o coito heterossexual” (FERENCZI, 1924/1993, p. 268), levando-se em conta a identificação do ego com o pênis e a secreção genital, é uma tentativa de regressar à situação intra-uterina, época anterior à dolorosa ruptura entre o ego e o meio-ambiente, ocasionada pela experiência do nascimento. Desde essa ótica, o desejo edipiano passa a ser englobado por essa tendência biológica, mais geral, para o repouso. Contudo, ao examinar, por um lado, a ereção e a fricção do órgão genital masculino – sendo o prepúcio que engloba a glândula, para o autor, a reprodução em miniatura do útero que engloba o feto – e, por outro, as manifestações fisiológicas e comportamentais durante a cópula, Ferenczi propõe que, no coito, regride-se, não apenas à bem-aventurada situação intra-uterina, como também à dolorosa experiência do nascimento; daí o fato de que, nele, está presente o fenômeno da compulsão à repetição.

Neste momento, cabe destacar que, pelo exame de trabalhos anteriores, foi apontado que a compulsão à repetição, para o autor, possui estreita relação com a tendência autoterapêutica do organismo. Através dela, o organismo, invadido por estimulações excessivas, as descarrega gradativamente, em pequenas doses, até restabelecer o seu equilíbrio. Por outro lado, em seus últimos trabalhos, está presente a idéia de que esta ab-reação, por si só, não garante o restabelecimento do equilíbrio do indivíduo e, portanto, a cura. É necessária uma postura antitraumatogênica por parte do analista, que deve abdicar da hipocrisia profissional, sendo verdadeiro com seu paciente até no que diz respeito a representações desagradáveis ou afetos hostis em relação a ele. Ao adotar essa postura, o analista diferencia-se dos pais traumatizantes, quando, então, a tendência a repetir pode ser substituída pela rememoração; o que implica, de um ponto de vista teórico, que a compulsão à repetição, longe de ser vinculada a processos internos do organismo e, sobretudo, à pulsão de morte, é colocada na dependência de um determinado *vínculo interpessoal* (ambiente).

Assim, retomando, no coito, as pulsões não-liquidadas, resíduos da experiência traumática do nascimento, encontram-se alojadas no líquido seminal, sendo descarregadas a cada cópula. É desta maneira que a compulsão à repetição manifesta-se no ato sexual, cabendo salientar que, para Ferenczi, ela parece estar em consonância com o princípio de prazer: “(...) a compulsão à repetição derivaria, portanto, essencialmente do germe, livrando o indivíduo, a cada repetição (ou a cada coito) de uma fração de desprazer” (FERENCZI, 1924/1993, p. 285).

Na continuidade, a partir da representação do peixe, nadando ou flutuando na água, que simboliza, como foi comprovado pela experiência psicanalítica, tanto o coito quanto a situação intra-uterina, o autor lança a hipótese de que a existência intra-uterina dos mamíferos superiores pode ser uma repetição da vida aquática dos primeiros seres vivos e, assim, o nascimento corresponderia a uma recapitulação da secagem dos oceanos, que obrigou estes seres vivos a se adaptarem à vida terrestre. Desta forma, no ato sexual, regride-se, por um lado, à situação intra-uterina e à existência aquática, e, por outro, à experiência do nascimento e à traumática adaptação à vida terrestre.

Contudo, uma questão ainda resta ser respondida: como e por que a genitalidade dos animais superiores realizou a fusão, numa única entidade, da tendência à satisfação da pulsão de regressão ao corpo materno e ao oceano, com o instinto de conservação da espécie da espécie e de fecundação, da qual era, ao que tudo indica, totalmente independente na origem. Com a tese de que, no ato de acasalamento, regride-se, não apenas às situações já enumeradas, mas, também, à “existência unicelular dos tempos

primitivos e sua perturbação por uma catástrofe primitiva que obrigou esses seres unicelulares a fundirem-se numa unidade” (FERENCZI, 1924/1993, p. 299), esta questão pode ser suficientemente respondida. Assim:

o orgasmo não é apenas a expressão da *quietude intra-uterina* e de uma existência aprazível num meio mais acolhedor, mas também *daquela tranqüilidade que precedia o aparecimento da vida, a quietude morta da existência inorgânica* (grifos do autor, id. *ibid.*, p. 300).

É neste exato ponto que os caminhos de Freud e Ferenczi se *aproximam*, no que concerne à noção de pulsão de morte. Entretanto, se for possível afirmar que, para Ferenczi, no coito, está em ação um processo comandado por esta pulsão, ela teria de estar, se não em consonância com o princípio de prazer, pelo menos, com uma espécie de princípio de apaziguamento, haja vista Ferenczi empregar os termos *tranqüilidade*, *quietude* e, em outras passagens, repouso. À primeira vista, a pulsão de morte ferencziana pareceria bastante inócua, pelo fato de a regressão à existência inorgânica – presente no coito – não colocar o indivíduo em perigo, uma vez que todas as precauções já teriam sido tomadas para que ele saia ileso desta experiência, mesmo mediante o retorno a situações traumáticas. Contudo, ao descrever seu raio de ação, não apenas no coito em si, mas na vida como um todo, e ao equacioná-la com o princípio do zero, a extinção da espécie não pode ser descartada, não fosse a experiência de novos traumas:

Se retivermos a idéia desenvolvida por Freud de uma tendência dominante em todo o ser vivo no sentido de se esforçar pela realização de um estado totalmente livre de excitações e, em última instância, da quietude inorgânica (instinto de morte), poderemos acrescentar que, ao longo dessa transmissão de uma geração a outra do material traumático de excitações penosas, cada existência individual ab-reage uma parte dessas excitações pelo próprio fato de vivê-las. Na ausência de novas perturbações ou de catástrofes, esse material traumático esgota-se pouco a pouco, o que equivaleria à extinção da espécie em questão. (id. *ibid.*, p. 302-3).

Ainda assim, o caráter aniquilador da tendência regressiva deve ser relativizado, já que ela também possui um efeito revigorante sobre o organismo:

(...) o indivíduo deve o revigoramento passageiro que extrai tanto da sexualidade como do sono a esse mergulho numa experiência paradisíaca onde não havia ainda lutas, somente crescimento e desenvolvimento, sem a necessidade de qualquer esforço. Diz-se que nos estados mórbidos a cura ocorre essencialmente durante o sono; consideramos ser também possível falar, a justo título, dos milagrosos efeitos curativos do amor; parece que nos dois casos a natureza recorre a forças geradoras arcaicas para colocá-las a serviço da regeneração (id. *ibid.*, p. 313).

Assim, mais do que vida ou morte, o que o organismo realmente busca é retornar a etapas anteriores: “Seja como for, a concepção bioanalítica dos processos da evolução vê em toda parte *desejos* que agem no sentido de *restabelecer estados de vida ou de morte anteriores*” (id. *ibid.*, p. 322). Em suma, retorna-se a situações de prazer (o que não requer explicações adicionais) e desprazer (no intuito de ab-reagir energias não-liquidadas), regressão esta que, no limite, corresponderia à existência inorgânica – e, portanto, à morte. Contudo, deve-se destacar que os mecanismos de destruição descritos por Ferenczi são quase em sua totalidade – não fosse a extinção da espécie – apenas parciais e utilizados posteriormente para a continuidade da vida. Ainda, foi visto como a regressão é tanto egóica quanto libidinal, além de possuir caráter revigorante, em algumas circunstâncias, de maneira que, nesta etapa de sua elaboração teórica, seria mais correto postular um monismo pulsional baseado na tendência à regressão, do que propriamente identificar a força de atração do passado à pulsão de morte. O próprio Ferenczi esboçou este posicionamento.

* * *

Em apenas dois trabalhos posteriores a *Thalassa* (1924), a saber, *O problema da afirmação do desprazer* (1926) e *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), Ferenczi trabalha explicitamente com o conceito de pulsão de morte em sua teoria.

Em *O problema da afirmação do desprazer* (1926), com o objetivo de desvendar os processos internos que acompanham o abandono do sentimento de onipotência para se alcançar o reconhecimento da realidade, Ferenczi acaba por apresentar uma concepção inovadora acerca da fusão e desfusão pulsional. Enquanto, para Freud, nos processos em que ocorre a fusão, a pulsão de vida neutraliza a ação da pulsão de morte, e a desfusão sempre acarreta uma ação mais livre da última, em Ferenczi, no intrincamento pulsional, ambas as pulsões neutralizam-se mutuamente, ao passo que o desintrincamento pode acarretar uma ação menos obstaculizada tanto de Eros quanto das pulsões de destruição. Acerca da ação da pulsão de morte no decorrer da escala evolutiva, quanto maior a distância que separa o organismo do estado inorgânico, maior a dificuldade da pulsão de morte em obter êxito completo; assim, portanto, os seres menos evoluídos são os que mais facilmente deixam-se morrer. E, por fim, ao tentar explicar como, “na adaptação ao meio ambiente real, (...), certas partes do mundo exterior hostil são incluídas no ego (...), enquanto que, por outro lado, há a renúncia a partes amadas do ego” (FERENCZI, 1926/1993, p. 401), nos casos em que esta renúncia é “total e sem compensação” (id. *ibid.*, p. 401), ou seja, aparentemente sem o ganho

de prazer por parte do indivíduo, a teoria da pulsão de morte, por meio da autodestrutividade, vem servir a seu auxílio:

Uma vez que é impossível livrar-se de apuros com esse gênero de explicação otimista, o jeito é recorrer à teoria das pulsões, segundo Freud, e constatar que, em certos casos, as pulsões de destruição voltam-se contra a própria pessoa, que, inclusive, a tendência para a autodestruição, para a morte, é a pulsão mais primitiva, e que só no transcorrer do desenvolvimento é que ela passa a ser dirigida para o exterior (id. *ibid.*, p. 401-2).

Contudo, ainda assim, trata-se de uma autodestruição parcial, que abre o espaço necessário para a retomada do desenvolvimento:

(...) o mais surpreendente nessa autodestruição é o fato de que neste caso (na adaptação, o reconhecimento do mundo circundante, a formulação de um julgamento objetivo) a destruição converte-se verdadeiramente na “causa do devir”. É tolerada uma destruição parcial do ego, mas somente com o objetivo de construir, a partir do que restou, um ego capaz de resistência ainda maior (...) (id. *ibid.*, p. 402).

No artigo *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), Ferenczi parte de idéia muito semelhante à que foi apresentada em *O problema da afirmação do desprazer* (1926). O bebê, da mesma forma que os seres menos evoluídos, está mais próximo do estado de não-ser, de modo que é muito mais fácil a ele retornar à condição inorgânica. Contrariamente ao que se pensava, nesta etapa da vida, são as pulsões de morte as mais preponderantes, e, apesar da exuberância do crescimento e desenvolvimento do infante, isto só acontece devido a “condições particularmente favoráveis” (FERENCZI, 1929/1992, p. 50), representadas pela ternura e cuidados que recebe, o que o leva a perdoar os pais por terem-no “posto no mundo sem perguntar qual era a sua intenção” (id. *ibid.*, p. 50). Na ausência deste cuidado e ternura, “as pulsões de destruição logo entram em ação” (id. *ibid.*, p. 50).

* * *

Após a tentativa de aproximar o conceito freudiano de pulsão de morte da tendência à regressão, em *Thalassa* (1924), e a breve assunção, aparentemente completa, da primeira noção, em *O problema da afirmação do desprazer* (1926) e *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), o pensamento de Ferenczi, no que concerne à vida pulsional, adquire uma dimensão bastante singular. Nesta última perspectiva, a anterior tendência regressiva cede espaço para um princípio de repouso geral e universal, não propriamente do

indivíduo, mas da natureza ou do universo como um todo, cuja meta é o estado de paz ou apaziguamento¹¹, e que engloba dois outros princípios, “menores”, porque subordinados ao anterior, cujas denominações proliferam no decorrer de suas anotações, quais sejam:

- Primeiro princípio: princípio do egoísmo ou tendência egoísta; princípio da autarcia ou da autonomia; pulsão de “impor-se” ou de imposição. Será equiparado à auto-afirmação, à masculinidade e, inclusive, à pulsão de vida; terá estreitas relações com o sadismo. De acordo com seu funcionamento, o organismo “busca assegurar em si mesmo, tanto quanto possível independentemente do mundo em redor, as condições da existência ou do desenvolvimento” (FERENCZI, 1932/1992, p. 260).

- Segundo princípio: pulsão altruísta; princípio de bondade; princípio da universalidade ou universalismo; pulsão de conciliação; princípio da resignação, da adaptação obediente ou da submissão; mimetismo puro. Será equiparado ao feminino, ao maternal, ao masoquismo e, em uma tentativa de conciliação com Freud, à pulsão de morte. Quando ele entra em ação, o organismo entrega-se “para outras forças egoístas mais poderosas, mais decididas” (FERENCZI, 1930/1992, p. 243), abandonando a autoconservação “para encontrar lugar num estado de equilíbrio superior, talvez universal” (FERENCZI, 1932/1990, p. 39), em que “somente existem grupos, um mundo total, comunidade” (FERENCZI, 1932/1992, p. 260).

O segundo princípio será utilizado para explicar como o organismo adapta-se de maneira autoplástica (afirma ou aceita o desprazer, nos termos de Ferenczi), muitas vezes claramente à revelia do egoísmo – e, portanto, aparentemente sem compensação – e, ainda assim, de maneira a encontrar prazer nessa modificação de si (às vezes, na autodestruição), como fica claramente demonstrado no masoquismo. Tal processo também ocorre, de modo extremo, em condições marcadamente traumáticas, que eram comuns nos pacientes que Ferenczi atendia na época (casos de vitimização sexual, por exemplo). É neste sentido que o autor afirma que “a fruição egoísta do estado de repouso (...) converte-se bruscamente num prazer de auto-sacrifício” (FERENCZI, 1930/1992, p. 243). Contudo, duas ressalvas devem ser feitas. A primeira é que este processo autodestrutivo reveste-se de um caráter extremamente passivo, daí a inadequação do conceito de pulsão de morte para nomeá-lo:

¹¹ É verdade que a busca pelo repouso já estava presente na tendência à regressão. Entretanto, nesta última fase de seu pensamento, ela ganha cada vez mais destaque, em detrimento ou independentemente da tendência regressiva.

Todo ser vivo reage provavelmente a uma excitação de desprazer com uma dissolução que começa por uma fragmentação (pulsão de morte?). Mas em vez de “pulsão de morte” seria preferível escolher uma palavra que exprima a completa passividade desse processo (FERENCZI, 1930/1992, p. 239).

Em segundo lugar, a autodestruição parece ser posta em ação apenas em momentos de extremo desespero e, portanto, traumáticos:

Este último princípio (...) só parece intervir se a pressão da tensão que se opõe contra ou pesa sobre o fato de se impor torna-se tão intoleravelmente forte que até mesmo a esperança, por assim dizer, de realizar seus desejos tem de ser abandonada. Por essa pressão, o ego é completamente aniquilado, os elementos não mais se mantêm unidos em decorrência de algum princípio de unidade, e esse segundo princípio pode intervir, formando a partir da substância que se tornou informe uma nova espécie de matéria. (FERENCZI, 1932/1990, p. 184).

Até que o trauma não sobrevenha, o segundo princípio parece simplesmente ter o caráter de uma bondade genuína e de um desejo de compartilhamento de excessos de prazer e desprazer e, talvez, seja nesse sentido que ele deva ser entendido como primário, como coloca o autor, o que se configura como mais um motivo para Ferenczi repudiar a noção de pulsão de morte que, em sua visão, já está impregnada de sadismo:

A idéia da pulsão de morte vai longe demais, ela já está impregnada de sadismo; a pulsão de repouso e a partilha (com-municação), sharing do prazer e do desprazer acumulados “em excesso”, eis o que é verdade, ou era, a menos que ocorra uma perturbação artificial, isto é, traumática (FERENCZI, 1932/1990, p. 248).

Fazendo agora um brevíssimo apanhado. Para Freud, a pulsão de morte é primária e automática, atuante desde o princípio, tanto é que ao menos uma parte dela terá de ser desviada para o exterior, com o auxílio da libido e do aparelho muscular. Mediante renúncias libidinais e agressivas necessárias ao desenvolvimento, uma parte dela instala-se no superego, que adquirirá então um caráter de severidade, a partir do qual ele oprimirá o ego, podendo inclusive levá-lo à morte, como ocorre na melancolia. Os fenômenos regressivos e a compulsão à repetição estarão todos ligados ao funcionamento da pulsão de morte, apesar das hesitações iniciais de Freud neste sentido.

Quanto à compulsão à repetição, em Ferenczi, procurou-se mostrar como ela está a serviço de uma tendência autoterapêutica do organismo, até mesmo nos trabalhos iniciais, e como ela se encontra na dependência de um vínculo interpessoal, nos últimos trabalhos.

Contudo, de fato foi visto como a tendência regressiva do organismo ocupa lugar central no pensamento ferencziano, e isto desde os primeiros trabalhos, até seu ápice, em *Thalassa* (1924). Entretanto, foi visto também como a mesma não pode ser identificada fácil ou completamente à noção pulsão de morte, pelas diversas razões exaustivamente salientadas no decorrer deste trabalho de pesquisa.

A partir de certo tempo, porém, a ênfase dos trabalhos de Ferenczi recai sobre os processos de adaptação autoplástica, seja os comuns à vida, tal como a exigência educativa que recai sobre a criança pequena, seja os marcadamente traumáticos; em outras palavras, a tentativa é de explicar como o indivíduo consegue transformar um desprazer originário em algo através do qual ele pode obter alguma espécie de prazer, mesmo às custas de si próprio, de sua individualidade e de suas tendências egoístas.

É neste momento que Ferenczi fará uso, novamente, de um monismo pulsional, baseado, não na regressão, desta vez, mas no princípio do repouso e do apaziguamento, que englobará duas outras tendências contrárias: a pulsão de imposição e a pulsão de conciliação, correspondentes a uma pulsão de vida e de morte, respectivamente.

Entretanto, o termo *pulsão de morte* parece claramente inadequado para Ferenczi, devido, por exemplo, à extrema passividade do processo de submissão, adaptação ou de autodestruição. Além disso, apesar da pulsão de conciliação ter sido colocada como um princípio primário do organismo, ela não é, de forma alguma, automática, uma vez que parece atuar mais diretamente apenas em condições claramente desfavoráveis ao indivíduo, quando as forças do meio superam as possibilidades de reação e de defesa do ser.

Devido a estas considerações, é plausível afirmar que a noção de pulsão de morte tal como preconizada por Freud, se ocupa algum espaço na teorização ferencziana, não é de maneira alguma fácil de ser encaixada neste, e, portanto, deve ser problematizada, ainda que Ferenczi tenha reconhecido que a autodestruição seja um dos mecanismos defensivos engendrados pelo ser humano para se lidar com o trauma.

REFERÊNCIAS

BOKANOWSKI, T. **Sándor Ferenczi**. Trad. de Mônica Seincman. São Paulo: Via Lettera, 2000.

CAROPRESO, F. S. **A natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana**. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

FALZEDER, E.; BRABANT, E.; GIAMPIERI, P. (org.) **Correspondência Sigmund Freud & Sándor Ferenczi 1908-1911**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

FALZEDER, E.; BRABANT, E.; GIAMPIERI, P. (org.) **Correspondência Sigmund Freud & Sándor Ferenczi 1912-1914**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FERENCZI, S. **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Psicanálise II**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Diário Clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FREUD, S. (1893-1895). **Estudos sobre a histeria**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 2).

_____. (1900). **A interpretação de sonhos**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 4).

_____. (1900). **A interpretação de sonhos**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 5).

_____. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 7).

_____. (1911). **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12).

_____. (1913 [1912-13]). **Totem e tabu**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13).

_____. (1915). **A repressão**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14).

_____. (1915). **Os instintos e suas vicissitudes**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14).

_____. (1917 [1915]). **Luto e melancolia**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14).

_____. (1920). **Além do princípio de prazer**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18).

_____. (1923). **O ego e o id**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19).

_____. (1924). **O problema econômico do masoquismo**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19).

_____. (1933 [1932]). **Ansiedade e vida instintual**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 22).

_____. (1933). **Sándor Ferenczi**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 32).

_____. (1940 [1938]). **Esboço de psicanálise**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23).

_____. (1950 [1895]). **Projeto para uma psicologia científica**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 1).

FIGUEIREDO, L. C. **Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

_____. **Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea**. São Paulo: Editora Escuta, 2003.

GREEN, A. et al. **A pulsão de morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

HOLT, R. R. **Freud Reappraised: a fresh look at psychoanalytical theory**. New York: The Guilford Press, 1989.

KLEIN, M. Inveja e Gratidão (1957). In: _____. **Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946 – 1963**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

LAPLANCHE, J. **Vida e Morte em Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. **Vocabulário da Psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

ROBERT, M. **A Revolução Psicanalítica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

SULLOWAY, F. J. **Freud, Biologist of the Mind**: beyond the psychoanalytic legend.
Cambridge: Harvard University Press, 1992.